



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

ELIEL NERIS JOAQUIM

**QUALIDADE DE VIDA, ÉTICA E AUTOCULTIVO PROFISSIONAL: UM
ESTUDO A PARTIR DAS NARRATIVAS DE DOIS MÚSICOS-PROFESSORES**

MARINGÁ

2024

ELIEL NERIS JOAQUIM

**QUALIDADE DE VIDA, ÉTICA E AUTOCULTIVO PROFISSIONAL: UM
ESTUDO A PARTIR DAS NARRATIVAS DE DOIS MÚSICOS-PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música.

Orientadora: Dra. Vania A. Malagutti

MARINGÁ

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação(CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

J62q

Joaquim, Eliel Neris

Qualidade de vida, ética e autocultivo profissional: um estudo a partir das narrativas de dois músicos-professores / Eliel Neris Joaquim. -- Maringá, PR, 2024.
127 f. : il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Vania Malagutti.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Música e Artes Cênicas, Programa de Pós-Graduação em Música, 2024.

1. Músicos - Professores. 2. Atuação profissional em Música. 3. Autocultivo - Profissionais de música. 4. Ética profissional - Profissionais de música. 5. Qualidade de vida - Profissionais de música. I. Malagutti, Vania , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Música e Artes Cênicas. Programa de Pós-Graduação em Música. III. Título.

Jane Lessa Monção - CRB 9/1173

CDD 23.ed. 780.7

Aos meus Professores e Alunos... Muito Obrigado!

Agradecimentos

É muito gratificante poder chegar nesse momento do mestrado e poder aqui agradecer, reconhecer e valorizar as pessoas que possibilitaram minha chegada até aqui.

Agradeço aos meus pais, meus avós, e a todas as pessoas que antes de mim se dedicaram a família e da educação como ferramenta de construção pessoal e conseqüentemente em transformação social. Meus pais, mesmo com o orçamento apertado, sempre incentivaram a mim e aos meus irmãos a ler. Minhas primeiras memórias do seio familiar são de momentos em que antes de saber ler e escrever minha mãe lia histórias bíblicas das lições da escola sabatina antes da refeição da manhã. Durante todo tempo em que ainda morava com eles, o costume de levantar cedo para ler a lição individual e fazer o devocional familiar antes de sair de casa para a escola desenvolveu em mim o prazer de estudar. Minha avó (in memoriam) tinha o costume de escrever cartas para toda família que morava longe; mesmo analfabeta, ela ditava para mim ou meus irmãos para escrever tudo que ela desejava; obrigado avó! Obrigado pai e mãe!

Agradeço aos meus irmãos, Elisângela e Elias. Tenho o privilégio de ter irmãos maravilhosos em que posso sempre contar. Minha irmã foi a minha primeira professora de música; por muito tempo, ela separava parte do salário dela para custear minhas aulas de música, serei eternamente grato à você. Meu irmão estudou teoria musical na mesma turma que eu na infância, hoje é profissional da área de tecnologia e sempre me dá suporte no que preciso; sou muito grato à você também.

Agradeço à EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA! Toda a minha formação desde a educação básica, ensino médio e ensino superior feitos integralmente nas instituições públicas de ensino. Obrigado a cada professor!

Agradeço à minha orientadora Vania Malagutti pelos sábios conselhos, pelas muitas horas de conversa, pela paciência e coragem de tornar um simples projeto em algo que hoje significa muito para mim. Obrigado pelo acolhimento, não apenas no mestrado, mas desde o início da graduação. Seu modelo de aula, suas abordagens, seu entusiasmo, sua criatividade e coragem em ousar, me inspiram a ser um melhor educador, melhor músico e melhor ser humano.

Agradeço à CAPES e à todos os professores do departamento de música da UEM.

Agradeço à todas as pessoas que me acolheram aqui em Maringá, em especial: Adenilza Rincon e Nice Mandarin. As contribuições que vocês me proporcionaram foram de muito valor. Permanecer morando

sozinho e vivendo por conta própria numa cidade longe da minha família foi possível através de pessoas como vocês.

Agradecimento a um amigo que muito considero: Christian Mendes de Oliveira. A primeira vez que cogitei a possibilidade de fazer mestrado você me disse o que eu precisava ouvir naquele momento e durante todos esses anos, sua amizade tem sido fundamental.

Agradeço à minha professora de piano Ana Maria Wiezzer por sempre acreditar em mim e primeiro enxergar a possibilidade de me tornar quem sou hoje.

Agradeço aos meus amigos do grupo Arte&voz da cidade de Cascavel PR. Estar com vocês durante dois anos foi uma experiência intensa e profunda que mudou completamente o curso da minha vida. Me incentivaram, me deram apoio para ir em busca do que eu acreditava ser o melhor para mim.

Agradeço aos meus amigos de especialização na UEL; em especial Matheus Cruz, Débora Santos, Aline Clissiane. A convivência com vocês faz a minha vida ser melhor. Cada um de nós está hoje numa fase diferente da vida e é lindo ver como são pessoas que são agentes de transformação onde estão. Meu carinho, respeito e admiração por cada um de vocês.

Agradeço aos amigos Ricardo Molter e Michele Coelho pela amizade de tão longa data. Ontem adolescentes se divertindo com música. Hoje, mestres e profissionais que atuam com excelência.

Agradeço o professor de violino Marcos de Lazzari Júnior, pelo incentivo no início da minha carreira como músico e como professor de violino aqui em Maringá. Seu apoio foi crucial para minha permanência aqui.

Agradeço ao professor de viola Jhonatan Santos e a sua esposa Thalita Deldotti pelo apoio, principalmente em tempos pandêmicos. Estudar viola sob sua orientação é uma grande honra.

Agradeço ao meu professor de curso técnico e também amigo Tauan Sposito. Suas aulas e incentivo foram de muito valor, especialmente naquele momento. Ver seu empenho em atender a todos os alunos e também estar atuando no palco como artista é inspirador!

Agradeço ao meu professor de Regência Nicolás Gonzalez. Sua contribuição artística na minha formação é de muito valor. Sua experiência e atuação profissional são inspiradores.

Agradeço aos amigos Geraldo Ribas e Rafaella Haddad. É uma honra e um grande prazer dividir o palco e fazer música com vocês.

Agradeço ao amigo Levi Silva pelas discussões pedagógicas e por compartilhar sua experiência de sala de aula como professor de arte da rede estadual de educação. Sua paixão e comprometimento em

proporcionar aos seus alunos sempre o melhor possível é um privilégio que seus alunos têm.

Agradeço a amiga Nicole Reis, colega do mestrado para a vida. Carinhosamente a chamo de estrelinha. Sua forma de enxergar a vida e fazer com que o caos se torne a coisa mais incrível é impressionante. Obrigado pelas reflexões de como tornar as nossas aulas mais humanas e mais musicais. Afinal, nunca foi sobre música, sempre foi sobre eles! (alunos).

Aos amigos, Guilherme Santana, Joel Ccorahua, Marlon Moreira, André Benitez, Rodrigo Benitez, Abner Marcelino, Ananda Mendonça, Luciano Lima, Cintia Rocha, Sara Marques, Cláudio Bueno, Lucas Kim, Israel Garcia, Marcus Silva, Sara Benitez, Rafael Ribeiro, Artur Rizzatti, João Leme, Álisson Trindade, Andréia Grudtner, Natalina Soriani, Felipe Gatti... Obrigado pela existência de cada um de vocês.

Agradeço aos colaboradores dessa pesquisa: Ricardo Molter e Simone Savytzky. Obrigado por compartilhar parte de vossas vidas com esse trabalho. Ouvir os relatos de vocês em cada entrevista transformou muito minha forma de atuar profissionalmente. Baseado na história de vocês, viver de música também é uma arte!

Agradeço ao Sicoob Metropolitano de Maringá, por acreditar, incentivar e manter as atividades com música para proporcionar bem estar a tantas pessoas.

Agradeço ao Sesc Maringá e aos meus colegas de trabalho: Larissa Dias, Ricardo Agostini, Érico Bondezan, Gabriel Gobbi, Renato Segati, Welligton Eleutério, Paulo Baptistelli, Lucas Machado, Marcelo Souza, pessoas que compartilham a cada dia a experiência e o privilégio de ser educador musical dentro do contexto de projeto social. É uma honra dividir esse espaço com cada um de vocês.

Agradeço a cada aluno por me lembrar que o valor do conhecimento está nessa troca, nesse lugar de compartilhamento onde um desperta no outro algo novo que encanta, que faz brilhar, que move, que mostra beleza de sempre estar aprendendo.

Agradeço a Deus... Por tudo isso!



(...)

*Mais largo do que uma milha
Eu o atravessarei com elegância um dia*

(...)

*Aonde quer que você esteja indo
Eu vou seguir o seu caminho*

(...)

Há tanta coisa no mundo para se ver

(...)

(Henry Mancini)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como ocorre o processo de atuação profissional de músicos-professores e a equalização com a vida pessoal. As questões que nortearam as discussões foram: como os profissionais em música que atuam em frentes distintas simultaneamente, gerem suas carreiras de modo que haja um equilíbrio entre docência, performance, estudos e demais áreas da vida? Para isso, contei com dois profissionais em música que exercem simultaneamente a função de violinistas e de professores de violino: Ricardo Molter, professor do Conservatório Municipal de Música de Ponta Grossa - PR, e *spalla* da Orquestra Sinfônica do Paraná; e, Simone Ritzmann Savytzky, proprietária de uma escola de música, onde atua como professora de violino e instrumentista de Orquestra Sinfônica do Paraná. A pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa (Silveira e Córdova, 2009) e teve como técnica de construção de dados a entrevista narrativa (Creswell, 2014). As entrevistas foram gravadas e transcritas, e posteriormente analisadas à luz dos conceitos teóricos que sustentam a pesquisa, sendo eles: o autocultivo e a ética profissional (Chris Higgins, 2011; Wayne Bowman, 2012) e a qualidade de vida (Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero, 2021). Os dados revelam a maneira como os músicos-professores entrevistados gerem suas carreiras e de que forma equilibram suas múltiplas funções com os estudos e demais área da vida - como família, lazer e cuidados com a saúde. Os resultados indicam que o fato de eles perseguirem o desejo de serem músicos e investirem em suas formações, ao mesmo tempo em que precocemente começaram a atuar em diferentes campos da música (como dando aulas, tocando em orquestras e fazendo cachês em eventos diversos), permitiu maior sustentação profissional, onde cada atividade retroalimentou a outra. Ambos os entrevistados buscam equalizar a vida pessoal com a vida profissional e demonstram que, embora o percurso com música tenha tido diversos desafios, os retornos foram compensatórios - tanto no que se refere à realização profissional e pessoal, quanto ao reconhecimento e rendimentos financeiros.

Palavras-chave: Músicos-professores, Atuação Profissional, Autocultivo, Ética Profissional, Qualidade de Vida.

ABSTRACT

This research aimed to understand how the process of professional performance of musician-teachers occurs and the equalization with personal life. The questions that guided the discussions were: how do music professionals who work on different fronts simultaneously, manage their careers so that there is a balance between teaching, performance, studies and other areas of life? For this, I had two music professionals who simultaneously work as violinists and violin teachers: Ricardo Molter, professor at the Municipal Conservatory of Music of Ponta Grossa - PR, and concertmaster of the Paraná Symphony Orchestra; and Simone Ritzmann Savytzky, owner of a music school, where she works as a violin teacher and instrumentalist of the Paraná Symphony Orchestra. The research was developed in the qualitative approach (Silveira and Córdova, 2009) and had the narrative interview as a data construction technique (Creswell, 2014). The interviews were recorded and transcribed, and later analyzed in the light of the theoretical concepts that support the research, namely: self-cultivation and professional ethics (Chris Higgins, 2011; Wayne Bowman, 2012) and quality of life (Ruidiaz-Gómez and Cacante-Caballero, 2021). The data reveal the way in which the musician-teachers interview manage their careers and how they balance their multiple functions with studies and other areas of life - such as family, leisure and health care. The results indicate that the fact that they pursued the desire to be musicians and invested in their training, at the same time that they began to work in different fields of music (such as teaching, playing in orchestras and making fees in various events), allowed greater professional support, where each activity fed back the other. Both interviewees seek to equalize their personal and professional lives and demonstrate that, although their career with music has had several challenges, the returns have been compensatory - both in terms of professional and personal fulfillment, as well as in terms of recognition and financial income.

Keywords: Musician-teachers, Professional Performance, Self-cultivation, Professional Ethics, Quality of Life.

SUMÁRIO

DOIS ANOS ANTES DE INICIAR O MESTRADO.....	12
<u>COMEÇANDO O PERCURSO.....</u>	<u>15</u>
<u>DISCUTINDO A PROFISSÃO: REVISÃO DE LITERATURA E CONCEITOS</u> <u>TEÓRICOS</u>	<u>28</u>
O QUE AS PESQUISAS TÊM APONTADO.....	28
CONCEITOS TEÓRICOS: AUTOCULTIVO, ÉTICA PROFISSIONAL E QUALIDADE DE VIDA....	35
<u>COMO A PESQUISA FOI REALIZADA: OS BASTIDORES DO PERCURSO</u> <u>INVESTIGATIVO</u>	<u>43</u>
ENTREVISTA NARRATIVA.....	44
CONSTRUÇÃO DOS DADOS	47
TRATAMENTOS DOS DADOS	48
<u>SIMONE SAVYTZKY: UMA HISTÓRIA DE QUASE 6 DÉCADAS COM E NA</u> <u>MÚSICA</u>	<u>52</u>
INICIAÇÃO MUSICAL E CONTEXTO FAMILIAR	52
ATUAÇÃO PROFISSIONAL	61
ATUAÇÃO EM OUTRAS ATIVIDADES ALÉM DA MÚSICA	68
A VIDA PARA ALÉM DA MÚSICA.....	73
<u>RICARDO MOLTER: VIVENDO DE MÚSICA</u>	<u>76</u>
INICIAÇÃO MUSICAL E CONTEXTO FAMILIAR	76
ESTUDAR EM OUTRA CIDADE E PERCURSO ACADÊMICO	80
ATUAÇÃO PROFISSIONAL	92
A VIDA PARA ALÉM DA MÚSICA.....	105

FINALIZANDO A PESQUISA..... 109

REFERÊNCIAS..... 116

APÊNDICES 119

Dois anos antes de iniciar o mestrado...

2020. Início da pandemia do Covid 19. Orçamento reduzido pela metade devido ao confinamento social e sem previsão de voltar a atuar como músicos e professor. Quase tudo relacionado à música parou. Não sabia como que as coisas iriam seguir em frente, e muito menos de que forma. Nesse momento, imaginei que talvez nunca mais iria tocar em uma orquestra ou reger um coral. Cheguei a pensar que as atividades musicais em grupo ficariam no passado e o mundo todo estava entrando numa nova forma de interação social, na qual nada do que eu havia me preparado durante toda a vida pra fazer, serviria.

Gosto muito de gastronomia e então decidi que iria investir nessa área – porque mesmo diante do caos, todas as pessoas precisavam comer. Fui ter uma experiência em uma cozinha industrial. Guardei meus diplomas em música, porque agora estava atarefado dentro de uma cozinha industrial usando touca e avental, picando cebola, organizando o estoque, limpando o chão e lavando louça, muita louça! Minhas orientadoras nesse momento eram três senhoras que me acolhiam e me apoiavam.

Quatro meses após iniciar esse novo trabalho, senti formigamento na mão direita. Primeiro no dedo indicador e aos poucos nos demais dedos. Formigavam o tempo todo, principalmente durante a noite. Fui pesquisar com amigos médicos e o diagnóstico era: síndrome do túnel do carpo. Entrava todos os dias na cozinha às 8h e saía às 18h. Fazia as três refeições diárias lá. Saía exausto, completamente acabado. O local ficava próximo da igreja onde eu trabalhei até iniciar a pandemia. Quando terminava o expediente na cozinha, eu abria a igreja e me trancava numa sala. Às vezes estudava, às vezes ficava horas olhando para o teto e pensando em como iria suportar esse "novo normal".

Mesmo cansado, fazia aula online de viola, uma vez por semana. Esse momento meu, após o expediente na cozinha, me fazia lembrar de quem eu realmente era. Em algumas aulas confessei ao Jhonatan, meu professor de viola “eu não agüento mais!” Tocar viola a partir desse momento teve um significado muito mais profundo: de alguma forma me acalmava e trazia pro eixo onde gosto de estar. As terapias de psicanálise, que antes da pandemia faziam parte

rotina semanal, foram substituídas pelos treinos de viola, um pedaço de madeira com quatro cordas, que de alguma forma me acalmava e mantinha a ansiedade e a depressão sob controle. Eu queria surtar e xingar, mas não fiz isso, escolhi estudar viola. E estudei muito!

Quando terminava meu momento “musical e terapêutico”, ia para academia. Lá eu corria, puxava ferro, fazia qualquer atividade para esgotar meu corpo até o limite. Aí sim, ia para casa, tomava um banho e caía desfalecido na cama. A rotina do próximo dia me aguardava.

Nesse ritmo intenso, soube do concurso da Orquestra Força Aérea Brasileira- OFAB em Brasília. Salário estável e uma carreira militar. Nunca imaginei ser militar, mas diante da situação, parecia ser uma boa alternativa. Aceitei o desafio, me preparei para tocar uma peça que estava além da minha habilidade naquele momento. Preparei o meu corpo, aprendi a correr, a fazer flexão e abdominais, porque estar em boa forma física era conteúdo obrigatório para as provas. Treinava todos os dias, às vezes mais de uma vez.

Final de 2020. Pandemia bombando. Comecei as provas, que eu faria 5 etapas, o que significou cinco idas de ônibus de Maringá à Brasília. Ao chegar num ambiente militar, que para mim parecia uma base de guerra, era uma situação que me assustava muito. Eu pensava: “até aonde isso tudo vai?” Ah, a mão direita continuava formigando! Não sabia se continuaria tocando meus instrumentos por muito mais tempo. Eram 26 horas de viagem, dava tempo de pensar em muita coisa. Perdi amigos na pandemia. E ficava pensando se tudo que eu estava passando era uma espécie de teste. Agora que finalmente havia encontrado a viola, um instrumento que amava tocar e que me sentia representado, o mundo virara de pernas pro ar!

Nesse concurso haviam apenas sete vagas disponíveis e ao final, dos 45 candidatos inscritos, fiquei classificado em 9º lugar. Mesmo aprovado, eu não estava classificado entre os sete primeiros candidatos. Lembro-me bem de como me sentia, no retorno da última viagem. A sensação não era de derrotada porque percebia o quanto tudo isso tinha me feito crescer em muitos aspectos. Enxergava ganhos, mas, não fazia a menor ideia de como seguiria ganhando a vida ou vivendo de música, em um mundo que mantinha o isolamento social.

O caos que o mundo estava atravessando, me manter ocupado (cozinha), emocionalmente estável (viola), e manter meu corpo em movimento (exercícios físicos) não era o que eu queria fazer, mas era o que eu PRECISAVA fazer. Porém, eu não queria retomar essa rotina. Não queria mais trabalharna cozinha. Também não queria mais trabalhar como músico na igreja, como tinha feito nos últimos anos anteriores à pandemia. Definitivamente eu não queria mais aquela vida! Mas... voltei para a cozinha e voltei a trabalhar com música na igreja e retomei tudo que fazia antes, porém eu não era mais a mesma pessoa. Aquilo

não era mais pra mim! Continuei as corridas, os treinos e estudando viola. Não sabia quanto tempo mais iria suportar tudo aquilo. A mão direita ainda seguia formigando e eu com medo de que algum dia ela travasse definitivamente e eu não pudesse mais tocar.

Nesse momento decidi ingressar no curso técnico em viola da Escola de Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Foi então que decidi interromper o trabalho na cozinha. Algumas semanas depois o formigamento da mão direita foi ficando cada vez mais ameno. Aulas de instrumento, aulas em turma, pianista co-repetidor, tudo isso agora faria parte da minha rotina semanal. Aos poucos e muito lentamente, parecia que a música estava novamente fazendo parte, efetivamente, da minha vida.

Sai da cozinha com muito respeito e gratidão por terem me acolhido e me ensinado na prática como ser uma pessoa melhor. Lá trabalhei com mulheres que me ensinaram sobre humildade e sobre como fazer o melhor – e ser melhor – a cada dia. Desliguei-me profissionalmente da igreja, porque passei a ver outras perspectivas. Eu tornei-me outra pessoa. Em meio a tantas mudanças, segui...Eu acredito em alguém maior que, lá de cima, cuida de tudo por aqui. Passaram-se pouco mais de seis meses, recebi um edital do SESC – Serviço Social do Comércio de Maringá, que dispunha de uma vaga para orientador de atividades violino/viola. Eu *sabia* que era pra mim. No final do ano de 2021, fui selecionado como orientador de atividades do SESC-PR. Mais que trabalhar com música, teria também segurança de ter um salário ao final de cada mês e mais alguns benefícios oferecidos aos funcionários, pela instituição. O contato presencial com os alunos, mesmo que com distanciamento e cuidados básicos, já me davam mais esperança de dias menos sombrios.

Nesse mesmo ano, me inscrevi e fui selecionado para o programa de mestrado do Departamento de Música da Universidade Estadual de Maringá. Um grande passo comemorado com muito orgulho – que deu origem a pesquisa que relato nessa dissertação.

Começando o percurso...

Um pouco da minha história

Minhas primeiras memórias musicais são da primeira infância; antes mesmo de ser alfabetizado me recordo de momentos musicais dentro do ambiente familiar e religioso. Toda minha família sempre esteve envolvida com atividades na igreja e a música estava sempre presente de alguma forma. Na maioria das vezes cantada e eventualmente algum instrumento acompanhando. Na igreja existia um piano para acompanhar o canto congregacional, mas raramente tinha alguém pra tocá-lo. Durante um período, minha mãe cuidava da zeladoria da igreja e eu, ainda pequeno e não tendo instrumento em casa, passava horas ali “brincando de tocar”, enquanto minha mãe trabalhava. Sentado no banco do piano, os pés ainda não encostavam no chão nem alcançavam os pedais, mas as primeiras melodias e acordes começavam, aos poucos, a fazer sentido. Nos cultos da igreja, quando não havia ninguém para tocar, comecei a acompanhar os cantos, tocando “de ouvido”.

No início dos anos de 1990, houve uma avalanche de mães interessadas em colocar os filhos para estudar teclado e com minha família não foi diferente.

Era considerado um bom costume ter a filha da família estudando música. Nesse momento, minha irmã mais velha que eu, começou a ter aulas de teclado. Lembro do esforço que minha mãe fez para comprar um teclado simples, mas que seria fundamental naquela fase, não apenas para minha irmã, mas para todos nós. Para mim, era a novidade do momento observar ela treinando, organizando os materiais, se preparando para ir às aulas, aprendendo novas lições. Observava atentamente os treinos dela, para que em outro momento, quando o teclado estivesse disponível, ser a minha vez de procurar as notas da melodia e tocar. Meus pais não tinham condições de manter dois filhos estudando música, minha irmã era a contemplada da vez. Dois anos depois, a Casa da Cultura de Toledo – cidade do interior do Paraná, onde morávamos – passou a oferecer aulas de teoria musical por um valor mais acessível e eu fui matriculado e tive meu primeiro contato formal com a escrita tradicional de música.

Os dois primeiros anos foram os mais difíceis. As informações que tinha acesso nas aulas de teoria não conversavam com a prática musical que eu já desenvolvia naquele momento. O professor era um senhor de origem alemã, ex-seminarista, que tinha muito conhecimento; entretanto, eu, uma criança de dez anos, pouco compreendia o que ele queria dizer. A partir do terceiro ano, somadas com as aulas de teclado e piano, os conteúdos teóricos começaram aos poucos a fazer sentido na prática.

Tive alguns professores de teclado e de piano que contribuíram para o meu desenvolvimento musical: Rosangela Clivati, Anna Maria Wieezer, Lisie Zeni e Lélis Hermes. Dentre elas, destaco Anna Maria Wieezer, uma professora de piano muito especial. Em certa ocasião ela foi me assistir tocar com um grupo vocal de amigos da igreja, que eu ensaiava. Na aula seguinte, ela conversou sério comigo relatando as impressões dela com o meu desempenho e como me enxergava no futuro. Afirmou que se eu quisesse ser pianista, ela faria a parte dela, mas eu deveria fazer a minha. Eu compartilhei a dificuldade financeira da minha família e ela se dispôs a abrir mão de metade do valor cobrado pela escola, em troca do meu desempenho. Foram três anos intensos de

aulas, recitais, audições e outras atividades que ela desenvolvia. Essa atitude dela foi um fator determinante para minha carreira. Até então não me imaginava que um dia poderia viver de música, nem que esse seria um possível mercado de trabalho.

Logo após concluir o ensino médio, meu primeiro emprego com música foi numa empresa terceirizada que oferecia aulas de musicalização em algumas escolas da rede municipal de educação na cidade de Toledo, durante os anos de 2003 a 2005. Até então, ajudava meu pai numa oficina mecânica e estudava piano de noite. Por indicação de um dos meus professores e sem nenhum preparo prévio, aceitei trabalhar no ambiente escolar com a disciplina de musicalização infantil e coral. Assumi 25 turmas, com alunos entre cinco e dez anos de idade.

No ano de 2004, ingressei na universidade no curso de ciências sociais. O curso era noturno e a rotina de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, deu início a partir desse momento. Um ano depois, deixei o curso. Nesse período continuava estudando piano e iniciei os estudos do violino, porque senti necessidade de conhecer um instrumento melódico para enriquecer as aulas de musicalização. Foi nessa época que participei pela primeira vez do festival de música¹ de Cascavel-Pr, onde toquei em uma orquestra e tive contato com professores de instrumentos que atuavam em orquestras profissionais e/ou lecionavam em universidades. Foi uma experiência que me impactou.

No ano seguinte, em 2005, fui convidado para dar aula de violino numa escola particular em Toledo, mesmo com pouca experiência neste instrumento. Nesse ano também comecei a viajar para Cascavel, cidade vizinha de Toledo, para tocar nos cultos de finais de semana, que ofereciam uma atividade musical mais intensa. Nos dois anos seguintes acompanhei grupos vocais e instrumentais e os corais da igreja. Foi uma prática que me deu muita bagagem e experiência musical.

¹**Festival de Música de Cascavel** – Evento de música do oeste paranaense que teve no ano de 2023 a sua 33ª edição. <https://doity.com.br/33-festival-de-musica-de-cascavel>

Nessa fase, conheci pessoas que me incentivaram e me ajudaram muito a acreditar na possibilidade de viver de música. Uma delas, em especial, Nelsi Rodrigues (*in memoriam*) professor de violino de uma geração de músicos do oeste paranaense. Não lecionava apenas violino; mas também viola, violoncelo e alguns instrumentos de sopro. Era autodidata e estudava muito. Tinha uma prática musical intensa ligada à sua igreja onde atuava semanalmente. Mais do que um professor de música, era um grande empreendedor. Vivía integralmente das atividades musicais que coordenava. Lembro com muito carinho de um dia, após as aulas de um dos festivais de música de Cascavel, ele me convidou para tomar um café na sua casa. Conversamos e tocamos juntos. Na ocasião ele me mostrou o projeto da igreja nova que ele estava ajudando a construir. Ele foi enfático em afirmar que eu tinha possibilidades de seguir uma carreira e viver exclusivamente de música, assim como ele. Sempre serei grato pela sua generosidade.

Em 2007, ingressei na graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá - UEM, na habilitação Licenciatura em Educação Musical. A partir de então, música seria minha exclusiva fonte de renda. O curso funcionava em tempo integral, o que tornava esse desafio ainda maior. Trabalhar teria que ser de maneira alternada com os horários de aula. Dar aulas, tocar em eventos, editar partituras foram atividades que passaram a fazer parte da minha rotina, além das aulas na universidade. Um dos fatores importante que permitiu financeiramente minha permanência em Maringá, foi o convite para fazer parte da Orquestra Filarmônica Unicesumar² - OFUC. O valor repassado aos músicos era exatamente a quantia que meu aluguel, que naquele momento era minha maior necessidade.

Meu principal foco nessa época era desenvolver minhas habilidades musicais. Além das disciplinas do curso, me matriculei também em algumas do bacharelado: piano, violino, regência coral e canto. Durante os dois primeiros

²A **Orquestra Filarmônica Unicesumar** - OFUC, foi criada em 2003 e é mantida pelo Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR. Possui um corpo artístico de 65 músicos sob a regência de Davi Oliveira. <https://www.unicesumar.edu.br/dca/dca-departamento-de-cultura-e-artes/orquestra/>

anos eu praticamente morava na universidade. Sentia a necessidade de crescer musicalmente, não apenas porque eu gostava, mas principalmente porque era algo exigido nas atividades profissionais. Tocar e dar aula eram “dois idiomas” que eu precisava ser fluente.

No segundo semestre do segundo ano de graduação, entendi que esse curso iria exigir de mim tempo e energia consideráveis em leituras e planejamentos de aulas, principalmente devidos aos estágios. Já estava com vinte e quatro anos e acreditava que, se eu almejava, num futuro próximo, tocar um instrumento com excelência, quanto mais protelasse essa espera, mais caro isso me custaria. Decidi fazer a mudança de habilitação para o curso de bacharelado em violino. Mesmo tendo maior experiência musical com o piano, profissionalmente foi com o violino que tive mais retorno financeiro e que mantinha as minhas despesas. Nesse momento, tive grande apoio do meu professor de violino; foram várias conversas esclarecedoras onde me senti acolhido e incentivado a assumir mais esse desafio. Fui a festivais, me inscrevi em master classes, fiz cachês em outros grupos e sempre que tinha oportunidade de tocar, lá estava. Não era uma situação confortável; devido ao tempo maior de experiência ao piano, meu corpo funcionava consideravelmente melhor nesse instrumento, em comparação ao violino. Foram vários momentos sensíveis que me faziam questionar se deveria ou não continuar insistindo no ímpeto de viver de música. Não tive escolha a não ser agir. Não parei de estudar e tampouco de trabalhar. Ao contrário, estudei mais, estudei muito. No ano de formatura, acordava mais cedo e praticava antes e depois da jornada de trabalho. Naquele ano, fazer o recital de formatura, escrever o trabalho de conclusão de curso e ainda continuar com a rotina de diferentes frentes de trabalho no campo da música, eram as metas a serem cumpridas. Não foi fácil, mas foi feito!

No ano seguinte, ingressei na especialização em arranjo musical da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Foi uma alternativa para respirar novos ares, oxigenar e ressignificar a minha prática musical. Semanalmente, dois dias na semana, íamos eu e mais três colegas também músicos. Desse

curso, obtive muitos ganhos, dentre eles o contato com pessoas que estavam inseridas no mesmo contexto de trabalho que eu. Comecei a ampliar meu olhar para a prática musical e pedagógica, enxergando mais perspectivas de atuação. Grande parte disso, devido aos diálogos que empreendia com meus colegas no trajeto de Maringá a Londrina. Esses momentos, conseqüentemente promoveram o estreitamento de laços de amizade, resultando em cumplicidade e trocas de experiências musicais e profissionais.

Após a conclusão da especialização, retornei a UEM. Ingressei como portador de diploma para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Musical. Nesse momento, ainda mantinha minha prática musical com o violino, porém não mais lidando como prioridade. Ao todo, foram mais dois anos de curso para concluir as disciplinas restantes.

Durante 2009 e 2015, atuei como professor de violino e viola na escola de música de um colégio confessionado em modelo de internato, o Instituto Adventista Paranaense - IAP, sendo que em 2012, assumi também a função de regente e arranjador do grupo de cordas, onde tive minha primeira experiência de estar a frente de um grupo instrumental de alunos. Eventualmente era convidado para tocar nos eventos do colégio. Estas atividades exigiam que eu estivesse “em dia” com meu instrumento, estudando e mantendo minha prática diária de treinos.

Nessa fase, conheci melhor a abordagem de Shinichi Suzuki, fiz alguns cursos que tiveram impacto significativo na minha atuação como professor de música. Pela primeira vez, entendi que era possível ter uma vida de prática musical, dar aulas e ainda ser feliz fazendo isso. Por algum tempo, não acreditava nessa possibilidade. Estava eu, de certa forma, habituado a estudar e trabalhar simultaneamente vivendo sob a demanda de datas e prazos para cumprir. Após a graduação, continuar estudando e amadurecendo como instrumentista e professor, era um desafio para mim.

Dentre minhas atuações profissionais, a que mantive por um período maior de tempo foi a de músico de igreja; período de 2010 até final de 2021. Era remunerado para organizar e dar suporte a todas as atividades musicais dentro

desse espaço. Basicamente, minha função era dividida em dois momentos sendo o primeiro envolvendo aulas, ensaios, edição de partituras, organização de eventos e planejamento, tudo isso distribuído durante a semana. O segundo momento acontecia durante os cultos e celebrações; atividades litúrgicas semanais onde aconteciam a maior parte das apresentações musicais. Normalmente, igrejas evangélicas possuem uma atividade musical intensa, e que nesse caso não era diferente. Minhas obrigações como profissional de música eram dar aulas piano e violino – os alunos tocavam frequentemente nos cultos; conduzir os ensaios dos grupos instrumentais – banda, quarteto de flautas e quarteto de cordas –; conduzir os ensaios e regência dos grupos vocais – coral adulto, grupo vocal, quarteto masculino, grupos de louvor; escrever arranjos e editar partituras para esses grupos musicais; organizar o cerimonial dos cultos; montar escala de cantores e organizar a agenda musical da igreja; promover eventos como viagens, programas musicais especiais em teatros, espaços públicos, outras igrejas; tocar em todos os cultos; recitais dos alunos ao final de cada semestre; atender a demanda de eventuais programas extras. Não raramente, a carga horária de trabalho ultrapassava as 40 horas semanais.

Dar aula de música significa mais que uma atividade profissional que me gera renda; é uma prática que me realizo como pessoa. Contudo, eu consigo ser mais eficiente como educador quando na minha própria prática, me desenvolvo e busco um nível cada vez maior. No meu caso, esse desenvolvimento é adquirido com o estudo de repertório, orientações com músicos mais experientes, tocar com outros colegas músicos, manter uma rotina de apresentações que me mantem em movimento, buscando o aprimoramento técnico e musical. Essas duas frentes de trabalho se complementam e se justificam dando suporte uma à outra.

A pesquisa

Diante deste relato pessoal, que revela parte do meu percurso formativo e profissional em música, cheguei no tema da minha pesquisa de mestrado, que

visou compreender o perfil profissional de dois violinistas, músicos-professores, atuantes no Paraná, que se mantêm ativos em suas frentes de atuação e estudos. O interesse por este viés de estudo está alicerçado na minha própria história, que guarda questionamentos e inquietações de como equilibrar e manter o percurso profissional que, no meu caso e para muitos outros profissionais, se desdobram em diferentes campos de atuação, como a prática instrumental e a docência, simultaneamente, além de demandar o investimento contínuo nos estudos.

As pesquisas do campo da música apontam os múltiplos campos de atuação e funções específicas que muitos profissionais em música se envolvem simultaneamente (Aquino, 2007; Pimentel, 2015 e 2019; Vieira, 2017; Reis 2023). Paralela a esta questão está a precocidade na atuação profissional, que comumente se inicia paralelamente ao processo formativo (Morato, 2009; Pimentel, 2015). Há ainda as pesquisas que indicam que a maioria dos músicos com formação em bacharelado em instrumento, seguem suas carreiras atuando também como professores (Chagas Neto, 2014; Weber, 2019).

Para este estudo, parto do pressuposto de que os elementos relacionados ao desempenho profissional em música estão diretamente vinculados à construção do desenvolvimento musical e pedagógico, calcados no próprio desenvolvimento humano. Neste sentido, compartilho das ideias de Higgins (2011), que defende a importância dos profissionais - e em especial, os professores - se manterem em uma linha ascendente de crescimento profissional e pessoal, que os mantém dispostos à atuação. Higgins (2011) afirma que o professor não pode ser um profissional que somente contribui para com o crescimento do outro, mas precisa estar também se abastecendo de conhecimentos ao longo de sua docência. Neste sentido, ele - o professor - contribui para com seus discentes proporcionalmente ao investimento em seu próprio crescimento. Para o autor, a profissão não se sustenta se ficar em uma única via, a de ensinar, ou em outras palavras, "somente ajudando" o outro, pois aí se configura em uma *profissão de ajuda*:

Entender o ensino como uma *profissão de ajuda*³ negligencia aspectos que são crucialmente importantes para a viabilidade, vitalidade e sustentabilidade [do professor]: negligencia bens internos que são importantes à prática do ensino. Estes bens incluem recursos que o ensino oferece para o autocultivo e o autocrescimento, e são benefícios que se acumulam aos professores profissionaispraticantes: o que os mantém crescendo e prosperando e que os impulsionam para frente, em vez de deixá-los esgotados, sem nada mais para dar ou pouco a oferecer.⁴(HIGGINS, 2011, p. 4, tradução minha)

A proposta de Higgins (2011) é reafirmada por Bowman (2012) a respeito de manter-se em desenvolvimento contínuo, inclusive dialogando com outras áreas do conhecimento. Bowman afirma que quando ofertar um serviço aos outros implica em autonegligência, uma tarefa profissional como a de ensinar, pode deteriorar-se “em mero trabalho, um trabalho a ser feito”. Isto é, torna-se “apenas um papel regido por deveres e obrigações em vez de ser atraído pela busca satisfatória de empreendimentos que servem tanto ao aluno quanto ao crescimento do professor” (Bowman, 2012, p. 7).

As proposições destes autores estão diretamente ligadas ao conceito de qualidade de vida, que abrange “o bem-estar, a satisfação dos indivíduos, sua capacidade física, psicológica e social” (Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero, 2021, p. 87).

O padrão comum do profissional em música, basicamente se inicia com o estudo de um instrumento musical na infância ou adolescência. Conforme vai adquirindo experiência e domínio do instrumento, suas ambições adquirem um novo patamar para além de apenas uma prática musical voltada unicamente para ela em si. Dar aulas, fazer cachê em eventos, participar de um grupo/banda/orquestra, gravações em estúdio são atividades comuns no desenvolvimento musical e na atuação do estudante de música. Para aqueles

³Meu destaque.

⁴**Texto Original:** [...] the view of teaching as a helping profession neglects things that are crucially important to its viability, vitality, and sustainability: it neglects important goods that are *internal* to the practice of teaching. These include the resources teaching offers for self-cultivation and self-growth, the benefits that accrue to teachers as professional practitioners: the things that keep them growing and thriving, the things that propel them forward rather than leaving them used up, with nothing more to give or little worth giving. (HIGGINS, 2011, p. 4)

que ingressam na vida acadêmica, parte do tempo que outrora estava disponível para a atividade musical de origem é substituída por uma rotina que demanda e absorve muita energia e gradativamente vai cedendo espaço para outras tarefas, como leituras, elaboração de projetos, planejamentos de aulas.

Já aquele profissional da música que escolhe seguir carreira de instrumentista, vai se deparar com longas horas de prática musical, diariamente. Grande parte desses músicos atua como professores de música com ênfase na prática instrumental, muitos reproduzindo a mesma abordagem que tiveram de seus professores ao longo da sua carreira musical. Uma parte, porém, busca outras informações para somar e contribuir significativamente em sua performance não apenas no palco, mas também em aula.

A este respeito Brietzke, Oliveira e Presgrave (2023) discutem a atuação de profissionais performers e professores e tratam da necessidade de eles atuarem em diferentes espaços. Aos autores abordam o conceito de “professor propositor performer”, e “dessa forma, busca dissolver a suposta dicotomia entre tocar e aprender e ensinar, e considera essas atuações como parte do mesmo musical” (Brietzke, Oliveira e Presgrave, 2023, p. 9-10).

Contudo, esta prática profissional ocorre de forma complexa. Para Bowman (2012) “o profissional da música que atua nesta ou naquela frente necessita estar em constante atualização de conteúdos, novas ideias, experimentando novas metodologias” (Bowman, 2012, p. 9). Na maioria das vezes, isso ocorre em grupos de pesquisa, onde a troca de experiências com outros profissionais faz com que essa troca de informações, tenha cada vez mais riqueza de novos elementos práticos para aplicação de conteúdos semelhantes (Bowman, 2012).

Compreender como ocorre o processo de atuação profissional de músicos-professores e a equalização com a vida pessoal, é o eixo central dessa pesquisa. Ou seja, como os profissionais em música, que atuam em frentes distintas simultaneamente, gerem suas carreiras de modo que haja um equilíbrio entre docência, performance, estudos e demais áreas da vida? Como administram o tempo, as prioridades e os valores de cada uma das funções que

exercem? Como lidam com as demandas pessoais e familiares, paralelamente ao exercício profissional? Como foi o percurso pessoal, acadêmico e profissional no campo da música? Em outras palavras, a pesquisa visa discutir o autocultivo, ética profissional e a qualidade de vida dessas pessoas.

Por autocultivo tomo por referência o conceito discutido por Higgins (2011), que refere ao cuidado de o professor manter-se em busca da prosperidade docente e estar empreendendo na educação e no próprio crescimento pessoal e profissional.

O autocultivo conquistado pelo professor é o catalisador do processo educativo. É a busca presente e ativa do professor por liberdade que comunica aos alunos o que ela pode significar. O professor deve estar “ocupado em nascer” se ele quiser dar aos alunos o sentido do que é viver. As percepções e o crescimento passados rapidamente se deterioram se o autocultivo não for contínuo. (HIGGINS, 2011, p. 5-6, tradução minha)⁵

Por ética profissional tomo como base os escritos de Higgins (2011) que defende que a prática profissional precisa ser permeada por questões como: o que significa ser totalmente humano? O que torna efetivamente minha vida significativa? Ele defende que para desenvolver uma ética profissional é necessário refletir sobre a atividade de ensinar, bem como de que maneira se deve viver, ou ainda que tipo de vida é boa para a prática do ensino (Higgins, 2011). Ele sugere que os professores precisam substituir a questão “por que ensinar” por outra questão bem mais ampla: “por que vale a pena colocar a prática do ensino no centro da vida de alguém?” (Higgins, 2011, p. 9).

Por qualidade de vida, tomo como referência o trabalho de Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero (2021) que apresenta conceitos de bem-estar dentro de um sistema de equilíbrio formado por complexas dimensões e que podem ser objetivas ou subjetivas.

⁵**TEXTO ORIGINAL:** The teacher’s achieved self-cultivation is the catalyst in the educative process. It is the teacher’s present and active search for freedom that communicates to students what freedom might mean. The teacher must be ‘busy being born’ if she is to give students a sense of what living is about. Past insights and growth quickly spoil if self-cultivation is not ongoing. (HIGGINS, 2011, p. 5-6)

Esta investigação se soma à diversas outras pesquisas do campo da educação musical que tem se debruçado a melhor entender a atuação profissional em música/educação musical, visando assim contribuir para a construção de um corpus científico neste viés (Morato, 2009; Vieira, 2017; Reis, 2023). Discutir a atuação profissional a partir de dados empíricos permite melhor compreender os desafios e os caminhos possíveis da profissão em música. Além disso, as pesquisas apresentam indicadores que contribuem para que os profissionais da área planejem, busquem e construam conhecimentos, vislumbrem e persigam seus trajetos formativos e de atuação.

Para esta pesquisa contei com dois profissionais em música que exercem simultaneamente a função de violinistas e de professores de violino: Ricardo Molter, professor do Conservatório Municipal de Música de Ponta Grossa - PR, e *spalla* da Orquestra Sinfônica do Paraná; e, Simone Ritzmann Savytzky, proprietária de uma escola de música, onde atua como professora de violino e é conhecida por difundir a abordagem de Shinichi Suzuki, além de ser instrumentista de orquestra.

A escolha por estes profissionais se deve a diversos fatores. Ambos são profissionais que tenho como referência pelo destaque que alcançaram no meio musical, especialmente no estado do Paraná. Ricardo também é do interior do estado e estive ao lado dele como estudante em diversas ocasiões. Simone ministrou cursos em festivais em que participei e sua projeção como professora de violino e instrumentista é notória no estado e região sul do Brasil. Além disso, eles atendem ao critério que elenquei no momento em que decidi discutir a temática que trago nesta pesquisa, a saber: atuar há pelo menos 5 anos com dedicação exclusiva às atividades musicais, tanto como professores de instrumento quanto como violinistas.

A pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa (Silveira e Córdova, 2009) e teve como técnica de construção de dados a entrevista narrativa (Creswell, 2014). A característica principal da entrevista narrativa é a não interferência do pesquisador durante o relato do entrevistado. O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada

a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada. Nesta direção, a construção dos dados da pesquisa foi composta por quatro entrevistas narrativas que ocorreram ao longo de 2023, duas com Simone e duas com Ricardo, sendo uma delas presencial e outra online, via plataforma Google meet. Todas foram gravadas e transcritas, para posteriormente serem analisadas à luz dos conceitos teóricos que sustentam a pesquisa, o autocultivo e a ética profissional e a qualidade de vida.

Este texto foi organizado da seguinte forma: inicialmente apresento parte da produção bibliográfica sobre profissão em música e discuto mais profundamente os conceitos teóricos. Na sequência, apresento a metodologia de pesquisa e os bastidores da construção dos dados. Posteriormente, trago a trajetória formativa e profissional de cada um dos entrevistados. Os dados revelam a maneira como eles gerem suas carreiras e de que forma equilibram suas múltiplas funções com os estudos e demais área da vida, como família, lazer e cuidados com a saúde. Os resultados indicam que o fato de eles perseguirem o desejo de serem músicos e investirem em suas formações, ao mesmo tempo em que precocemente começaram a atuar em diferentes campos da música (como dando aulas, tocando em orquestras e fazendo cachês em eventos diversos), permitiu maior sustentação profissional, onde cada atividade retroalimentou a outra. Ambos os entrevistados buscam equalizar a vida pessoal com a vida profissional e demonstram que, embora o percurso com música tenha tido diversos desafios, os retornos foram compensatórios – tanto no que se refere à realização profissional e pessoal, quanto ao reconhecimento e rendimentos financeiro.

Discutindo a profissão: revisão de literatura e conceitos teóricos

O que as pesquisas têm apontado

Diversas pesquisas no campo da educação musical têm se dedicado a melhor compreender a atuação profissional em música. Neste viés, entender também a formação profissional é uma prerrogativa para o entendimento da prática. Um dos trabalhos que discute o processo de profissionalização em música é o de Morato (2009). Em sua tese de doutorado, ela pesquisou alunos que estudavam e já atuavam profissionalmente de maneira simultânea. Dessa maneira, a formação dos pesquisados ocorria ao longo das experiências vividas no mundo acadêmico e no mundo profissional, resultando em uma vida musical que se transformava em vida profissional. Esta realidade é comum no campo da música e segundo ela:

Os sentidos produzidos por eles nas experiências que vivenciam trabalhando e estudando, imersos nessas conjunturas, delineiam os seus jeitos de se formarem (âmbito instituinte da formação), jeitos pelos quais eles chegam a ser o que são profissionalmente em música. (MORATO, 2009, p. 262)

Neste sentido a formação profissional em música – não ocorre apenas no ambiente acadêmico de formação; de acordo com os resultados apresentados na pesquisa de Morato (2009) o processo de formação vai acontecendo de maneira simultânea à medida que estudam e trabalham. Isso tem relação direta com o contexto histórico social aos quais esses indivíduos estão. “Cada aluno relaciona o curso com o que vive em sua história social, familiar e no seu trabalho” (Morato, 2009, p. 263).

Especificamente se referindo àqueles que exercem duplamente a função de estudantes e que também já atuam profissionalmente, Morato (2009) discorre sobre a importância de estar por “colocar em prática o que se aprende na

universidade ao mesmo tempo em que possibilita aprender a refletir sobre o que acontece no trabalho” (Morato, 2009, p. 265).

Morato 2009 ainda discorre sobre os elementos que justificam o quão positivo pode ser para àqueles músicos que estudam e trabalham:

A independência pessoal proporcionada pelo trabalho e o salário decorrente dele; a experiência que possibilita colocar em prática o que se aprende na universidade ao mesmo tempo em que possibilita aprender a refletir sobre o que acontece no trabalho; a ampliação e teorização dos conhecimentos musicais adquiridos com a prática antes de ingressar na universidade; a legitimação da profissionalização construída; o diploma que permite garantir o emprego para professores bem como reconhecimento social; possibilidade de inserir-se no mercado de trabalho; oportunidade de respirar música o tempo todo; relações sociais que são oportunizadas através do contato com pessoas que podem facultar novas frentes de trabalho; luta pelo reconhecimento social da profissão; o salário que possibilita garantir o sustento e investimento dando retorno à dedicação acadêmica; a responsabilidade que se traduz numa autoafirmação de quem sempre precisou trabalhar desde a tenra idade. (MORATO, 2009, p. 266)

Morato (2009) ressalta a respeito da formação profissional de quem trabalha e estuda como uma atividade que não é cômoda e busca constantemente pela excelência tanto na performance quanto nas suas práticas didáticas. Ela considera que a formação profissional se constrói através das experiências e as relações estabelecidas entre os diferentes ambientes de trabalho e universidade. Ela acrescenta:

As famílias onde nascem e crescem, os ambientes que freqüentam, as pessoas com quem convivem, os espaços onde moram, a atuação profissional que exercem, o curso a que se dedicam impregnam suas mentes e corpos de uma forma tão pessoal que nunca se poderão constituir como um grupo homogêneo. (MORATO, 2009, p. 268)

Os resultados da pesquisa de Morato, embora seja uma investigação de 2009, ainda faz sentido nos tempos atuais. Diversos pontos da tese dela dialoga diretamente com minha própria experiência de estudante que precisou trabalhar para manter-se estudando. Além disso, entendo que a dupla jornada de estudar e trabalhar também prepara o profissional em música para exercer a multiplicidade de funções comuns ao exercício profissional, que no campo da

música é comum se apresentar multifacetado, pelas diversas atuações simultâneas de muitos profissionais (dar aulas, fazer cachês, atuar em grupos ou orquestras, fazer arranjos, etc).

Dar aulas particulares é uma das atuações comuns no campo profissional da música. A dissertação de Chagas Neto (2014), busca compreender o processo de cinco violinistas se tornando professores particulares de violino. Os resultados obtidos mostram que as circunstâncias que levaram os entrevistados desta pesquisa a se tornarem professores particular de instrumento estavam mais vinculadas aos aspectos sociológicos do que uma motivação intrínseca, ou seja, era mais uma possibilidade de atuação profissional do que um desejo pessoal.

Por ser uma atividade em que na maioria das vezes ocorre de maneira informal, Chagas Neto (2014) afirma que a profissão de professor de instrumento pode ser desconsiderada socialmente como uma atividade profissional. Os dados da sua pesquisa apontam que isso pode ocorrer devido ao fato de que essa atividade não estar vinculada às instituições de ensino; frequentemente acontece em locais informais – casa do professor ou do aluno – o que não possibilita o reconhecimento social.

Outro dado apontado por Chagas Neto (2014) é a instabilidade profissional para aqueles músicos que almejam seguir exclusivamente como performers: a escassez de oportunidades de trabalho faz com que bacharéis em música se aventurem na pedagogia do instrumento em busca de uma forma secundária de renda; todavia distante da sua intenção inicial.

Atuar com docência, sem ter um preparo formal para tal, é um aspecto que a área de educação musical tem discutido. Penna, em 2010, escreveu sobre a postura reflexiva do educador profissional em música, apontando que “muitas vezes, bacharéis, ou mesmo músicos com as mais variadas formações atuam como educadores musicais, principalmente em espaços educativos extra-escolares” (Penna, 2010, p. 27). A realidade abordada por Penna ainda é corrente em 2024, mesmo após tantos anos de sua investigação, e se conecta

com as pesquisas anteriores pelo viés das múltiplas funções que o músico adota para viver da profissão que escolheu.

Atuar como professores de música, sem, no entanto, ter uma formação específica e formal para tal função é comum na área da música – eu mesmo comecei a dar aulas em escolas de educação básica e mais tarde em escolas de música sem ter, sequer, iniciado a graduação em licenciatura. A investigação de Weber (2019), oferece contribuições para esta discussão. Sua pesquisa teve como objetivo geral compreender o processo de construção da docência de instrumentistas bacharéis que atuam como professores de instrumento. São abordados, especificamente, os resultados referentes aos saberes docentes mobilizados durante a prática pedagógica do bacharel em instrumento. Segundo ela:

Ao longo da pesquisa, compreendemos que não existe uma única forma de se tornar professor, ou seja, de aprender a docência, de construir-se professor. Cada Bacharel em Instrumento torna-se docente-bacharel por meio da construção e da mobilização de saberes, os quais são integrados ao ser professor por meio da formação, das vivências junto a professores e colegas, e da experiência com a prática pedagógica. (WEBER, 2019, p. 21)

A atuação em música parece ser caracterizada por particularidades e complexidades que importam serem compreendidas. Uma pesquisa que contribui sobremaneira para este debate é a de Pimentel (2015), que investigou a inserção profissional dos egressos dos cursos técnicos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais (CEM). Esta investigação mostra que os percursos de inserção profissional dos egressos dos referidos conservatórios, são marcados por aspectos sociodemográficos; pela precocidade, tanto da formação quanto da atuação profissional; pela continuidade da formação, seja na área de música ou em outras áreas; e, em alguns casos, pela disfunção da inserção profissional, já que nem todos passam a atuar profissionalmente na área do curso depois de o terem concluído. Segundo a autora: “uma vez que as atividades musicais remuneradas, exercidas por eles, são variadas e não pertencem a um único momento do sistema cultural” (Pimentel, 2015, p. 86).

Os dados desta pesquisa apontam que a precocidade da inserção dos alunos no mercado de trabalho ocorre normalmente como professores de instrumento. Em sua maioria, a procura pelo curso de licenciatura ao invés do bacharelado em música é mais acentuada. Pimentel afirma:

Apesar da escassez de empregos apontada pela literatura, 58,88% trabalham vinculados a empresas ou ao Estado, numa relação de empregado e empregador, isto é, de emprego. Dentre os egressos, 7,61% afirmaram que são empregados sem carteira assinada e 11,17% trabalham sob contrato temporário, o que pressupõe uma precariedade e instabilidade das relações de trabalho. (PIMENTEL, 2015, p. 84)

Pimentel (2015) ainda aponta em sua pesquisa que um número significativo de egressos do CEM não consegue se inserir no mercado de trabalho da música: poucas ofertas de emprego e remuneração inferior a outras áreas.

Estes resultados são alarmantes e, no meu entendimento, lançam pauta para mais pesquisas que possam contribuir com indicadores sobre como empreender no campo da música de forma que haja maior sustentabilidade profissional. A este respeito a pesquisa de Aquino, realizada em 2007, mostra que para alcançar o engajamento profissional é importante que o músico apresente mais de uma habilidade musical. Esse tipo específico de profissional é denominado de “músico anfíbio.” São músicos com formação acadêmica que atuam profissionalmente em mais de uma área; em sua pesquisa são chamados de “multifacetários.” Embora, haja uma diferença de 8 anos entre as pesquisas de Pimentel e de Ludovico, há dados que são comuns e que parecem não terem mudanças significativas no cenário brasileiro.

Problematizar as questões profissionais em música e seguir com investimentos em conhecimentos que contribuam com o campo, tem sido uma das preocupações da área de educação musical. A tese de Vieira (2017), apresenta uma ampla discussão e um olhar sociológico sobre a profissão do músico. “Fluido, fugaz e por vezes solitário, geralmente envolvido sob o obscuro manto da “vocação”, “dom” e “talento”, permeado por paixões e implicações subjetivas” (Vieira, 2017, p. 25). Ele afirma que o trabalho do

músico, outrora relacionado aos artesãos, uma relativa independência no período romântico e atualmente mantido por patrocínio público ou privado, está submetido a diversas maneiras de atuação; podendo ainda ser subsequente ou concomitante, numa forma atualizada de mecenato.

Vieira (2017) ressalta sobre os desafios de viver de arte. “Mercado pela incerteza, precariedade, volatilidade, desregulamentação, (...) o trabalho artístico exige dos artistas soluções incomuns, um grande poder de adaptabilidade e um senso aguçado para as oportunidades em potencial” (Vieira, 2017. p. 28). Assim como outras pesquisas já citadas, ele aponta que, dentre as possibilidades de atuação profissional, a atividade de lecionar se mostra como uma alternativa relativamente segura, devido ao fato de que existe uma demanda considerável de nível amador. Em suas palavras:

Assim, ser músico implicaria na incorporação de características como inventividade, mobilidade, acessibilidade, persistência, ambiguidade, polivalência, alinearidade e agenciabilidade. Sem dúvida, atributos que se contrapõem às análises não muito positivas sobre o trabalho musical. Em contrapartida, somente uma investigação empírica individualizada, realizada em profundidade, poderá verificar em que grau cada uma dessas qualidades se expressa na identidade de cada músico. (VIEIRA, 2017, p. 41)

Ainda segundo Vieira (2017) existem alguns pontos de tensão no fato de ser músico; pontos esses que estão relacionados entre profissão e vocação, amador e profissional, ofício e lazer; uma espécie de movimento pendular em que diversos pontos exercem poder.

Em 2020, a pesquisa de Bartz traz dados que reafirmam diversos aspectos dos dados já discutidos em outras investigações. Mediante os resultados de seus estudos, Bartz (2020) afirma que uma parcela significativa dos músicos que atuam no campo da música erudita enfrenta situações de trabalho marcadas pela flexibilidade, instabilidade, informalidade e espaço no mercado de trabalho quando se submetem a tais condições laborais, já que existem poucas alternativas melhores do que essas disponíveis. Ele conta que todos os 16 músicos que entrevistou, possuíam atividades musicais paralelas às

da orquestra, o que levantou questionamentos sobre os significados objetivos e subjetivos de sua profissão.

A pressão no sentido de ter que adotar uma atuação laboral marcada por uma forte flexibilidade, instabilidade, informalidade e precarização costuma trazer graves conseqüências psicológicas, emocionais e físicas para muitos artistas - indivíduos que se veem à mercê de circunstâncias externas que não podem controlar. (BARTZ, 2020, p. 19)

Ele problematiza algumas questões da atuação em música acrescentando que:

O artista, por exemplo, não tem como saber como estará sua situação financeira daqui a certo tempo, pois tudo pode acontecer: trabalhos podem surgir ou não, novas oportunidades de serviços musicais podem lhe ser ofertadas ou não, os pagamentos podem ser feitos na hora ou demorar meses para chegar etc. É claro que o profissional, para viver, não pode adotar uma postura passiva: ele precisa, também, fazer sua parte, "correr atrás" e "empreender", como se diz. Mas nem tudo depende dele. Às vezes, por mais vontade e disposição que se tenha, parece que nada se concretiza. Assim, o inesperado e o imponderável passam a fazer parte do dia a dia da carreira de uma parcela significativa dos músicos profissionais. (BARTZ, 2020, p. 20)

As afirmações de Bartz (2020) são contundentes e colocam a atuação profissional em música em um lugar que reforça o senso comum sobre a quase impossibilidade de se viver de música. Em contraponto, a pesquisa de Reis (2020) oferece dados que ampliam este debate, convidando o profissional em música a repensar as suas próprias práticas musicais e a sua relação com a música, na direção de fortalecer sua identidade e promover atuações mais conectadas com as demandas do mundo contemporâneo. Ele problematiza a complexidade da atuação profissional em música e nos convida para uma honesta reflexão sobre a necessidade de formar cidadãos capazes de interagir com um mundo cada vez mais complexo.

Neste lugar, onde as relações são de interdependências e complementares, é onde o Músico encontra o Professor. Ou seria o contrário? Tanto faz, nesta relação não há ordens e tampouco hierarquias. Em síntese: sou músico na sala de aula, mas também sou professor no palco. Eis aí o meu próprio Encontro! (REIS, 2020, p. 151)

Se por um lado algumas pesquisas indicam a complexidade da atuação em música e sua instabilidade, como aspectos que enfraquecem o status da profissão e parecem não trazer dados que possam indicar caminhos possíveis para um percurso mais sustentável, por outro, estudar e compreender profissionais que vivem de música e se mantêm ativos neste percurso de atuação pode contribuir para discussões que promovam maior sustentabilidade profissional. É sabido que em música há uma diversidade de espaços que muitos músicos e professores de música estão vinculados, que resultam em diferentes formas de atuação simultâneas, que podem equilibrar a instabilidade e contribuir para uma maior manutenção profissional. É nesta direção que busquei contribuir, quando decidi melhor compreender como meus entrevistados, Simone e Ricardo, têm construído suas carreiras profissionais e enfrentado seus desafios em atuar como músicos e professores de violino.

Conceitos teóricos: autocultivo, ética profissional e qualidade de vida

Como já mencionado, a presente pesquisa buscou compreender como ocorre o processo, dos profissionais em música, para manterem-se ativos como músicos e professores, e ao mesmo tempo continuar estudando e equilibrando vida pessoal e profissional. Para discutir esta questão, que é complexa, tomei como base três conceitos teóricos: o conceito do autocultivo e da ética profissional abordados por Chris Higgins (2011) e também discutidos pelo educador musical Wayne Bowman (2012); e o conceito de qualidade de vida apresentado por Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero (2021).

Autocultivo

O autocultivo, conceito apresentado por Higgins (2011) e defendido por Bowman (2012), se refere a ação ativa e contínua do professor de estar ocupado

em investir em seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional, sendo essa uma condição necessária para promover o desenvolvimento dos seus alunos.

A questão do florescimento do professor acaba por testar nossa coragem para saber se realmente nos importamos com o autocultivo. (...) Esta tarefa é extremamente difícil, no entanto, e estamos constantemente à procura de maneiras de aliviar essa tensão. Em todos os lugares que olhamos, encontramos mestres e servos, falantes e ouvintes, executores e facilitadores. Encontramos divisões de um trabalho que não pode ser dividido, tenta escapar do fardo fundamental da personalidade: que cada um de nós deve descobrir, para nós mesmos e com os outros, como podemos existir para nós mesmos e para outros.⁶ (HIGGINS, 2011,p. 9, tradução minha)

Segundo Higgins (2011), trabalhar é se relacionar com o mundo a partir das nossas próprias condições e características que definem como serão nossas experiências. Analisar a vida prática contribui para lembrarmos que somos um ser que trabalha (...) e que somos capazes de revelar a nossa personalidade na busca de uma causa comum (Higgins, 2011, p. 9, tradução minha)⁷.

Como seres humanos, ansiamos por ações que sejam duráveis e precisamos de um mundo estável, moldado, em partes, pelo trabalho. Como pessoas únicas, precisamos de um espaço para sermos nós mesmos, entendendo que nossas atividades profissionais revelam e estão imbricadas pela nossa forma de ser, em uma relação de interdependência (Higgins, 2011).

Em concordância com Higgins, essas características e formas de relação de interdependência são denominados por Bowman (2012) por "Bens Internos", que são conteúdos individuais que permitem manter uma prática profissional viva, em grande parte porque mantém seus praticantes (os profissionais) prosperando. Segundo ele:

⁶**Texto Original** - The question of the flourishing of the teacher turns out to test our mettle as to whether we really care about self-cultivation at all. (...) This task is extremely difficult, however, and we are constantly on the lookout for ways to ease this tension. (...) Everywhere we look we find masters and servants, talkers and listeners, doers and facilitators. We find divisions of a labour that cannot be divided, attempts to escape the fundamental burden of personhood: that each of us must work out, for ourselves and with others, how we can exist for ourselves and for others. (HIGGINS, 2011, p. 9)

⁷**Texto Original** - We run the risk of forgetting that we are also a being that works, (...) a being capable of revealing distinctive personhood in the finding of common cause. (HIGGINS, 2011, p. 9)

A noção de uma prática profissional auto-suficiente, negligencia a interdependência do eu e do outro: o verdadeiro florescimento do eu é inseparável do florescimento dos outros. (BOWMAN, 2012, p. 14, tradução minha)⁸

Nesta direção, há uma relação dialógica em que ao contribuir na vida do outro, também se obtém ganhos, proporcionalmente. Da mesma forma, ao investir na própria formação, a atuação e contribuição na vida do outro, poderá ocorrer.

Em consonância com a afirmação de Bowman (2012), Higgins (2011) discorre sobre os valores centrais do trabalho, sendo eles: fertilidade, abundância, e o próprio processo da vida. Segundo ele, sem deixar alguma marca duradourano mundo, a rotina de “ganhar e gastar”, é vazia. Ele acrescenta que se quisermos entender o bem do ensino, precisamos entender não só as formas como podemos beneficiar diretamente alunos e estudantes, mas também a forma como podemos trazer satisfação para o professor, e assim melhorar as vidas que ele ou ela tocam (Higgins, 2011, p. VII, tradução minha)⁹.

Nesse sentido, os elementos que estão envolvidos no processo de formação de profissionais que irão atuar no ensino estão mais próximos de como se aprender; o professor manter-se aprendendo durante o exercício do seu ofício de educador. Esse processo é denominado por Higgins (2011) de autocultivo. Nas palavras dele:

Delinear elementos de uma formação de professores que não é apenas sobre aprender a ensinar, mas aprender a aprender ensinando; uma educação de professores para a sabedoria prática que ajuda os professores a entrar na prática de ensino, manter uma conversa vocacional e promover seu próprio autocultivo. (HIGGINS, 2011, p. 12, tradução minha)¹⁰

⁸**Texto Original** -The notion of self-full practice, neglects the interdependency of self and other: true flourishing of the self is inseparable from the flourishing of others. (BOWMAN, 2012, p. 14)

⁹**Texto Original** - If we are to understand the good of teaching, then, we need to understand not only the ways it can directly benefit pupils and students but also the way it can bring fulfilment for the teacher and so enhance the lives that he or she touches. (HIGGINS, 2011, p. VII)

¹⁰**Texto Original** - Outline elements of a teacher education that is not only about learning how to teach, but about learning how to learn through teaching; a teacher education for practical wisdom that helps teachers enter the practice of teaching, sustain a vocational conversation, and further their own selfcultivation. (HIGGINS, 2011, p. 12)

Esse compromisso com o autocultivo por parte do professor, segundo Higgins (2011) tem efeitos positivos nos alunos e pode ser tornar uma prática que pode auxiliar no enfrentamento do desgaste que esse tipo de atividade pode eventualmente apresentar.

A fim de cultivar a individualidade nos alunos, os professores devem trazer para à tona seu próprio autocultivo alcançado, seu compromisso com o contínuo crescimento, e suas várias práticas, estilos e estratégias para combater as muitas forças que amortecem o eu e nos distraem de nossa tarefa de vir a ser. (HIGGINS, 2011, p. 14, tradução minha)¹¹

A prática do autocultivo é uma estratégia, um plano de ação para aqueles profissionais que possuem um compromisso com suas práticas e se dedicam em permanecer crescendo, aprendendo e ampliando suas possibilidades de modo que conduzam seus alunos no decorrer desse processo contínuo de formação.

Ética Profissional

Para Higgins (2011), a ética profissional está relacionada a lidar com códigos de conduta profissional e as obrigações específicas do papel profissional assumido para com os outros. Ele propõe que a ética do ensinotem a ver com a relação entre a vida docente e qualidade de vida, conectando com a questão do “por que ensinar?”, com a pergunta “como devo viver?”. Nesta direção, ele convida para o professor (ou no caso do tema dessa pesquisa, o músico-professor) para uma reflexão, buscando compreender o que o atrai para sua prática do ensino [e também performática] e o que o sustenta frente às dificuldades. Dentre as perguntas que ele propõe para guiar o exercício ético, estão: “O que constitui o florescimento humano, e como cuidar do crescimento

¹¹**Texto Original** -Teaching is a helping profession, where caring teachers assist active learners. At the same time, education contains an ineliminable feature that pushes us past such dichotomous thinking. The feature, simply put, is that selfhood is contagious. In order to cultivate selfhood in students, teachers must bring to the table their own achieved self-cultivation, their commitment to ongoing growth, and their various practices, styles, and tricks for combating the many forces that deaden the self and distract us from our task of becoming. (HIGGINS, 2011, p. 14)

dos outros e nutrir meu próprio crescimento? O que eu mais prezo, e como o ensino me coloca em contato com estes bens?” (Higgins, 2011, p. 10, tradução minha)¹².

As questões de Higgins instiga o autoconhecimento e a responsabilidade profissional para com o outro. Neste sentido, compreender como equilibrar múltiplas funções profissionais e como equalizar a vida pessoal e profissional, tornam-se fundamentais. Para o autor, a ética profissional está ancorada em questões básicas como: que tipo de pessoa eu quero me tornar? O que vale a pena se esforçar e quais devem ser meus projetos? O que torna a vida excelente, significativa, ou rica, e como devo dar forma à minha vida como um todo?

Ele ainda destaca que o cuidado de si é essencial para a prática de ensino e chama a atenção ao fato de que cuidar de si mesmo não é mau, mas parte da responsabilidade que se tem para com os alunos. “Ao distinguir entre autointeresse e autorrealização, cria-se um espaço legítimo para a ideia de que cuidar de si não é apenas adequado, mas também importante para a boa vida” (Higgins, 2011, p. 165).

Encontramos divisões de um trabalho que não pode ser dividido, tenta escapar do fardo fundamental da personalidade: que cada um de nós devemos descobrir, para nós mesmos e com os outros, como podemos existir para nós mesmos e para outros. (HIGGINS, 2011, p. 9, tradução minha)¹³

Segundo Wayne Bowman, (2012) ética profissional na educação musical, deve basear-se na reciprocidade entre o cuidador e o cuidado. A realização ou não destes potenciais musicais e educativos depende do tipo de música que é ensinada, de como é ensinada e das evidências pelas quais avaliamos o sucesso das nossas ações de ensino. Ele ainda afirma que “essas preocupações deveriam estar no cerne do conhecimento profissional na educação musical. E eles

¹²**Texto Original** - The ethics of teaching involves questions like these: What constitutes human flourishing, and how does tending to the growth of others nourish my own growth? What do I prize most, and how does teaching put me in touch with such goods? (Higgins, 2011, p. 10)

¹³**Texto Original** - We find divisions of a labour that cannot be divided, attempts to escape the fundamental burden of personhood: that each of us must work out, for ourselves and with others, how we can exist for ourselves and for others. (HIGGINS, 2011, p. 9)

também são éticos” (Bowman, 2014, p. 8, tradução minha)¹⁴. Ainda segundo Bowman, (2012):

Nossos recursos éticos mais confiáveis são aqueles que compõem quem somos: nosso caráter, nossa integridade pessoal, nossa identidade, quem nos tornamos ou o tipo de pessoas que estamos em processo de se tornar. (BOWMAN, 2012, p. 10, tradução minha)¹⁵

Nessa mesma direção, Higgins (2011) relaciona a relação de trabalho com a relação com o mundo; ou seja, a prática do trabalho acontece através do relacionamento com outras pessoas e dos encadeamentos éticos envolvidos nessas práticas.

O trabalho surge por causa das necessidades biológicas que atendem a nossa personificação. O trabalho é necessário por causa de nosso mundanismo. Enquanto isso os dois labor e trabalho podem ser vistos como respostas à nossa mortalidade. (HIGGINS, 2011, p. 89, tradução minha)¹⁶

Além desses encadeamentos éticos, Higgins (2011) aponta para as necessidades biológicas em que como seres humanos ansiamos ao longo de nossa existência; ao lidar com essas questões existenciais, carecemos dessa busca por conquistas materiais e imateriais. Os bens materiais são os adquiridos ao longo da carreira, podendo ser: moradia, instrumentos de trabalho, automóvel e outros. Já os bens imateriais se referem ao conhecimento, as experiências e ao modo de vida.

Para a presente pesquisa, interessa compreender os diversos aspectos apontados pelos autores, dado que a complexidade da atuação profissional em

¹⁴**Texto Original** -Whether these musical and educational potentials are realized or not depends fundamentally upon what music is taught, how it is taught, and the evidence by which we gauge the success of our instructional actions. Such concerns, I submit, should lie at the very heart of professional knowledge in music education. And they, too, are ethical. (BOWMAN, 2012, p. 8)

¹⁵**Texto Original** -Under such circumstances, our most reliable ethical resources are those that comprise who we are: our character, our personal integrity, our identity: who we have become or the kind of people we are in the process of becoming. (BOWMAN, 2012, p. 10)

¹⁶**Texto Original** - Labour arises because of the biological necessities attendant upon our embodiment. Work is necessary because of our worldliness. Meanwhile both labour and work can be seen as responses to our mortality. (HIGGINS, 2011, p. 89)

frentes distintas – como músicos e como professores de música – possui em seu entorno diferentes esferas – como a família e o lazer – que compõe o profissional, impactando-o ou sendo impactado por ele. Pensar a profissão em música considerando as questões apontadas pelos autores, pode contribuir para atuações profissionais com uma intencionalidade respaldada em reflexões e justificativas. Isso poderá contribuir, inclusive, para ressignificar os sentidos da profissão, sem atribuir um peso às atuações multifacetadas, mas compreendendo que isso é característica de muitos percursos profissionais em música.

Qualidade de Vida

Tomo por referência o conceito de qualidade de vida abordado por Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero (2021) como uma concepção multidimensional influenciado pela satisfação dos indivíduos, sua capacidade física, psicológica e social. Esse conceito tem sido baseado na percepção subjetiva, na qual intervêm fatores como família, amigos, crenças religiosas, trabalho, renda e outras circunstâncias de vida (Ruidiaz-Gomez e Cacante-Cabellero, 2021, p. 88). Essa definição surgiu da necessidade de avaliar as condições em que os indivíduos vivem sendo elas relacionadas às suas preocupações, onde o contexto em que está inserido demonstra um equilíbrio entre as suas expectativas e a sua realidade de vida buscando alcançar um estado de satisfação e bem estar (Ruidiaz-Gomez e Cacante-Cabellero, 2021, p. 90).

A complexidade do conceito de qualidade de vida caracteriza-se pelo fato de envolver aspectos de múltiplas dimensões podendo ser objetivas e subjetivas.

O conceito multidimensional de qualidade de vida com perspectiva sociológica inclui a situação econômica, estilos de vida, saúde, moradia, satisfação pessoal, ambiente social, entre outros. Por esse motivo, a qualidade de vida é conceituada de acordo com um sistema de valores, padrões ou perspectivas que variam de pessoa para pessoa, grupo para grupo e local para local; sendo assim, o conceito agrupa a sensação de bem-estar que pode ser vivida pelas pessoas e que representa a soma das

sensações subjetivas e objetivas pessoais. (RUIDIAZ-GOMEZ e CACANTE-CABELLERO, 2021, p. 92).

Nesse sentido, a qualidade de vida também envolve atributos que podem ser relacionados entre si e como consequência indicar aspectos políticos diretamente ligados às necessidades humanas mediados por normas e políticas sociais.

Os atributos da qualidade de vida são estabelecidos pelas condições de vida, bem-estar físico, bem-estar material, bem-estar social, bem-estar emocional, desenvolvimento econômico, estabilidade política, meio ambiente e percepção de satisfação geral e representações sociais a que ele obedece. Determinantes individuais, relacionados entre si e com aspectos políticos. (RUIDIAZ-GOMEZ e CACANTE-CABELLERO, 2021, p. 95)

Os elementos que compõem a qualidade de vida vão além do bem-estar físico, é também ter acesso aos recursos essenciais, bem-estar social e realizações profissionais. Uma percepção da sua inserção como indivíduo num sistema de valores em que se vive; busca o equilíbrio e satisfação em todas as fases da vida.

A decisão de trazer este conceito para a presente pesquisa se deve a necessidade de problematizar a atuação profissional em música e ter um parâmetro para discutir, ainda que timidamente devido aos limites de uma pesquisa de mestrado, perspectivas que possam revelar caminhos possíveis apesar de ser comum o exercício de múltiplas e distintas funções profissionais em música.

Como a pesquisa foi realizada: os bastidores do percurso investigativo

Como já partilhado anteriormente, ao ingressar na graduação em música, enfrentei alguns desafios que vieram juntamente com a decisão de mudar de cidade, morar sozinho e manter as próprias despesas. Desses três aspectos, a maior preocupação era manter as minhas próprias despesas enquanto estudava, especialmente porque meu curso era oferecido em período integral. Por algum tempo, acreditei que tocar meu instrumento da melhor forma possível seria a maneira mais assertiva de garantir meu sustento – mas percebi que a complexidade de se colocar no mercado de trabalho, conciliar agenda e tantas outras demandas, trazia uma complexidade significativa para atuar como profissional em música. Minha própria experiência e tantas questões que ainda carrego, levaram-me ao tema desta pesquisa já apresentado, que foca em melhor compreender como se dá o processo de músicos-professores se manterem ativos como performances e professores, seguir estudando e conciliar a vida pessoal e profissional.

Minhas inquietações e desafios profissionais levaram-me ao tema. Ele portanto, está vinculado com minha história. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) ter uma relação forte com a proposta de pesquisa contribui para a feitura de um trabalho melhor. Eles escrevem:

Em investigação, a autodisciplina só o pode levar até um certo ponto. Sem um toque de paixão pode não ter fôlego suficiente para manter o esforço necessário à conclusão do trabalho ou limitar-se a realizar um trabalho banal. Se alguém lhe pedir para se encarregar de um estudo,

certifique-se de que este é suficientemente interessante para o manter entusiasmado (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 86).

O entusiasmo e a paixão foram ingredientes presentes no desenvolvimento dessa pesquisa, que foi desenvolvida a partir da abordagem qualitativa. Uma das características dessa abordagem é a aproximação e melhor entendimento de uma realidade investigada que se preocupa em compreender as coisas, explicar os porquês, sem necessariamente quantificar valores a isso (Silveira e Córdova, 2009). O foco em compreender uma dada realidade vem ao encontro do objetivo da pesquisa, que contou com as contribuições e disposição dos músicos-professores Ricardo e Simone. Embora ambos atuem com atividades semelhantes – aulas de música e prática de orquestra – o ritmo de vida, o fluxo de atividades, suas origens, suas trajetórias, suas experiências, locais de atuação, e outros aspectos são únicos de cada um deles, de modo que seus trajetos e dinâmicas de vida são peculiares e culminam no modo como praticam suas profissões e levam suas vidas.

A visão e compreensão da realidade em que cada um deles está inserido, bem como a maneira particular de administrar todo o sistema de atividades que estão relacionadas direta e indiretamente com as suas práticas, são dados únicos, complexos, não quantizados. Assim, a abordagem qualitativa, pela sua natureza de buscar a compreensão de dada realidade (Creswell, 2014), se mostrou pertinente para a pesquisa.

Entrevista narrativa

Para a construção dos dados da pesquisa pautei-me na técnica da entrevista narrativa. A perspectiva da narrativa contempla a fala das experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmos. Os procedimentos para implantar esse tipo de pesquisa consistem em focar no estudo de um ou dois indivíduos, reunir dados a partir das suas histórias, relatar as suas experiências

individuais e ordenar cronologicamente o significado dessas experiências (Creswell, 2014).

Esta experiência narrada por vir acompanhada por momentos de nostalgia, em outros de empolgações e, ainda outros de saudosismo. E só assim podemos perceber o quanto é possível relembrar de tudo que vivemos em nossa história e as relações que estabelecemos ao longo do tempo com o aprendizado e experiência da formação leitora (Cintra, Correia e Teno, 2020). Nesse sentido, ainda acrescentam que:

Podemos inferir que com narrativas podemos tanto descrever fenômenos como coletar dados, pois a ideia de narrar está relacionada não só para área da educação, outras áreas do conhecimento atravessam o conceito de narrativas (...) Implica dizer que para construção de sentidos, o que o sujeito conta de si, são escolhas que ele faz a partir das vivências sociais e históricas no decorrer de sua vida e formação, por isso implica na valorização. (CINTRA, CORREIA e TENO, 2020)

O cenário atual é de valorização dos relatos pessoais, biográficos e autobiográficos, de modo que pesquisas narrativas vêm alcançando patamares cada vez mais importantes no cenário das investigações em ciências humanas, ganhando espaço nas metodologias de pesquisa, forma de exposição e em processos de formação, principalmente de educadores (Ventura e Cruz, 2019).

A partir da decisão de construir os dados por meio da entrevista narrativa, elaborei um roteiro de “questões gerativas”. O primeiro roteiro, implementado em janeiro de 2023, contemplou especialmente aspectos relacionados à iniciação musical e histórico familiar, formação acadêmica, atuação profissional, cuidados com a saúde, vida pessoal e empreendedorismo. Estas questões gerativas buscaram englobar de maneira ampla as ações que englobam as vidas dos entrevistados, considerando, aspectos relativos ao entendimento da equalização da atuação profissional com a vida pessoal.

Em novembro de 2023, após a defesa de qualificação, uma segunda rodada de entrevistas foi realizada, com o objetivo de complementação dos dados construídos na primeira rodada. O roteiro desse segundo encontro contemplou aspectos relacionados à sustentabilidade profissional, meio ambiente, sociedade, economia, performance e docência.

Colaboradores da pesquisa



Simone Savytzky¹⁷



Ricardo Molter¹⁸

Simone é mestre em performance pela Columbia University – EUA, é casada e não tem filhos. Tive a oportunidade de conhecê-la no Festival de Música de Cascavel no ano de 2004, em que ela foi uma das professoras convidadas para assumir a oficina de violino iniciante. As aulas de violino que tive acesso até esse momento eram exclusivamente individuais; na classe da Simone eram todas coletivas. Muito me impactou a forma com que ela conduzia as aulas, abordava os conteúdos, fazia os exercícios e dominava a turma de aproximadamente vinte alunos. Durante o festival, as aulas tinham três horas de duração; eram leves e despertavam a curiosidade dos alunos.

Conheci Ricardo na Casa da Cultura de Toledo, ano de 2003. Tínhamos o mesmo professor de violino e ele quem nos indicou para participarmos do Festival de Música de Cascavel no ano seguinte (onde conheci Simone). Após esse festival, decidimos que faríamos aula semanalmente em Cascavel. Durante os dois anos seguintes, viajavamos juntos para fazer aulas na cidade vizinha à

¹⁷Fonte: imagem da rede social Instagram. Usado com permissão.

¹⁸Fonte: imagem do site da Orquestra Sinfônica do Paraná. Usado com permissão.

nossa cidade natal. Ricardo também é mestre em música pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, é casado e não tem filhos.

Construção dos dados

Como já dito, realizei duas rodadas de entrevistas com cada um dos músicos-professores. A primeira delas aconteceu nos dias 22/01/2023 e 23/01/2023, presencialmente, domingo e segunda-feira respectivamente; ambas na parte da manhã na cidade de Curitiba-Pr, onde ambos residem. Os primeiros contatos foram feitos via WhatsApp e o agendamento para o encontro presencial acertado com antecedência para o mesmo final de semana, conforme a disponibilidade dos participantes. Segue trecho das minhas notas pessoais.

Desloquei-me de Maringá (cidade em que moro) até Curitiba na sexta-feira dia 20/02/2023 de ônibus. No domingo, conforme agendado, Ricardo me recebeu em seu apartamento localizado na região central da cidade próximo ao Teatro Guaíra, local onde ocorrem os ensaios da orquestra sinfônica onde trabalha. Ele se mostrava bastante feliz e empolgado.

Antes do momento da entrevista, passou café e arrumou a mesa. Me mostrou os instrumentos (violinos) que possui; alguns antigos e outros novos; partituras, materiais diversos e seus livros. Em seguida olha no relógio e diz: “vamos gravar?” Respondi: “vamos sim!” Liguei os equipamentos de gravação de vídeo e ele vestiu uma camisa para a ocasião (antes estava usando uma camiseta). Registro isso porque o cuidado e o comprometimento dele para com este momento resultaram em dados importantes para a pesquisa. A entrevista ocorreu de maneira muito tranquila. É muito gratificante entrevistar quem está disposto a contribuir com a pesquisa e se mostra aberto a compartilhar momentos particulares da vida. Ao todo, foram quase noventa minutos de entrevista.

No dia seguinte, a entrevista com Simone Savytzky ocorreu conforme o agendado. Eu a encontrei pontualmente às dez horas, em pé na garagem da casa, me aguardando. Cordialmente me recebeu e convidou-me para entrar. Me ofereceu água e café e foi logo me apresentando as dependências do espaço. Disse que ali ela havia nascido e passado a maior parte da sua vida. Na verdade, aquele espaço era a casa dos pais dela. Até o início da pandemia eles ainda moravam ali; mas devido às circunstâncias, ela e os demais irmãos acharam por bem eles irem morar num outro espaço que melhor correspondesse às necessidades deles. Ela e a sua irmã gêmea, violoncelista também da orquestra sinfônica, decidiram montar ali, na casa onde nasceram, uma escola de música. Anteriormente, ela e a irmã alugavam outro espaço onde atendiam os alunos particulares de música, mas entenderam que “voltar pra casa” seria a decisão mais adequada.

Conforme ela ia me apresentando as dependências da casa, me contava diversas histórias vividas naquela casa. Em cada cômodo havia uma lembrança, algo novo a dizer: “ali naquele canto eu estudava”; “nessa sala onde estamos eu peguei o violino do meu irmão e toquei pela primeira vez”. Me mostrou livros e materiais que ela havia ganhado de professores da época de graduação e mestrado. Mostrou certificados, CD’s, dos quais ela havia participado de gravações.

A entrevista ocorreu na sala em que ela dá aulas de violino. Uma sala ampla e muito aconchegante. Havia livros e instrumentos musicais. Ela arrumou a sala para que o enquadramento da filmagem fosse o melhor possível. Ela ainda sugeriu para que um quadro ficasse de fundo e as poltronas uma de cada lado. Liguei os meus equipamentos de gravação e logo começamos a conversar sobre o tema da pesquisa. Ela discorreu sobre cada questão de maneira generosa. Ela trazia as informações com riqueza de detalhes. Não economizou energia ao contar sobre a sua vida, momentos de vitórias e também de angústia. Ao final da entrevista, ela abriu dois copos de água para encerrar com um brinde. Um gesto elegante que faz sempre questão de celebrar a vida e os bons momentos.

Ambas as entrevistas foram ricas em dados para a pesquisa e me impactaram profundamente pela forma como ocorreram. Foram relatos vivos, em que ambos compartilharam e confiaram a mim parte de suas vidas e me apresentaram espaços que lhes são caros, carregados de significado. (Caderno de Notas)

A segunda rodada de entrevistas aconteceu remotamente em ambiente online através das plataformas digitais de vídeo conferência. A segunda entrevista com Simone Savitzky no dia 20/11/2023 às 10h30 e a segunda entrevista com Ricardo Molter aconteceu no dia 23/11/2023 às 14h30. Diferentemente do modelo presencial, a conversa online dispensou apresentações e acomodações sendo um pouco mais direta.

Tratamentos dos dados

A transcrição de ambas as entrevistas foi feita na sequência em que foram realizadas. Transformar em escrita tudo que foi dito de forma a expressar literalmente o que aconteceu durante o momento da construção de dados logo de início se mostrou uma tarefa que demandava considerável tempo e energia. Em vários trechos foram necessárias aplicar um modo de velocidade de

reprodução reduzida para compreender exatamente cada palavra que foi dita. Para realização dessa etapa da pesquisa, optei por realizar uma gravação em áudio e também em vídeo; para ter o registro de informações não verbais, tais como: inclinar o corpo, suspirar, levar as mãos à cabeça, sinais de afirmação ou negação. Para captação da primeira rodada de entrevistas, usei uma câmera de celular e um microfone. Para gravação da segunda rodada, gravei pela plataforma Google Meet. Esses detalhes foram acrescentados ao texto de transcrição.

Colaborador	Datas e Horários das Entrevistas	Fonte e Espaçamento	Tempo de Entrevistas	Total de Páginas Transcritas
Simone Savytzky	23/01/2023 às 10h00 Presencial	Calibri (corpo) 12 Espaçamento Simples	59:39	19
	-	-	-	-
	20/11/2023 às 10h30 online.	Book Antíqua 12 Espaçamento Simples	53:49	11
Ricardo Molter	22/01/2023 às 9h45 Presencial	Calibri (corpo) 12 Espaçamento Simples	01:22:32	24
	-	-	-	-
	23/11/2023 às 14h30 online	Book Antíqua 12 Espaçamento Simples	01:24:19	17
Total	-	-	04:40:19	71

Tabela 1 - Dados das entrevistas realizadas

Com os dados previamente coletados e selecionados dei início ao processo de organização, denominado de categorização. Segundo Marconi e Lakatos (2021), categoria é a classe, o grupo ou o tipo em uma série classificada.

Creswell (2014) afirma que “os dados coletados em um estudo narrativo precisam ser analisados para a história que eles têm a contar, uma cronologia de eventos que se desenrolam e momentos de mudança ou epifanias” (Creswell, 2014, p. 153).

Com o arquivo do texto das entrevistas na íntegra em mãos, iniciei o processo de catalogação dos dados coletados, organizando-os por suas semelhanças e sentidos. Para isso, fiz um novo arquivo com esses dados separados em categorias referentes à fala de cada um dos entrevistados. Esta parte da pesquisa, me demandou consideravelmente mais tempo para ler e reler o texto de transcrição. À medida que ia lendo os dados, percebia as repetições ou o destaque de certas palavras, frases, padrões de comportamento, forma deles pensarem e os acontecimentos, conforme orienta Bogdan e Biklen (1994, p. 221) e outros autores.

Imagine-se num grande ginásio com milhares de brinquedos espalhados pelo chão. Foi incumbido de os arrumar em pilhas de acordo com um esquema que terá de desenvolver. Passeia-se pelo ginásio, olhando para os brinquedos, pegando neles e examinando-os. Há várias maneiras de os arrumar em montes. Pode organizá-los por tamanhos, cores, país de origem, data de fabrico, fabricante, material de que são feitos, tipo de brincadeira que sugerem, grupo etário a que se destinam ou, ainda, pelo fato de representarem seres vivos ou objetos inanimados. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 221)

Ainda segundo Bogdan e Biklen (1994) esse sistema de codificação envolve várias etapas percorrendo os dados na procura por padrões e regularidades, denominadas de categorias de codificação. Essas categorias são uma classificação dos dados recolhidos, uma forma de organização e separação das informações para facilitar o acesso a elas durante o processo de análise. (Bogdan e Biklen, 1994, p. 221).

Creswell (2014), acrescenta sobre a organização dos dados coletados:

A análise de dados em pesquisa qualitativa consiste da preparação e organização dos dados (isto é, dados em texto como nas transcrições, ou dados em imagens como em fotografias) para análise, depois a redução dos dados em temas por meio de um processo de criação e condensação dos códigos e, finalmente, da representação dos dados em figuras, tabelas ou uma discussão. (CRESWELL, 2014, p. 147)

A interpretação dos dados em pesquisa qualitativa está relacionada com a abstração de códigos e temas para uma significação mais ampla. Creswell (2014), afirma que este processo é necessário para melhor compreensão das informações coletadas.

Existem várias formas, como a interpretação baseada em impressões, *insights* e intuição. A interpretação também pode estar inserida dentro de um constructo ou ideia da ciência social, ou ser uma combinação de visões pessoais em contraste com um constructo ou ideia da ciência social. (CRESWELL, 2014, p. 152)

Com os dados organizados em categorias, iniciei o processo da análise e escrita, que exigiu que eu revisitasse as leituras já empreendidas na revisão de literatura e em especial os conceitos inicialmente pensados, o autocultivo e a ética profissional. Contudo, no processo de análise, a partir dos dados que emergiam das entrevistas, trouxe o conceito de qualidade de vida, que dialoga com os demais, mas que contempla também aspectos pontuais da forma se ser e estar no mundo.

Simone Savytzky: uma história de quase 6 décadas com e na música

Iniciação Musical e Contexto Familiar

Simone é curitibana e parte de uma família de imigrantes ucranianos que construiu uma história no Brasil: “meu avô veio da Ucrânia, não tinha nada, veio sozinho”. Seu contato com a música ocorreu desde a infância com aulas de piano a partir dos quatro anos de idade, tendo como professora a sua avó. Mais tarde, observando seu irmão tocar violino, surgiu o interesse em também tocar esse instrumento. Ela conta que seu irmão estava estudando uma música “que se chamava ‘Valsa do papai’” e que por ouvi-lo tocar, a memorizou¹⁹.

eu peguei o violino dele [irmão] e comecei a tocar a música e minha mãe achou que tinha esquecido de levar o meu irmão; ela disse: “nossa, acho que não levei ele pra escola”. Porque como é que tava tocando violino, e quando ela abriu a porta assim: “nossa, você tá tocando violino! Você quer tocar violino?” “Eu quero!” Ela tinha a professora Ildegar Martins que foi a pioneira aqui [Curitiba], junto com a minha mãe, do método Suzuki²⁰. Eu fui estudar com ela na escola da música Belas Artes do Paraná. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

A prática musical sempre fez parte da rotina familiar de Simone. Sua avó tocava piano, sua mãe era professora de violino. Ela e seus irmãos tiveram acesso desde muito cedo dentro do ambiente familiar, o que contribuiu significativamente para o seu desenvolvimento como artista.

Minha avó materna ela tocava piano no cinema mudo. Por parte do meu avô, meu bisavô também tocava flauta transversa. O lado do meu pai também sempre gostaram muito de música. Meu avô tocava bandolim, não profissionalmente, mas gostava muito de música também. Minha irmã também, minha irmã gêmea Adriane, também começou no piano e eu só vim... eu tenho quatro irmãos né. A minha irmã gêmea toca violoncelo

¹⁹ Simone Savytzky - <https://www.youtube.com/watch?v=g3ta0L5RubA&t=172s>

²⁰ Shinichi Suzuki - Educador japonês idealizador da metodologia da educação do talento. Teve início após a segunda guerra mundial e é uma proposta pedagógica do ensino da música disseminada em vários países, inclusive no Brasil.

profissionalmente. A irmã Vanessa também toca violino na Camerata Antiqua de Curitiba. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

O interesse de Simone por música foi se fortalecendo e paralelamente ela também gostava da área da saúde, o que a levou prestar vestibular para as duas áreas: música e saúde, optando pela música como profissão.

E a música foi indo, foi progredindo. Terminei o ensino fundamental e já estava na Escola de Música e Belas Artes. [...]Eu adorava ler muito sobre saúde, bem estar... Mas a música era muito forte também. Então eu fiz vestibular para os dois e optei pela música. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Sua opção está relacionada com sua história de vida e familiar. O fato de Simone estar em uma família que cultivava a cultura musical certamente contribuiu para sua escolha. Ela então, cursou o bacharelado em violino na Escola de Música e Belas Artes do Paraná: “me formei com o Paulo Bosísio²¹sendo meu professor” (Simone). Ele havia voltado da Suíça e Simone ficou “muito entusiasmada com a energia dele, igual do nível técnico que ele tinha. Ele vinha todo mês [do Rio de Janeiro]”. Ela continua: “quando a gente se formou ele disse: ‘a minha missão está cumprida! Agora vocês vão continuar’” (Simone).

Durante os estudos ela recebeu o apoio de seus pais e o suporte financeiro necessário para dedicar-se ao desenvolvimento técnico e artístico exigido pelo curso de bacharelado em instrumento: “morei com os meus pais, estava morando com meus pais enquanto estava fazendo o curso superior. Aí eu fui para os Estados Unidos [onde fez o mestrado em música], voltei, morei um período com eles e depois eu fui morar sozinha. Meus pais me ajudaram” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

Ter tido a ajuda dos pais certamente contribuiu para o percurso de Simone. Por outro lado, é visível o esforço de Simone em seus estudos. Sua formação musical possui uma reverberação da história musical da família e do investimento dos pais, porém, há que dar créditos também ao avanço musical

²¹**Paulo Bosísio:** violinista e pedagogo brasileiro. Professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

conquistado por Simone por meio de seu foco e disciplina no estudo do seu instrumento.

Em meados da década de oitenta, a realidade do cenário musical brasileiro apresentava uma situação em que músicos que desejavam se aperfeiçoar, principalmente em cursos de nível de pós-graduação, teriam que buscar por cursos em instituições fora do país. Apesar de morar na capital do estado, a escassez de instituições que ofereciam cursos desse nível ainda era acentuada. Os destinos mais comuns: Europa e Estados Unidos. Simone, que já nutria o desejo de estudar fora do país, teve a oportunidade de participar de festivais de música em Campos do Jordão onde recebeu convites para estudar nos Estados Unidos.

Festival de Campos do Jordão²² onde eu tive dois convites bem interessantes. E também naquela época a inflação era absurda. Não tinha nem condição financeira de me manter fora. Então, eu fiquei com aquilo; eu sempre quis estudar fora. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Sua família teve um papel muito importante nessa fase de escolhas para poder decidir com calma e planejamento cada etapa desse processo. “Só que eu era menor de idade não tinha terminado ainda meu curso; e meus pais disseram: não, você primeiro termina o curso depois você vai”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

O processo de educação e formação musical de Simone esteve diretamente ligado com suas raízes familiares e sua herança cultural. O contato com a música de maneira sistemática já na infância dentro do espaço familiar – aulas e prática musical – é uma realidade em que a coloca em um local com acesso a conhecimentos e instrumentos musicais - como violino e piano - no ambiente doméstico. O fato de sua mãe e avó serem musicista também contribuiu sobremaneira para que ela tivesse aulas de música sistematizadas ainda da infância.

²²**Festival de Inverno de Campos do Jordão** – Em sua 54ª edição, é um dos festivais mais tradicionais de música erudita do país. Promovido pela prefeitura de Campos do Jordão e pela fundação Osesp. Acontece anualmente nas cidades de Campos do Jordão-SP e em São Paulo-SP. <http://www.festivalcamposdojordao.org.br/o-festival/>

Aprendizados musicais no ambiente familiar é discutido também na pesquisa de Gomes (2003), que revela “a casa como escola” de música. Os dados da investigação de Gomes (2003), indicam, inclusive, que nesta dinâmica de estudos levam a uma exigência rigorosa de tempo de estudos e orientações constantes. Por outro lado, a pesquisa também revela que há aprendizados musicais “silenciosos” ou “difusos”, onde se aprende música sem ter muita consciência deste aprendizado, porque ele ocorre a partir dos hábitos e práticas musicais familiares cotidianas, sem intencionalidade.

Sobre a importância do apoio no espaço familiar para o desenvolvimento da identidade profissional, Pimentel (2019) discorre a respeito das influências que essa realidade exerce sobre o indivíduo; mesmo tendo o poder de livre escolha sobre qual atividade profissional escolher, a família tem influências nesse processo. De maneira geral, os padrões tendem a se repetir. A partir desse núcleo cultural da família, seus membros interpretam a realidade (Pimentel, 2019, p. 151).

Essa característica aparece consideravelmente na narrativa de Simone; o quanto lhe é significativo e como impactou toda a sua trajetória profissional o fato de ela ter recebido o apoio familiar para prosseguir com seus estudos. Esse apoio não apenas sendo financeiro, mas principalmente apoio emocional para atravessar momentos desafiadores. Outra característica observada é o fato de que sua família morava na capital do estado possibilitando o acesso ao curso de bacharelado em instrumento (violino) oferecido na Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP.

Mais tarde, Simone recebeu o convite de John Kendall²³, que veio ao Brasil para ministrar um curso em Curitiba.

Bem nessa época veio um professor John Kendall, que é o pai de *todos* nós, porque foi graças a ele ter ido para o Japão, conheceu o Dr. Suzuki, e depois voltou para os Estados Unidos e começou a difundir o método Suzuki em todos os países. E ele veio fazer um curso aqui em Curitiba na Universidade Federal do Paraná [...] Ele já tinha gostado de mim. Disse: “nossa você podia estudar

²³**John Kendall:** educador musical responsável pela difusão da metodologia Suzuki no mundo e por trazer do Japão para os EUA o próprio Sr. Shinichi Suzuki no início da década de 1960. https://www.siue.edu/lovejoylibrary/musiclistening/special_collections/title/kendall/kendall.shtml

comigo, você tem jeito com as crianças, funciona muito bem”.
(SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

A partir daí o professor orientador Ms. Kendall teve um papel significativo na formação de Simone. Em vários momentos da entrevista ela mencionou o nome dele com profundo respeito e admiração. Desde o convite para o mestrado, o tempo de permanência nos EUA durante o curso e mesmo depois, indicando-a para trabalhos e cursos de aperfeiçoamento. Ela detalha que ele, inclusive a auxiliou com a documentação necessária para o ingresso na universidade, na época via fax. “Ele disse assim: ‘você quer outra oportunidade, outra opção, eu vou ligar para minha esposa ela vai mandar pelo fax²⁴ toda documentação da minha universidade e eu faço tudo aqui para você, você manda, mas aí você vai estudar comigo” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

Embora tivesse o apoio da família, a situação econômica desfavorável do Brasil na década de oitenta era um motivo a mais para que um número cada vez maior de pessoas buscasse outra opção de vida em outros países. Ao mesmo tempo, arcar com as despesas básicas necessárias com o câmbio estrangeiro supervalorizado tornava-se um enorme desafio. Para Simone, o fator determinante que possibilitou que sua jornada acadêmica tivesse êxito foi a aprovação do CNPq²⁵.

“Meu Deus, não é possível, passei na Universidade de Yale²⁶! E agora veio em outro problema, como que eu vou me sustentar?” Então, mas com uma carta que veio depois veio a carta da Yale oficialmente me convidando; eu fiquei um tempo lá, daí voltei para o Brasil e tinha que conseguir uma maneira de me sustentar. Então, eu mandei para o CNPq. [...] E a minha bolsa, era para

²⁴FAX é uma abreviatura de Facsimile, que significa uma edição nova que reproduz exatamente a edição original, inclusive fontes de letras, escalas, ilustrações, diagramação e paginação, ou seja, ele é utilizado para transferência remota de documentos via rede telefônica.

²⁵A sigla **CNPq** significa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Trata-se de uma agência governamental, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), que tem como finalidade o fomento da pesquisa científica e tecnológica, e o incentivo a formação de pesquisadores no Brasil. <https://www.infoescola.com/ciencias/conselho-nacional-de-desenvolvimento-cientifico-e-tecnologico-cnpq/>

²⁶A Universidade **Yale** é uma instituição de ensino superior privada americana, situada em New Haven, Connecticut.

dois anos. Eu tinha... fiz um acordo. Como eu já tinha entrado na Orquestra Sinfônica do Paraná - entrei com o primeiro concurso que teve em 1985 e eu tive que deixar assinado que eu voltaria. E eu iria trabalhar. O CNPq exige que você trabalhe o tempo que você ficou fora que eles pagavam. E eu assinei isso! Porque eu achei muito justo. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Adenot (2010) discorre sobre a formação de um músico que necessita de um grande investimento desde a tenra infância, não desprovida de sacrifícios de todas as ordens (sociais, familiares, escolares, etc.) (ADENOT, 2010, p. 9-10). No caso de Simone, não foi diferente. Questões muito além da formação artística e neste caso principalmente relacionadas à subsistência com música se faziam presentes. Havia o desejo e a oportunidade de ir estudar fora do Brasil e ao mesmo tempo a necessidade de não perder o vínculo com um trabalho formal específico da sua área de atuação, o que a fez assinar um termo de compromisso de que retornaria à orquestra após sua formação nos Estados Unidos. Os desafios para conseguir ir para Yale fizeram com que a conquista fosse quase inacreditável para ela, conforme ela conta:

Eu realmente ter chegado na Universidade de Yale e me deparar com o museu da Yale... Me lembro até hoje que eu entrei e eu sentei num *puff* grande vermelho que tinha. E tinha um quadro maravilhoso do Picasso, que era uma parede inteira... e eu comecei a chorar. E aí veio a moça da recepção e disse: “você está bem”? Falei: “eu estou bem. Só estou muito emocionada... Como é que eu consegui chegar aqui?” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Dentre os desafios que tornava a conquista quase inacreditável estava a fluência no inglês e a aprovação no TOEFL²⁷. Na primeira vez que prestou, não obteve o escore exigido. No caso dela, posteriormente foi possível fazer o teste novamente já morando nos EUA:

Tive que fazer aquele exame TOEFL. O primeiro, aqui, eu não passei. [...] meu escore foi bem perto [...] Não passei e não tenho vergonha! É normal. Mas o meu score estava muito próximo, assim. “Você vai! Você está aceita! Quando você chegar lá, você tem que fazer ‘one a one’ - é uma matéria de inglês que você tem

²⁷O IELTS e o TOEFL são provas em inglês, os dois testes mais usados para atestar proficiência em inglês. Em universidades e instituições de ensino variadas, esses exames são um dos pré-requisitos do processo seletivo para ingressar nos cursos ofertados.

que fazer em uma universidade onde você é estrangeira. E daí eu tinha um prazo, tinha que fazer de novo. Aí eu fiz o teste lá de novo e passei! (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

O desafio enfrentado pela dificuldade com o inglês na narrado por Simone como um fato que não a envergonha, conforme afirma. Ou seja, embora seja possível que este aspecto tenha gerado uma dor naquele momento, isso foi ressignificado sem que ela mencione o fato com uma carga negativa. A situação é tratada como um processo que fez parte da sua história e que houve solução e não a paralisou.

A experiência no mestrado foi um marco na vida de Simone, não somente pelos conteúdos acadêmicos, mas parece que, especialmente, pela relação que estabeleceu com seu professor orientador. Em alguns momentos ao longo da entrevista, dava para sentir o quanto Simone estava emocionalmente sensível. Era claro no seu relato a profundidade do respeito e admiração por Kendall, o que a levou a vê-lo como uma pessoa “iluminada”. Ela conta sobre uma ação do professor que foi marcante em sua formação:

Eles [professor e sua esposa] me chamaram para jantar e eles me perguntaram o que eu ia fazer no verão. Eu disse: “vou continuar fazendo algumas matérias, mas vou ficar aqui; não vou voltar para o Brasil”. E ela disse assim: “então nós temos um presente pra você que tá debaixo do prato”. Eu falei: “mas o que que é?” Ela disse assim: “veja”! Ela disse assim: “aqui ó, você...para poder participar do curso do método Suzuki em Ithaca²⁸. Um presente do Mr. Kendall e da Mrs. Kendall”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Simone relata com emoção o quanto esse curso de especialização no *Ithaca College* redirecionou todo o seu planejamento de vida e os benefícios que vieram; benefícios estes que vão para além do âmbito musical e profissional. Através desse curso, ela teve a oportunidade de conhecer outros países e vivenciar momentos marcantes que tiveram influência direta em sua atuação. “Foi aí que fiz especialização no Método Suzuki. Eu sempre digo que foram meus anos dourados. O que o método Suzuki me abriu portas!”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

²⁸*Ithaca College* - Colégio privado no estado de Nova Iorque - EUA.

Esse fato em especial, marcou profundamente a vida de Simone. Observar as qualidades específicas de cada aluno e buscar maneiras para que essas habilidades sejam potencializadas fez com que ela ampliasse o olhar de atuar além de performer, também como uma professora de música em potencial.

Durante o período do mestrado nos EUA, Simone envolveu-se com aulas de música, cachês em eventos, atividades extras com objetivo primário de complementar a sua renda. Isso gerou um engajamento profissional e favoreceu sua visibilidade como profissional: “Eu dava aula lá, fazia cachês como a gente faz aqui. Você começa a ser conhecido então as pessoas te chamam. Orquestras pequenas, casamentos, enfim. Você faz parte da comunidade e as pessoas né...” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

A realidade enfrentada de estudar e trabalhar em diferentes frentes de atuação não é vista por Simone como algo que gera dor. Ao contrário, sua narrativa indica que isso contribuiu para que as pessoas a conhecessem e reconhecessem suas capacidades em música. Ela conta que esse comportamento ativo no campo da música foi observado e valorizado pelo seu orientador de mestrado, John Kendall.

Então, quando tinha terminado mestrado o meu professor chegou e disse: “eu não quero que você volte pro Brasil, você é excelente aqui”. Eu disse: “mas professor, eu não vou ter mais bolsa do CNPq”. “Não tem problema eu vou te dar mais bolsa. Você vai ter uma bolsa para ficar e você vai trabalhar como professora aqui”. E eu fiquei mais meio ano trabalhando. E no ano... meu professor já estava numa certa idade, o John Kendall ele já ia se aposentar. [...] E eles começaram a fazer uma... Assim uma pesquisa de quem poderia assumir no lugar dele. E eu tinha uma amiga muito querida que era americana. E ela me chamou para tomar um café e disse assim: “você é uma das pessoas mais cotadas para assumir o lugar do Ms. Kendall”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Simone narra esse momento da sua vida com muito saudosismo: fala pausada e respirações profundas. As recordações dessa fase em que viveu são muito profundas e significativas na sua fala.

Outra característica muito presente em sua trajetória profissional de Simone é a prática simultânea de estudar e trabalhar. Mesmo antes de ingressar no curso superior em música, já atuava como professora de violino. Durante todo o seu período como estudante, além de tocar em grupos musicais também atuava com aulas de música. Essas atividades auxiliavam nas despesas com seus estudos e quando ainda morava com os seus pais, possibilitou poupar uma parte para investimentos futuros.

Muito mais que uma atividade para gerar renda, atuar na mesma área em que estuda fez com que tivesse uma formação transversal, ampliando as suas possibilidades profissionais, retroalimentando sua prática como artista e como educadora. Estar ativa nessas duas frentes trouxe experiências que contribuíram com o seu processo de formação artístico-profissional e ampliaram o seu entendimento do significado do que é ser uma violinista profissional que as demandas artísticas e sociais de uma orquestra, e que compreende que pode exercer um papel de agente de mudança no processo de educação, dela mesma e por consequência de seus alunos.

Como dito anteriormente, Simone afirma que os anos em que passou nos EUA foram seus “anos dourados”. Ao concluir o curso de mestrado ela deveria voltar ao Brasil conforme as exigências da bolsa oferecida pela CNPq. Ao receber o convite do seu professor ao final do curso ela se sentiu num momento de sua decisão seria crucial para o seu futuro. Apesar de todas as vantagens nos EUA, estudo e trabalho, Simone decide voltar para o seu país de origem. Nas palavras dela: “lá, eu seria apenas mais uma e aqui eu poderia contribuir mais” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

Essa fala de Simone é muito emblemática e tem significados profundos na sua prática profissional. A atitude do seu professor ao convidá-la não apenas para estudar, mas oferecer engajamento profissional e condições para que ela conseguisse se estabelecer em outro país através do seu próprio trabalho, foi algo que mudou completamente a visão de Simone com o seu ofício.

Higgins (2011) aborda sobre esse assunto, onde direcionar para a prática do ensino é a maneira mais eficaz de se aprender ensinando.

Delinear elementos de uma formação de professores não é apenas sobre aprender a ensinar, mas aprender a aprender ensinando; uma educação de professores para um conhecimento prático que ajuda professores a entrar na prática de seu ofício, manter um diálogo vocacional e promover seu próprio autocultivo. (HIGGINS, 2012, p. 12)²⁹

Atuação Profissional

A atuação de Simone como professora e como performer foi se efetivando paralelamente à sua formação. Trabalhar e estudar ao mesmo tempo já fazia parte da sua rotina mesmo antes do período de graduação: “comecei a trabalhar muito cedo. Com 16 anos eu já tocava na orquestra da universidade. Já comecei dar aula... Eu sempre trabalhei desde os meus 16 anos” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023). Ela continua:

Sempre trabalhei. Trabalhava na camerata Antiqua de Curitiba. Por anos trabalhei na orquestra de Câmara de Blumenau. E fora os outros cursos que eu dava. Dava aula em Joinville, dava aula em Blumenau, era a cada quinze dias. Eu ia no sábado e voltava. Ia para Tatuí, também dar aula. Eu usava os horários, quando não tinha concerto eu remanejava e ia dar aula nesses lugares que me chamavam. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Pimentel (2019) discorre sobre a formação e inserção precoce dos músicos no mercado de trabalho; esse fato pode gerar também uma profissionalização precoce, ou seja, muitos músicos começam a atuar profissionalmente antes de concluírem a sua formação profissional (Pimentel, 2019, p. 31). Essa realidade faz parte da vida de grande parte dos músicos que procuram pelas instituições de formação acadêmica ou de nível técnico. Com raras exceções, trabalhar enquanto estuda tem sido a rotina da maioria das pessoas que não possuem aporte financeiro. Cansaço, desgaste físico e psicológico, agenda apertada, entre outros, podem comprometer a qualidade tanto da atuação profissional quanto

²⁹**Texto Original:** outline elements of a teacher education that is not only about learning how to teach, but about learning how to learn through teaching; a teacher education for practical wisdom that helps teachers enter the practice of teaching, sustain a vocational conversation, and further their own selfcultivation. (HIGGINS, 2012 p. 12) – Tradução Minha

na sua formação musical, quando não há planejamento e disciplina em ambas as frentes. Por outro lado, é uma oportunidade de retroalimentação entre atuar no campo da música enquanto se está em processo formativo. Essa dinâmica de compromissos profissionais e com os estudos sempre fez parte da rotina da vida de Simone; mesmo antes de ingressar no curso superior, ela já estava inserida nessa realidade.

Como performer, uma das experiências que Simone acredita que a ajudou consideravelmente na sua projeção e visibilidade como artista, foi ocupar o papel de *spalla*³⁰ da Orquestra Sinfônica do Paraná onde teve a oportunidade de estabelecer contato com nomes de projeção internacional. Ela conta que uma de suas interpretações saiu nas mídias da época dando ênfase à sua performance e lhe conferiu visibilidade:

Foi o oratório de Liverpool³¹ do Paul McCartney, com coro. Nessa peça tem um solo enorme de violino, lá no agudo assim. Mas a música é tão linda... É Beatles, é Paul McCartney né? Eu me realizei. Eu me identifiquei; eu gostei muito de tocar! (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Como *spalla* da Orquestra Sinfônica do Paraná, sua rotina de vida obedecia as exigências do cargo. Nas palavras dela:

Você tem que estar preparado tecnicamente sempre estudando. Então isso tudo exige como uma atleta, você tem que treinar. A gente tem que cuidar porque senão a gente acaba colocando a cara a tapa, né? Porque se você estiver cansado às vezes a concentração pode falhar. Quantas vezes eu queria ir andar num parque num domingo cedo ou no sábado; não, não dá! Tem que acordar cedo e passar todo repertório antes de ir pro teatro. Você vai ter solo, você precisa fazer isso. Você tem que respeitar que você tem um cargo que você vai ter um solo e que você não pode ficar fazendo isso. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

³⁰**Spalla**- Chefe de cada naipe da orquestra. Termo usado principalmente para o chefe de naipe dos primeiros violinos da orquestra. Posicionado ao lado do maestro auxiliando-o quando necessário e liderando o naipe. Os demais chefes de napes dos outros instrumentos seguem as instruções decididas por ele. É o cargo de maior destaque dentro da orquestra depois do maestro.

³¹**Oratório de Liverpool** - Orquestra Sinfônica do Paraná. Regência de Emanuel Martinez - Teatro Guaíra, Curitiba-PR, 08, 09 e 10 de Outubro de 1993. <https://www.youtube.com/watch?v=VZJPi5DPtIQ&t=61s>

Ainda sobre o cargo de *spalla* da orquestra, Simone conta que assumiu por alguns anos e que hoje não tem mais interesse em continuar nessa posição. Apesar da necessidade de manter sua prática musical em dia para atender às demandas que a orquestra sinfônica necessita, esse cargo exige muita energia e requer uma responsabilidade da qual ela prefere não mais assumir. Embora podendo já estar aposentada da orquestra por tempo de serviço, ela decidiu continuar trabalhando porque acredita que esse ofício faz parte da sua vida.

Hoje eu não quero mais, nem quis mais porque eu acho que a gente tem que dar autoridade para outras pessoas e também tem aquele estresse. Isso também consome a tua saúde, e eu queria ter um pouco mais de... Não que você não vai estudar, mas é diferente né. Mas é... Continuo tocando na orquestra sinfônica do Paraná. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Permanecer ativa na orquestra, mesmo com condições de se aposentar, é para Simone uma forma de se manter em movimento. De certa forma, a sua vida profissional sempre esteve muito próxima da sua vida pessoal. Em muitos momentos elas se entrelaçam e uma complementa a outra. A rotina de compromissos da orquestra é um incentivo para que ela continue se desafiando a continuar estudando, a continuar a se desenvolver. “Então, é tudo isso... Você tem que ir se superando né?” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

Essa postura adotada por Simone frente ao cargo que exerceu na Orquestra Sinfônica do Paraná muito diz sobre a sua postura como pessoa no sentido de analisar e ter consciência do seu desejo, em desempenhar ou não determinados papéis sociais no campo da música. É, portanto, mérito de seu engajamento, disciplina e foco muitas das suas conquistas realizadas no campo da música.

Juntamente com sua mãe e irmãs, Simone atua como professora de violino na Orquestra Suzuki de Curitiba³². Fundada no ano de 1985, a instituição conta com um corpo docente preparado para a difusão da abordagem Suzuki. São oferecidas aulas de violino, viola e violoncelo para alunos de todas as idades. Simone atende atualmente dezoito alunos com

³²Orquestra Suzuki de Curitiba - <https://www.orquestrasuzukicuritiba.com/sobre>

idades entre 4 e 82 anos. A escola onde Simone trabalha faz parte de um complexo de professores que juntos fazem parte da Camerata Suzuki, onde desenvolvem projetos comunitários e turnês nacionais e internacionais.

Nesse sentido, ela conta também que a forma de dar aula também tem apresentado desafios os quais exigem um tempo maior de planejamento de atividades e desenvolvimento de estratégias de ensino. A necessidade de adaptação é constante para atender as especificidades do perfil de cada aluno. Segundo ela:

Você precisa se adaptar! Eu não dou aula mais exatamente; não tem como você dar aula como a trinta, quarenta anos atrás. As coisas estão muito rápidas hoje. As crianças não têm paciência. Às vezes você vê pelo vídeo de um celular, não demora nem um minuto e as pessoas não tem paciência nem de ouvir. A gente tem que usar de brincadeiras e foco, mas continuar exigindo da mesma maneira. Como eu falei pra você, eu tenho uma gama de alunos de quatro anos até oitenta e cinco, então eu não posso dar aula igual para uma pessoa de oitenta e cinco e uma pessoa de quatro anos. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Essa busca constante por atualização, segundo Simone, pode ser adquirida através do estudo, das apresentações e leituras de material de apoio: “é a prática diária e continuar sempre se apresentando, lendo, se atualizando”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023). Essa busca por movimento, essa ação de não se acomodar, estar sempre à procura de algo melhor, apesar de exigir tempo e energia da sua vida pessoal, ela tem a convicção de ser a melhor forma de atuar.

Apesar de ter se tornado uma referência da abordagem Suzuki em Curitiba e região juntamente com a sua família, Simone afirma que hoje ela usa um pouco de cada abordagem que ela teve contato ao longo da sua formação através dos seus professores. Embora as bases da sua abordagem pedagógica estejam ainda fortemente alicerçadas na filosofia Suzuki, ela considera que cada professor traz consigo ensinamentos próprios; a maneira particular de cada pessoa compreender e aplicar conceitos metodológicos dos quais ela também considera importantes. Ela diz:

Eu acho que a gente, na verdade, aprende com tantos professores; ideias e conhecimentos, que a gente acaba usando

um pouco de cada um deles. A nossa bagagem genética dos professores, né? Obvio, eu uso muito da metodologia do Método Suzuki, porque é a maneira como você tem que tratar as pessoas. Viver de uma maneira mais positiva, compreender, né? Mas eu me vejo usando coisas do Paulo Bosísio, John Kendall, com professores dos EUA, com professores da Yale, enfim. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Durante as entrevistas, sempre que Simone fazia menção a algum dos seus professores, ela demonstrava um profundo respeito e admiração. Como professora, ela compreende que para ela estar ali naquele local atuando, muitas outras pessoas estiveram fazendo o mesmo com ela; compreende a responsabilidade de carregar consigo as experiências dos seus professores e da mesma forma as experiências que ela como aluna vivenciou. Ela afirma: “Eu acho que a gente carrega dentro da gente e eu acho isso muito importante; porque quando eu falo: ‘meu professor falava sempre isso, aquilo e tal’, é uma maneira da gente honrar todos aqueles que nos ensinaram”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Com relação à forma como Simone compreende e desenvolve os conteúdos musicais com seus alunos, ela relata que o que considera mais importante é observar as necessidades de cada aluno. É ver como eles se comportam e se apresentam em cada encontro: seu estado de humor, estado de saúde, e com isso preparar o aluno para que ele consiga melhor compreender os conteúdos abordados. Segundo Simone:

Sim, primeiro você já vê quando eles chegam: se estão doentes, se estão tristes ou não. Às vezes você tem que dar uma “dançadinha” ali pra ver como que você... né? (fazendo movimentos com o corpo prá lá e prá cá). Trabalhar som, trabalhar arcada, uma escalinha que seja base, de uma oitava, aí a música, leitura, leitura à primeira vista... Depois conforme for aumentando a dificuldade você vai tentar com as técnicas, com os métodos mais tradicionais. Mas sempre com a filosofia, que eu uso do Método Suzuki. Então, cada um é um. Às vezes o aluno está precisando de um pouco mais de arco, ele é muito tímido, então precisa de mais arco. Outro precisa de mais afinação. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Simone discorre sobre uma adaptação da abordagem Suzuki que adicionou as suas aulas: a leitura das figuras musicais na partitura tradicional.

Essa era uma característica marcante desse tipo de abordagem, “tocar primeiro, ler depois”. Devido às necessidades de cada local, essa característica tem apresentado ajustes que Simone adaptou e adicionou aos conteúdos das suas aulas: “antes a gente não usava tanto a leitura no começo, agora a gente introduz a leitura bem mais cedo. Foi uma adaptação no mundo inteiro com o método Suzuki. A leitura vinha muito tardia, então agora a gente faz antes”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023).

Dentre as atuações de Simone, uma que a marcou muito foi a oportunidade de participar como professora de violino em um projeto social no Paraguai, com crianças carentes, na década de noventa:

Também fui pro Paraguai. Eu fiz um projeto social também de um banco que financiou toda a compra de instrumentos. As crianças eram paupérrimas. Então, tinha crianças que moravam... Que eles tinham... Revestiam um barranco assim com lona e não tinha nada. Eles dormiam e comiam na rua. E essas crianças... É... [eu ouvi]: “você vai ter que fazer uma seleção; ver quem pode tocar”. Então [eu disse]: “não vou fazer seleção, quem tem interesse vai tocar comigo”. E lá [no projeto] eles recebiam comida, um agasalho, tênis, comida... Toda vez que eles vinham para aula eles tinham. E aí eu treinei duas alunas que já tocavam assim melhor. Que elas davam aula toda semana e eu ia uma vez por mês pro Paraguai e trabalhava com eles. Foi um projeto assim que me deu muita satisfação de ter ajudado; contribuído né? Depois teve problemas... Eu não sei se foi política, os detalhes eu não sei. Eles foram reduzindo esse projeto, mas eu tenho certeza que esse tempo que eu fiquei indo pro Paraguai; a gente mudou, através da música e do Método Suzuki, a gente mudou a vida de muitas crianças. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Nessa fase da vida, Simone passa a exercer com mais intensidade a sua atividade como educadora. Aqui o foco já não é mais a orquestra, ou o cargo de *spalla* que até pouco tempo atrás era uma prioridade. Progressivamente a sua atuação profissional foi se configurando em outra dinâmica de atuação. Mesmo ainda mantendo seu emprego fixo na orquestra, não mais como *spalla* mas como músico de fila, garantindo os benefícios e segurança financeira de uma vaga no setor público, pode agora contribuir e investir tempo e energia em atividades de projetos sociais. Essa ação está afinada com a sua decisão em voltar para o

Brasil quando terminou o seu curso de mestrado; entendendo que aqui, no seu país de origem, poderia não apenas “ser mais uma”, mas contribuir significativamente na vida de outras pessoas.

Como professora, Simone conta que sua atenção está voltada para o ser humano. Ela afirma que sempre busca compreender o que essa pessoa [o aluno] procura, suas dificuldades e o que ela busca com as aulas de música. Identificar esses pontos pode evitar frustrações tanto do professor como do aluno. Ela destaca:

Acho que você tem que mostrar interesse pelo ser humano; por ele, não só dar aula. Você tem que ver o que está acontecendo. Às vezes pode estar tendo problema na família, pode estar tendo um divórcio, pode estar tendo alguém doente, ou a própria criança pode estar doente, então tem que se interessar pelo ser humano para poder entender, motivar e ajudar. Porque às vezes você quer uma coisa da pessoa e a pessoa não está nem com vontade, está triste, está chateada. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Embora Simone seja uma profissional que também atua nos palcos, se apresentando constantemente, ela entende que o interesse do professor pelo aluno é algo imprescindível: “o que eu acho que faz você ter o elo [professor-aluno] é o interesse pelo aluno”. Além disso, sabe-se que para algumas pessoas as apresentações musicais são importantes para a formação enquanto que para outras, isso é secundário, e ela respeita: “até outro dia, uma aluna me disse que pra ela não era o mais importante se apresentar, mas sim vim pra aula. Então, cada um é diferente” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023).

Essa postura com os alunos é um modelo semelhante ao que ela teve quando aluna. Ao citar fatos pontuais de seus professores é muito evidente o quanto o padrão de relacionamento entre professor-aluno se repete: a postura generosa e o mostrar interesse pelo humano são elementos muito presentes na sua história com seus professores e agora performados por ela como educadora. A sensibilidade para ler e interpretar as especificidades de cada aluno - seus interesses, seus sonhos, suas necessidades - é uma habilidade que considera ser crucial para haja efetivamente uma troca de saberes, experiências e como resultado o desenvolvimento do aluno.

Ao falar da docência, Simone conta das transformações que percebeu ao longo da sua carreira de mais de 40 anos como professora. Em sua opinião, a pandemia da covid-19 trouxe para o campo da música uma mudança significativa que é o maior interesse das pessoas de estarem a procura de atividades para se sentirem vivas. Durante quase dois anos de distanciamento social, as aulas no ambiente online foram um desafio para alunos e professores. Mesmo assim, essa adaptação trouxe uma nova realidade. Ela relata:

A gente teve que se adaptar muito, foram quase dois anos de aulas online. Então para a criança não é fácil. Mas todos eles evoluíram, por incrível que pareça. E agora eu vejo uma necessidade, pelos concertos que a gente faz, o público, as pessoas querem vida! Os concertos têm estado lotados. Então isso mostra como isso ficou uma lacuna. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Atuação em outras atividades além da música

Mesmo tendo investido a vida toda na sua carreira musical, Simone também “esteve aberta” a experimentar novas possibilidades profissionais. Ela relata o quanto isso foi importante. Ela acredita que não mudará mais de profissão, mas que continua com energia e vontade de aprender e fazer coisas novas: “não vou dizer que de repente eu não vá fazer mais alguma outra coisa. Fiz um curso de medicina e acupuntura. Então, é você estar aberto. Se eu vou largar a música? Acho que não, até porque isso está intrínseco na gente”, diz isso fazendo sinal de música está em suas veias. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023).

Durante um período específico da sua vida, Simone investiu em um curso de estimulação pré-natal. Fez uma formação nos EUA e buscou se aprimorar. Essa nova possibilidade de atuação profissional juntava ao mesmo tempo duas de suas paixões: música e medicina. Nesta época ela ficou conhecida no Brasil como violinista e professora de aplicação da abordagem Suzuki e passou também a atuar com cursos de estimulação pré-natal com música.

Também tem uma outra parte que eu não falei ainda... que eu sempre gostei muito da medicina e eu fiquei fascinada com o

curso de estimulação pré-natal. Fiz curso para as gestantes de estimulação pré-natal e para bebês de 0 a 03 anos. Então eu fiz isso já faz... eu fui com... eu estava com 39, 40 anos eu fui para Houston e fiquei um período lá fazendo esse curso no hospital de Houston. E foi fantástico. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Esses cursos da área de saúde juntamente com a música, Simone conta que participou de alguns festivais oferecendo a oficina de estimulação musical pré-natal com música e que carrega hoje relatos de mães que tiveram essa experiência com ela e que teve impacto significativo no interesse dos filhos por música. Um dos festivais em que Simone atuou com essa oficina foi no 26º Festival de Música de Londrina a convite do então diretor e pianista Marco Antônio de Almeida³³. Por razões de cunho político e de mudança de gestão, o curso não foi mais oferecido. Hoje, Simone dedica-se às atividades da orquestra e das aulas de violino.

Embora a vida de Simone tenha sido em grande parte, com e sobre música, ela afirmou que já sentiu vontade de mudar de profissão.

Elie: Mas em algum momento já aconteceu alguma crise assim que você pensou talvez mudar de direção? De sair da música e investir profissionalmente em alguma outra área?

Simone: Já...já, já... já pensei! Mas acaba que a música te puxa de volta né?(SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Simone não diz mais detalhes sobre momentos da sua carreira em que pensou em trocar de área. Todavia, ela enfatiza positivamente que já teve essa intenção; porém, por alguma razão acabava sempre retornando o foco à música.

Bartz (2020) apresenta uma discussão a respeito de músicos que atuam com música erudita (orquestras) que enfrentam situações marcadas pela instabilidade e que raramente encontram outras formas seguras disponíveis; muitos acabam permanecendo no mesmo emprego por muitos anos sem se aventurar por novos caminhos. Esse não foi o caso de Simone. Mesmo estando

³³26º Festival de Música de Londrina -

https://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_N_Texto=1260&FWS_Cod_Categoria=2

com o seu emprego na orquestra sinfônica (funcionária pública), ela experimentou também outros caminhos profissionais. Já que tinha essa segurança, pode investir em outros cursos de formação além da música.

Nesta direção, a vida profissional de Simone sempre foi gerenciada de maneira que ela teve oportunidades e possibilidades de sustentar-se e conquistar bens a partir de seus ganhos com música. Ela se orgulha em afirmar que a música proporcionou vivenciar momentos que foram valiosos e que suas aquisições foram conquistadas com seu próprio trabalho e adverte sobre a importância de saber administrar o que se ganha:

Tudo que eu adquiri agora, tudo com meu trabalho da música. Eu vejo profissões hoje em dia eles estão muito piores do que com a música. Eu acho que depende de como você leva a tua vida. Eu já viajei muito pelo mundo através da música, com a música. Conheci países fantásticos. Mas você tem que saber administrar o que você ganha. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Simone acredita que ser feliz com o que faz tem a ver também com os resultados financeiros que a atividade profissional proporciona e sobretudo pela maneira como se olha para as atividades que exerce.

Eu acho que eu trabalho até mais do que muita gente que é mais jovem né. Estou com 18 alunos. Eu sempre trabalhei, mas sempre trabalhei com prazer! Eu acho que para ser feliz e dar certo, você tem que trabalhar com prazer. Você vai para o trabalho reclamando; vai dar aula... “Ah, tem que dar aula” (revirando os olhos) “ah, tem que fazer esse cachê, uh que coisa chata esse cachê”. Você não é feliz! Então aí que você me diz, que você me perguntou, então se você não é feliz é melhor procurar outra área. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Simone deixa evidente o quanto se mantém disciplinada principalmente quando o assunto é finanças. Ela mesma faz esse manejo de tempo e planejamento financeiro para que dessa forma, diminua os gastos e potencialize os lucros. “Eu mesma faço a contabilidade de tudo. Só na hora de fazer o imposto de renda, aí eu não faço. Eu sou muito econômica. Eu gosto de eu fazer minhas coisas” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023). Ela ainda ressalta sobre a importância de se ter parcimônia no controle de entradas, saídas, investimentos e lucros. Ela ainda destaca:

Eu acho que você tem que ter uma noção, você não pode gastar mais do que você tem. Tem que sempre se ter uma reserva financeira. Se você gastar mais do que você ganha no mês, você nunca vai economizar nada. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Ainda jovem ela comprou seu primeiro imóvel, adquirido com recursos do seu trabalho como musicista. Ela ainda morava na casa dos seus pais e aproveitou essa situação para investir. “No início eu ia pagando as parcelas do apartamento pra eles, que compraram. Aí depois eu consegui. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023). Sua fala revela que ela sempre foi bastante prudente em suas compras. Ela defende: “você tem que comprar o que você realmente precisa. Se você não precisa, pra quê ficar comprando? A gente vai embora daqui sem nada. Aprender a usar o dinheiro com esses novos conhecimentos, de viajar, de poder explorar novas coisas”(SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023).

Como já mencionado, Simone possui um salário fixo da orquestra e mais uma renda variável adquirida das aulas de instrumento.

Eu sou funcionária pública há trinta e oito anos na orquestra sinfônica do Paraná. Então eu tenho um salário mensal. Já tivemos fases que a gente ganhou muito mal. Agora felizmente está melhor. Estou lá como professora, com os meus alunos também. Se você não dar aula, você não ganha. Então você tem que trabalhar, se não, não entra. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Da mesma maneira, sempre promoveu seu trabalho, divulgando-o: “Eu faço sozinha. Eu que coloco, eu que faço minha página [na internet], tentando aprender cada vez mais. É incrível como tem coisa nova. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 22/11/2023). Ela diz que o universo das redes sociais ainda é novo pra ela, mas já se mostra disposta a aprender e desenvolver essa nova habilidade. “Então, realmente eu ainda preciso achar um tempo para aprender instagram, redes sociais, cada vez tem mais coisas que você pode fazer”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 22/11/2023).

Com o entendimento de que precisa valorizar seus serviços, a respeito dos valores que Simone cobra pelos seus serviços musicais, ela fala sobre sua

fonte de renda fixa, a escola de música que atua e serviços musicais para eventos em geral. Ela conta que os valores das aulas e dos eventos estão na média do que se cobra na cidade de Curitiba e eventualmente corrigidos conforme a oscilação da inflação. Nas palavras dela:

Na orquestra eu não posso mensurar porque é um salário fixo. Na associação Suzuki, na nossa escola é uma tabela que a gente faz um apanhado em Curitiba e a gente faz um preço, não a mais nem muito a menos, mas o que deve ser cobrado na cidade. A gente aumenta o valor conforme o índice da inflação. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

Também discorre sobre a filosofia adotada por ela de além de cobrar e pagar o valor justo, não gerar lucros abusivos com a mão de obra dos outros colegas de trabalho. “Os cachês eu faço de acordo com o que é cobrado no mercado. Mas eu sempre tenho uma filosofia: eu não posso ganhar dinheiro explorando o outro colega. Eu tenho que pagar justo o trabalho dele”. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023). Ela acredita que essa postura ética, traz credibilidade e mais serviços a médio e longo prazo.

Ao analisar a trajetória narrada por Simone, observamos o quão profundo é a sua relação com a sua prática profissional. Tendo início ainda na infância, o contato com o universo musical foi aos poucos se tornando algo maior, com mais significado, passando a se tornar algo com que fizesse parte da sua identidade. Durante o seu processo de formação teve oportunidade de estudar fora do país, algo que também era uma de suas metas pessoais. Mesmo atuando profissionalmente com música, esteve sempre aberta a experimentar outros caminhos profissionais; alguns dos quais ela ainda dedica tempo e energia. É bastante evidente o quanto ela se considera uma pessoa privilegiada no sentido de ter conseguido alcançar suas ambições que vão além do âmbito profissional.

Suas conquistas financeiras, segundo seu relato, adquiridas com o orçamento do seu trabalho exclusivamente com música também é algo de que se orgulha. Neste aspecto também é evidente sua capacidade de gerenciamento financeiro, administrando seus recursos e fazendo investimentos.

O espaço conquistado por ela ao longo desses anos, bem como o respeito e prestígio entre os colegas de profissão é algo presente em sua fala. É um nicho de atuação relativamente pequeno em que quase todos os profissionais se conhecem, ética profissional é algo que ela cultiva porque acredita que é a forma mais eficaz para construir a carreira e permanecer no mercado de trabalho da música.

A vida para além da música

Embora a carreira de um profissional da música seja intensa, Simone é enfática em compartilhar sua vida para além das atividades de professora e performer:

Então tem a prática da orquestra, todos os afazeres domésticos, você tem que cozinhar, enfim, cuidar da família, marido, tudo! E tem os alunos que eu me dedico a eles. E tem o horário de estudo. Mas, adoro filmes, adoro viajar, adoro cozinhar, criar pratos. Eu sou muito rápida nessas coisas, sempre foi uma paixão. Já fiz curso de boulangerie³⁴, de pâtisserie³⁵. Adoro fazer pães, doces assim... Eu acho que isso faz bem, uma terapia para mim é uma terapia! Gosto muito da natureza; então, eu acho que isso é muito importante. É... Fazer caminhadas! (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

O gosto por viagens levou Simone a viajar sozinha com uma mochila por alguns países da Europa. Isso ocorreu na década de noventa.

Quis viajar pra fora, fui! Fui mochileira. Viajei grande parte da Europa com uma mochila; é claro, eu era uma menina, mas foi uma experiência muito gratificante. Eu sempre gosto de guardar um dinheiro para poder fazer uma viagem nas férias, porque eu acho isso muito importante. Eu acho que viajar e conhecer novos lugares enriquece você como pessoa. Você aprende outras culturas, você vivencia. Não é só a comida, é tudo! É a história, tudo que você vê de concerto, de museus, de igrejas, enfim... Para mim, isso é muito importante. Para algumas pessoas não é importante sair viajar, mas para mim é! Sempre foi muito importante. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023)

³⁴Boulangerie é o conceito de padaria com foco nos pães artesanais como os de fermentação natural e longa.

³⁵Pâtisserie é um ramo da gastronomia francesa especializado em doces e bolos.

Apesar do fato de que para Simone, trabalhar com música sempre foi algo que proporciona bem-estar; ela entende também que em breve irá repensar essa sua postura para dedicar-se mais ao lazer e menos a profissão. Porém, ela afirma que ainda tem muito a contribuir, gosta muito do que faz, mas compreende que em cada fase da vida os valores mudam.

Se eu quisesse eu já podia estar aposentada da orquestra. Ainda não estou! Mas pode ser que em breve... não sei é uma questão de a gente pensar. Eu tenho gosto muito da natureza. Não sei, talvez morar num lugar mais calmo. Mas no momento eu acho que ainda tenho muito para contribuir. Tenho muita energia. Adoro tocar na orquestra. Então as pessoas dizem: “ah, você vai ficar tocando, todo final de semana você está trabalhando, você não tem livre”. Vejo assim amigas que viajam, vão para praia... Mas a gente está sempre [trabalhando] no final de semana, a gente está trabalhando. (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 23/01/2023)

Contudo, embora trabalhe bastante, Simone afirma que toma algumas medidas para manutenção da sua saúde física. Além de permanecer ativamente na orquestra, segundo ela por prazer, outras atividades também fazem parte da sua rotina para também proporcionar bem-estar. “Eu faço caminhadas, cuido da alimentação, eu gosto de ler, de assistir filme, que aí me areja a cabeça também. Mas principalmente a caminhada, a caminhada me ajuda bastante” (SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 20/11/2023).

Para Simone a família é um valor, ela preserva tempo para falar e estar com seus familiares. Conta que com suas irmãs e com sua mãe a frequência de encontros se torna maior devido ao fato de trabalharem na mesma profissão, mas cultiva estar também com a família do esposo. Em suas palavras:

Não preciso ir na casa dos meus pais todo dia, mas a gente liga por vídeo e a gente conversa tudo, porque essa atenção é importante. A gente sempre se encontra, a gente foi no aniversário da minha mãe, a gente foi comemorar o aniversário dela, a gente foi... todos juntos. E como a gente também trabalha na Associação Suzuki... minhas duas irmãs e a minha mãe, também é uma maneira de se ver. Mas independente disso, a família do meu marido ninguém é músico, mas a gente se encontra, a gente preserva de estar sempre nos aniversários, fazemos almoços. Porque eu acho que a família é o alicerce, então é muito importante. Eu acho que sempre tem um horário que você pode deixar reservado. Quando você começa a não

preservar isso é sinal que tem alguma coisa que está errada.
(SIMONE SAVYTZKY, entrevista em 22/11/2023)

O relato de Simone traz fatos e experiências vividos por ela que tiveram impacto em sua prática profissional. Como pesquisador e observador da área de educação musical, fica bastante evidente pra mim o quanto a visão de Simone sobre a sua própria prática como professora de música vai se ampliando no sentido humano, ou seja: através da prática das aulas de violino, das oficinas com professores o desenvolvimento pessoal de cada um dos alunos. Mais que isso, o quanto ela vai se sensibilizando como educadora e enxergando de outra forma a própria trajetória profissional tendo contato com tantas pessoas de contextos completamente diferentes. Essa dinâmica profissional toma proporções maiores do que as musicais: elas se tornam sociais. Chris Higgins (2011) discorre sobre o “cuidado de si mesmo” como centro de uma prática social de ensino. O fato de cuidar de si mesmo não é mau, mas parte da responsabilidade que se tem para com os alunos. Ao distinguir entre auto-interesse e auto-realização, cria-se um espaço legítimo para a ideia de que cuidar de si não é apenas adequado, mas também importante para a boa vida (Higgins, 2011 p. 165).

Ricardo Molter: vivendo de música

Iniciação Musical e Contexto Familiar

Ricardo é nascido em Toledo, região oeste do estado do Paraná. Começou a estudar violino devido ao desejo da sua avó paterna. Seu avô era violinista amador e a vontade da avó era que ele, o neto mais novo, também tocasse, uma espécie de herança de família³⁶, uma atividade que seria revivida na geração dele. O relato de Ricardo sobre o seu histórico familiar e de que forma a música e o violino chegaram até ele é cheio de detalhes e carregado de significado. Ele conta:

Eu comecei a tocar violino quando tinha dez pra onze anos, 2002. Foi porque a minha avó quis muito que eu que eu tocasse. O meu avô era violinista amador, nasceu na Alemanha e veio com a família para o Brasil, em [19]24, no entre guerras. Ele morreu exatamente no ano em que eu nasci, e ele deixou um violino que, inclusive, é engraçado que parte da família acreditava que era um violino que valia muito dinheiro e eles devem ter pesquisado na época a etiqueta que tinha dentro que dizia Nicoló Amati³⁷. Mas não. Era uma cópia simples de um instrumento de um construtor famoso. Mas, nenhum dos meus tios nunca quis fazer música acho que nem nunca teve condição... família pobre, estava sempre viajando, se mudando de cidade. Eu sou filho do filho mais novo, então era meio que uma das últimas esperanças minha avó. Quando eu nasci ela já tinha 68 [anos], então quando tava na idade de começar a tocar violino ela já tinha 78. E ela insistiu para que eu começasse a fazer aulas de instrumento, se ofereceu para pagar inclusive, foi assim que eu comecei a fazer aula de violino. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo discorre sobre o seu contexto familiar; uma ligação emocional declarada com seus pais e uma “difícil” situação financeira no período da sua infância e adolescência. As informações trazidas por ele evidenciam o quanto a

³⁶ Este assunto é tratado na dissertação de Bruna Williena da Silva (2023) que investigou as interações e transmissões e apreensões de práticas musicais nas relações parentais. Essas relações cultivam valores entre pais, avós, filhos e netos que são cultivados nos espaços onde estão inseridos. Esse fenômeno é denominado de parentalidade musical.

³⁷ **Nicoló Amati** – Luthier italiano que se tornou conhecido pela alta qualidade dos instrumentos musicais que fabricava. (1596-1684).

realidade da sua família teve impacto nas suas escolhas e no seu comportamento pessoal e profissional. Ele conta: “Na verdade eu tenho uma ligação bem íntima com a minha família, com meus pais. A gente sempre foi muito unido. Sempre fui muito incentivado pelos meus pais” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

Seus pais sempre atuaram em trabalhos braçais e operacionais no campo (seja plantando ou colhendo) e na cidade (como em serviços de limpezas ou vendas). Sempre foram muito esforçados e de acordo com Ricardo, exemplos de pessoas que se adaptam à diferentes condições de trabalho, com disposição, em busca de sustento e vida melhor. Houve, contudo, um período de dificuldade financeira dos seus pais. Nesta época, havia parentes que moravam na cidade de Chapecó – SC e a família resolveu se mudar, visando novas oportunidades profissionais. Sua avó paterna, muito apegada a ele, decidiu ir junto e acompanhar de perto essa mudança. Segundo Ricardo, era para “garantir” que ele tivesse contato de maneira formal com o violino, com aulas regulares:

Meu pai estava desempregado em Toledo, minha mãe com dificuldade também de trabalho, ganhando muito pouco. Eles decidiram que tinha mais emprego em Santa Catarina e Chapecó e tinha essa mini rede de proteção familiar [...]. A gente alugou nossa casa em Toledo e mudamos para Chapecó. E daí minha mãe conseguiu achar uma escola de música em Chapecó, Bela Bartók³⁸, e me matriculou lá. A minha avó era tão apegada a mim que ela praticamente mudou para Chapecó também, ficou morando na casa do filho dela, meu tio, durante todos os meses que a gente ficou lá. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Dentro desse contexto, Ricardo inicia as aulas de violino. Ele conta com riqueza de detalhes os primeiros contatos, as primeiras aulas:

Eu lembro com um pouquinho mais de clareza da experiência da primeira vez de ter colocado o violino no ombro. De ter encostado no violino... na primeira vez, que era um violino pequenininho que eles tinham lá, eu não tinha comprado instrumento ainda. Eu nunca tinha visto um violino de perto, nunca tinha encostado num violino. Eu lembro dessa sensação e me marcou muito; eu já senti uma sensação muito boa porque

³⁸Essa escola de música continua ativa, na Galeria Zandonai em Chapecó – SC. <https://www.instagram.com/belabartokescola/>

parecia, na cabeça de uma criança uma coisa super diferente, meio mágica. Era uma época que não tinha computador, não tinha acesso à internet, não tinha essas coisas de eletrônicos. Então é uma outra realidade, outro tipo de estímulo que a gente recebia, apesar de ser juvenzinho, a gente pegou uma época de transição uma coisa analógica para uma coisa digital. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Após um período em Chapecó, a família retornou para Toledo:

Voltamos para Toledo e daí em Toledo minha mãe me matriculou na Casa da Cultura³⁹ onde também tinha aula de instrumento e de teoria musical e eu comecei a ter aula toda semana, de teoria musical com o professor Darcysio Fritsch⁴⁰ e de violino com o professor Diogo Rossoni⁴¹. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo conta que esse período de aulas de violino na Casa da Cultura de Toledo teve dois anos de duração. Nessa época que eu o conheci. Fazíamos aula na mesma escola de música e tínhamos alguns professores em comum. Tempos após, decidimos ir até Cascavel-PR, cidade vizinha de Toledo. Com aproximadamente 45 quilômetros de distância, viajávamos semanalmente para fazer aula de violino com professores mais experientes. Dentre eles, Nelsi Rodrigues⁴² e Adriano Vargas⁴³. Participamos juntos também das edições do Festival de Música de Cascavel nos anos de 2004, 2005 e 2006. Evento este que proporcionou conhecer professores renomados da cidade de Curitiba-PR que atuavam como professores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná -

³⁹**Casa da Cultura** – Conservatório Municipal de música da cidade de Toledo – PR

⁴⁰**Darcysio Fritsch** – Foi professor de estrutura musical e harmonia da Casa da Cultura de Toledo. Professor pioneiro da cidade e formador de muitos músicos da região. (*In memoriam*).

⁴¹**Diogo Rossoni** – Foi professor de violino da Casa da Cultura de Toledo em 2002. Atualmente, professor da Universidade Estadual de Maringá – UEM no curso de Estatística.

⁴²**Nelsi Rodrigues** – Foi professor de violino e dono da escola de música Pais e Filhos na cidade de Cascavel-PR. Pioneiro do ramo na região e formador de vários músicos. (*In memoriam*).

⁴³**Adriano Vargas** – Violinista natural de Cascavel-PR. Iniciou seus estudos com Nelsi Rodrigues. Formado em bacharelado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP. Atualmente faz parte do corpo de músicos da Orquestra Filarmônica de Goiás, em Goiânia.

EMBAP⁴⁴ e também músicos da Orquestra Sinfônica do Paraná. Nessa época Ricardo conhece o professor Paulo Egídio⁴⁵; e começa a ter aulas particulares com ele.

Eu fiz dois anos de aula na Casa da Cultura em Toledo, depois desses dois anos, a gente foi atrás de instrução em Cascavel. Fizemos o festival de música lá e começamos a ter aula de música em Cascavel e daí foi lá que a gente conheceu o Paulo Egídio. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo discorre de como foi o processo de preparação e amadurecimento musical para fazer os testes para ingressar no curso preparatório da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMPAP. Apesar de já apresentar certa “facilidade motora” para dominar o instrumento, ainda precisava vencer o repertório exigido na prova de aptidão para ingressar na faculdade. Por orientação do seu professor à época, Paulo Egídio, achou por bem fazer o curso preparatório oferecido pela mesma instituição. Ele conta que, perceber que seus professores acreditavam nele, foi algo motivador para continuar a investir seu tempo e energia nisso. Naquele momento, não possuía ainda o repertório necessário para a prova do curso superior, mas aproveitou o momento para amadurecer musicalmente no curso preparatório denominado de “avançado”.

Entre 2006 e 2008 aí foi um trabalho de preparação para vir para Curitiba. Eu não conseguia vencer o repertório suficiente para fazer a prova pro bacharelado, para graduação. E daí por dois anos eu fiz o curso avançado. Motivado por uma certa facilidade motora e um incentivo dos professores de querer colocar um repertório mais difícil e tal e eu comprei a briga e gostei dessa coisa. Nesse sentido, para mim foi um incentivo muito importante, sentir que [os professores] estavam valorizando ou acreditando em mim. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

⁴⁴**Escola de Música e Belas-Artes do Paraná (EMBAP)** – é uma instituição pública de ensino superior fundada em 1948 e atualmente parte integrante da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Reconhecida pelo Conselho Federal de Educação desde 1954, é mantida pelo governo do estado e sua sede localiza-se na cidade de Curitiba, Paraná.

⁴⁵**Paulo Egídio Lückman** - Professor Adjunto da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR), foi aluno de violino de Paulo Bosisio, Luis Soler e Marco Damm. É Doutor (2017) e Mestre (2012) em Música pelo IA-UNICAMP/SP, e Bacharel (2008) em Instrumento - Violino pela EMBAP-UNESPAR/PR.

A partir desse momento, Ricardo já sentia que tocar violino e ser músico era uma vontade não mais apenas da sua avó, mas também dele. Ao ingressar no curso preparatório da Belas Artes, o seu próprio encantamento com a possibilidade de ser músico era muito mais que um fator motivador, era ver o desejo da sua avó se tornar realidade e toda a sua bagagem familiar representada na realização do seu sonho.

E daí eu não tive dúvida. Tive a primeira experiência meio mágica assim de ter encostado no instrumento e meio que uma espécie de mitologia familiar, do avô que tocava um instrumento que está ali todo arruinado, que é uma relíquia de família, que “você vai herdar se você aprender a tocar esse instrumento”. Então o imaginário da criança, foi uma coisa muito fantástica assim... Caramba! “Eu vou fazer isso aqui eu vou poder ter aqueles instrumentos e eu vou ser músico!” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Estudar em outra cidade e percurso acadêmico

Uma das barreiras que grande parte das pessoas que escolhem a música como segmento profissional é a aceitação da família. Ricardo relata que esse processo, apesar da limitada condição financeira da sua família, não foi uma barreira, mas que encontrou suporte e incentivo, principalmente dos seus pais. Especialmente quando ele fala da postura da sua mãe, é bastante nítido que a história e o exemplo dela são elementos de muita força e que estes foram os principais pontos de apoio emocional e profissional. Apesar de toda a situação de superação dos seus pais, eles sempre acreditaram que a melhor forma de ter uma situação financeira segura seria através da projeção profissional que uma formação acadêmica poderia proporcionar. Sobre esse momento de decisão, Ricardo conta que sua mãe “fez de tudo” pra que os filhos tivessem condições “de estudar e acesso à informação e isso foi muito importante para ela, coisa que ela não pode ter. Então nesse sentido eles [os pais] sempre incentivaram que eu estudasse; queriam mesmo que eu fosse músico e tal” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

O depoimento de Ricardo traz à discussão a problemática de jovens advindos de famílias menos favorecidas financeiramente que procuram se especializar e necessitam deixar sua cidade natal para buscar formação profissional em outras localidades; especialmente na área das artes, normalmente se concentram nos grandes centros e capitais. Esse movimento denominado por Pimentel (2019) de “migrações” para que novas oportunidades possam acontecer e que os diferentes percursos possam ser assim delineados pelas possibilidades de estudo e trabalho sejam concretizadas (Pimentel, 2019, p. 287).

Vieira (2017) escreve a respeito da procura de jovens interessados em desenvolvimento nas escolas oficiais de música pelo Brasil e afirma que estas “são procuradas, cobiçadas e disputadas por um público que justifica sua existência” (Vieira, 2017, p. 54-55). Esse fenômeno ocorreu também com Ricardo. Ele entendeu que nesse momento era necessário sair da cidade da sua família e ir em busca de formação numa escola oficial de música; no caso dele, a Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Movido pelo ímpeto da sua ambição em se tornar um artista e um profissional na área de música, ele já havia entendido que para que isso se tornasse realidade, deveria dar esse passo tão importante.

Outro fator a ser considerado na busca de Ricardo, é o fato de que ele não tinha perspectivas financeiras a priori para sua estada em Curitiba. Nenhum emprego fixo, nenhuma bolsa de estudos, nada que garantisse minimamente sua sobrevivência. Desde o momento da sua decisão em sair de casa para estudar em outra cidade, ele já tinha consciência de que teria que conseguir recursos para se manter na cidade e estudar. Ricardo discorre sobre como foi sair de uma cidade do interior e ir morar num grande centro.

Então essa construção assim, psicológica, desde o começo me incentivou muito a não ficar pensando assim: “ah, mas não vai ter dinheiro, ah não consigo pagar o aluguel, ah meus pais vão sofrer”. Eu não pensava nisso, eu queria tocar violino e eu pensava: “sei que vai dar certo. Vou começar a estudar aqui, depois estudar ali, depois lá e vou tocar na orquestra”. [...] Então, esse acúmulo de fatores, fez com que eu não tivesse muita dúvida. Se eu tivesse consciência do tanto de coisa que podia dar

errado, talvez eu não tivesse tanta certeza assim. Mas aí também tem um pouco a vantagem de ser jovem; a gente se joga e vai. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo conta que logo nos primeiros meses em Curitiba, conseguiu cachês para tocar em eventos e uma bolsa auxílio para fazer parte da Orquestra Juvenil da Universidade Federal do Paraná, com isso ele conseguiu se estabilizar. Dentre as medidas que tomou para ter mais independência, foi providenciar documentação que o permitisse assinar contratos de serviços:

Minha mãe teve que me emancipar porque eu não podia fazer cachê sendo menor de idade. Ela teve que ir no cartório em Toledo e me emancipar. Tive que fazer um número do PIS na Caixa. Tinha que ter um CPF. Tudo isso para conseguir fazer um cachê na Sinfônica do Paraná. Abri uma conta, que eu não tinha conta. Quando eu vim para cá (Curitiba) usava um cartão, uma conta poupança da minha mãe. Eu tinha 17 anos. Aí no meio do ano a minha mãe me emancipou. Eu andava pra cima e para baixo com um documento desse tamanho assim: uma certidão de emancipação. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Em Curitiba, Ricardo foi morar em “república estudantil” onde cada morador tinha um quarto individual e ambientes comuns compartilhados. O valor que ele recebia tocando na Orquestra Juvenil da Universidade Federal do Paraná era exatamente o que ele precisava para pagar o aluguel:

Quando eu vim para Curitiba, o primeiro ano foi bem difícil financeiramente. O aluguel, eu lembro que eu pagava R\$140,00 por mês [...] que era só o condomínio, na época. Então era muito barato. Eu comecei a tocar na orquestra Juvenil aqui da [Universidade] Federal e eu dividia uma bolsa com uma colega de Cascavel. A bolsa era R\$ 300,00, então eu ganhava R\$150,00 para tocar. Já pagava o aluguel. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Tendo o valor do aluguel garantido, as demais despesas ficavam por conta de eventuais cachês em casamentos, eventos ou aulas de violino. Ricardo ressalta que recebeu apoio e um importante suporte do seu professor na época, indicando-o para tocar em eventos. Essas fontes de renda, apesar de não serem fixas, foram o que garantiram a permanência e sobrevivência. “O meu professor na época, Paulo Egídio, ajudou conseguindo casamentos. Tocar num casamento

era R\$100,00. Era quase o que ganhava tocando o mês inteiro na Orquestra da Federal” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

Mais tarde, já na graduação, Ricardo lembra com gratidão do apoio do Prof. Marco Damm, que o incentivou a participar de festivais e viabilizou sua ida emprestando cartão de crédito para compra da passagem e de acessórios para o violino:

Eu não tinha cartão de crédito, ele emprestou o cartão de crédito dele para poder comprar a passagem então tem todo tipo de incentivo. Era muito difícil comprar corda na época, porque não tinha muito site no Brasil que vendia; quando vendia era muito mais caro. Então a gente comprava num site americano e tinha que ter cartão de crédito internacional. Eu lembro que demorou seis uns meses para conseguir fazer minha conta universitária e daí eles davam cartão de crédito que tinha \$500,00 de crédito internacional e aí consegui comprar dois jogos de corda; aí eu não precisava mais do cartão do professor. Teve dessas coisas, então com certeza o Marco me influenciou muito. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Além dos desafios financeiros, para Ricardo manter a rotina de estudos que o seu curso exigia, ele precisava fazer um esforço extra. No apartamento em que ele morava, não era permitido estudar violino devido ao volume de som. Então, ele se organizava para estudar sempre nas salas de aulas que a universidade oferecia. O número de alunos que procuravam salas para estudo era bem maior do que o número de salas disponíveis. Necessitava toda uma força tarefa para que conseguisse um espaço para estudo; mesmo quando conseguia, o tempo era limitado. Ele conta:

Não podia estudar no apartamento que eu morava; fazia muito barulho, a galera reclamava. Era sempre uma luta para conseguir salas na Belas Artes porque tinha muita gente que morava fora. Não tinha espaço para estudar. Então já tinha os colegas que a gente sabia que ia disputar. Tinha que chegar mais cedo do que fulano porque senão já pegou a chave para estudar. Eu estudava basicamente na universidade e nem sempre conseguia estudar aquelas famosas 4 ou 5 horas que eu tinha que estudar por dia. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

O relato de Ricardo indica alguns aspectos que merecem destaques. É visível o fato de que suas origens o apoiaram na decisão de estudar em outra cidade, apesar da dificuldade financeira familiar e das condições desfavoráveis

para garantir a sua ida para capital do estado ainda menor de idade, tentar a vida estudando e trabalhando. O apoio emocional e incentivo por parte de seus pais foi fundamental para que se sentisse encorajado e capaz de encarar os desafios dessa nova realidade. Ele sabia que sua família faria o possível para ajudá-lo, todavia também sabia também que a maior parte da responsabilidade era sua; ao sair da casa dos seus pais, parece que assumiu tomar conta de si mesmo. Essa ação de Ricardo, talvez tenha sido o passo mais importante para o percurso acadêmico e profissional que se seguiu.

Outro ponto importante a ser destacado é o apoio dos seus professores, especialmente nesse momento de mudança: indicações de trabalhos, aulas e cachês em eventos foram fundamentais para ele pudesse se estabilizar. Essas ações dos seus professores facilitaram as suas condições financeiras e ampliaram consideravelmente as suas possibilidades de atuação profissional.

Devido ao fato de ainda ser menor de dezoito anos, para assumir alguns trabalhos teve que fazer o processo legal de emancipação. Esse fator aumentou a sua responsabilidade sobre si; uma comprovação jurídica de que ele mesmo poderia responder pelas suas ações.

Percurso Acadêmico

Como já mencionado, por dois anos Ricardo se preparou fazendo o curso “Avançado” que a EMBAP oferecia. À época, a estrutura de cursos oferecida pela EMBAP era:

- **Formação I** - Alunos iniciantes a partir dos oito anos de idade.
- **Formação II** - Alunos a partir dos doze anos. Conhecimentos prévios em música com a duração de três anos.
- **Avançado em Canto ou Instrumento:** Idade mínima de quinze anos com conhecimentos prévios em música. Prova de aptidão para o ingresso e interesse em prosseguir no curso superior (graduação) oferecido pela instituição⁴⁶.

⁴⁶Fonte: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12695254/programa-de-extensao-da-embap-2010>

No “curso avançado”, ele teve a oportunidade de estudar com mesmo professor que o orientou na graduação, Marco Damm, e teve acesso a um repertório mais avançado que o exigido na prova de habilidade específica para ingresso ao curso:

Quando eu entrei na graduação já entrei com um repertório bem mais avançado do que era a prova... Que era, digamos assim, o mínimo que você precisava para entrar por conta desses dois anos de curso avançado. Então quando eu entrei na graduação já tava com o repertório mais... Mais avançado. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo conta com entusiasmo sobre a sua experiência como aluno da EMBAP e da experiência que teve em tocar na orquestra da faculdade, atuando, inclusive como chefe de naipe, spalla e solista. Ele diz que essa atividade contribuiu muito para o que ele faz profissionalmente:

... por exemplo, a orquestra, na época que eu fiz a graduação, estava completinha, era uma coisa que quase sem precedentes na história da Belas Artes. Que era mais comum em 3, 4, 5 violinos; seis trombones três tubas; uma trompa; uma orquestra assim completamente desequilibrada na instrumentação. E naquela época a gente tinha várias cordas; tinha naipes completos de viola, de cello; de contrabaixo e nas madeiras também. E uma galera super motivada. A gente conseguiu fazer uns repertórios muito legais que não era comum na Belas. Então eu peguei uma época de ouro, nesse sentido, de ter a chance de fazer um repertório sinfônico legal na universidade que contribuiu muito também para minha formação; para o que eu faço hoje. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Neste período da graduação Ricardo também teve aulas com o professor Paulo Bosísio⁴⁷. Ele fez parte de uma turma de alunos que faziam aulas regulares com o professor, que viajava esporadicamente do Rio de Janeiro – RJ para Curitiba – PR. Seu professor de graduação, Marco Damm, também era

⁴⁷**Paulo Gustavo Bosísio** - Possui graduação em Graduação em Violino pela Escola Superior de Música da Renânia (1976), mestrado em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em Konzertexamen pela Escola Superior Estatal de Música da Renania (1977). Atualmente é classe 6 nível 1 da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Música, atuando principalmente nos seguintes temas: violino, pedagogia da música, viola, música de câmara e quarteto de cordas. Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/4505272/paulo-gustavo-bosisio> acesso em 27/06/2023.

aluno de Paulo Bosísio. As aulas com ele, mesmo que numa frequência menor, impulsionavam ainda mais o desenvolvimento musical de Ricardo:

E também o professor Bosísio que era professor dos dois, que é lá do Rio de Janeiro que vinha para cá todo ano em janeiro para dar um curso de férias e depois também vinha a cada dois meses atendendo uma turma particular da qual eu fiz parte por alguns anos. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo deixa muito evidente a importância do apoio dos seus professores, principalmente durante esse período de formação e início da sua carreira profissional. O incentivo por parte de seus professores de instrumento – Paulo Egídio, Marco Damm e Paulo Bosísio – é atribuído por Ricardo à sua “vontade de tocar”: “por causa da minha vontade de tocar, os meus professores de instrumento foram os que mais me marcaram nessa época, sempre incentivaram bastante isso” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

No final do ano de 2014, Ricardo se forma na graduação. Durante alguns anos ele se dedica à sua prática profissional como professor de violino e também como músico de orquestra. No ano de 2021, quando o mundo ainda atravessava a pandemia provocada pelo coronavírus, e as atividades das aulas e da orquestra estavam em pausa, ele decide ingressar no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual de Maringá – UEM. No programa, seu orientador de mestrado foi o mesmo professor de violino que ele conheceu ainda no festival de Cascavel, o mesmo com quem teve aulas particulares antes de se mudar para Curitiba, prof. Paulo Egídio Lückman. Ricardo conta que o maior desafio desta etapa de formação foi a necessidade de se debruçar à leitura e escrita acadêmica:

A pós-graduação me tirou completamente da zona de conforto porque como eu disse: na graduação não tive nenhum tipo de experiência de pesquisa ou linguagem acadêmica. Então foi assim, uma experiência bem que chacoalhou as estruturas, entrar na pós-graduação lá na UEM. Tomar conhecimento de uma literatura, de uma série de discussões que eu ignorava completamente. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

A forma de como ocorreu o processo formativo de Ricardo, seguiu uma ordem crescente de fatores que se acrescentaram na sua linha de

desenvolvimento. De forma bem resumida, os principais eventos da sua formação foram:

2002 - 2006 - Período de Formação Básica - Toledo e Cascavel

2007 - 2008 - Aulas Particulares

2009 - 2010 - Curso Avançado - Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) - Curitiba

2011 - 2014 - Graduação em Música - Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) - Curitiba

2021 - 2023 - Mestrado em Música - UEM - Maringá

Período de Graduação: estudando e trabalhando

Ricardo sempre teve a postura de que ele mesmo deveria dar conta dos seus custos. Essa renda, já servia de auxílio para custear as despesas referentes às aulas em Cascavel e a manutenção do instrumento. Ele afirma que:

meus pais não tinham como financiar os meus estudos, eu sempre tive que trabalhar. Só que eu não vejo isso como uma coisa penosa, para mim não foi penoso, difícil assim. Ou pelo menos eu não senti assim, porque a emoção de estar tocando, a vontade de tocar e a sensação de que eu estava realizando uma espécie de sonho de infância, sempre foram muito presentes. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

O empenho em trabalhar ao longo da formação, fez com que Ricardo conseguisse contribuir financeiramente com sua família já no final de seu primeiro ano morando em Curitiba. Ricardo acredita que esse fato em especial teve muita relevância no meu processo de construção profissional:

[eu acreditava] que tinha como dar certo e deu! Tanto que no segundo ano ou talvez no fim do primeiro ano já, eu que mandava dinheiro para eles [a família] para ajudar. Sempre sobrava um pouquinho e eu já conseguia ajudar. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Morato (2009) discorre a respeito do processo formativo especificamente para aqueles que necessitam adquirir através da sua atuação, o seu próprio

sustento e como no caso de Ricardo, auxiliar nas despesas também da família. Isso acontece devido ao reconhecimento social. Nas palavras de Morato:

Viver de música implica poder se sustentar, a si e a família, através das situações musicais que se exerce. Porém, para que isso seja possível, é necessário que o meio social reconheça a atuação musical como profissional, uma atividade com valor de troca, merecedora de remuneração financeira. (MORATO, 2009, p. 195)

Outro fator determinante na vida profissional de Ricardo foi o de ele conseguir se engajar na Orquestra da Universidade Federal do Paraná e também assumiu os ensaios da orquestra da cidade de Ponta Grossa, além de começar a dar aulas em projeto social na cidade de Araucária, região metropolitana de Curitiba.

Em 2010 eu dei aula num projeto social lá em Araucária e entrei na Orquestra Sinfônica [do Paraná]. Eu dava aula só na sexta-feira o dia inteiro. Começava 6 horas da manhã até 6 horas da tarde nesse projeto social em Araucária. E no sábado eu ia para Ponta Grossa ensaiar com a orquestra. Trabalhava dois dias na semana eu ganhava mais que meu pai que trabalhava 8 horas por dia, às vezes mais, como motorista em Toledo. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ainda durante o período de graduação, Ricardo já conseguia sozinho obter uma renda superior à sua família junta: pai, mãe e irmã. Além de custear as suas próprias despesas, mandava regularmente ajuda financeira para auxiliar o orçamento de sua casa em Toledo. Ele conta também que esse período foi de muita produção e desenvolvimento técnico. Tinha local e tempo disponíveis para treinos regulares; o que fez com que seu repertório tivesse intensa fluidez. Em suas palavras:

Aí eu já ganhava mais que meu pai, minha mãe e minha irmã juntos. Por conta que tinha essas duas [orquestras]. Tinha um salário da camerata e tinha essa bolsa de Ponta Grossa. Aí eu tinha um lugar para estudar porque eu poderia estar de manhã na camerata; das nove ao meio-dia. Foi a época que eu mais consegui estudar assim foi a partir de 2013. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo fala do quanto é prazeroso trabalhar com o que sonhou em fazer, apesar da rotina intensa de ensaios, aulas e estudos. Todavia, ao invés de se

sentir esgotado com essa rotina, os novos desafios o mantiveram sempre ativo e instigado:

É... Não, nunca foi um peso: “Ah, tenho que trabalhar”, sempre foi muito estimulante, assim. Então eu nunca senti assim: “ah, meu Deus, tem que tocar em Ponta Grossa; aítô cansado”; isso sempre foi muito instigante principalmente nessa época. Muito hormônio e tal... Eu tive muitas oportunidades muito legais assim, por isso também que eu não vejo como: “ah, batalhei... Não vejo a minha história como um épico. Eu tive muita ajuda de muita gente muito legal. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

O fato de Ricardo não se sentir esgotado ou “cansado” com todas as demandas que assumiu está relacionado com o Higgins (2011) denomina de autocultivo. Como ele estava estudando, atuando profissionalmente tanto como professor de violino quanto como músico de orquestra, preenchia de formas diferentes aspirações profissionais e pessoais, que se equilibravam, e de certa forma, se completavam. A expressão que ele traz como “ganhar dinheiro” enquanto ainda estudava, foi muito estimulante para que ele continuasse em movimento: “se mantendo e se desenvolvendo”. Ele conta:

Eu estudava todo dia e mesmo que não eram várias horas, música, elas sempre estavam na minha cabeça; e violino, técnica e repertório. Isso foi muito importante nesse processo de formação. [...] Facilitou o fato de conciliar a parte profissional com a parte de estudar e se mantendo, se desenvolvendo. Ganhar dinheiro com a parte artística e técnica. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ele destaca que o fato de trabalhar durante o seu processo de formação lhe proporcionou acesso a muitas oportunidades. “O fato de eu ter trabalhado sempre na minha área me ajudou a desenvolver habilidades que eu uso até hoje, que me abriram portas” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

Ricardo destaca que assumiu um papel profissional no campo da música, mesmo antes de concluir o seu processo de formação acadêmica. Sobre isso Vieira (2017) escreve que existem alguns aspectos que são recorrentes no processo de formação profissional em música; “aprende-se fazendo muito cedo, bem como o valor relativo da diplomação numa área em que o reconhecimento social se dá pelo saber fazer” (Vieira, 2017, p. 49). Nesse mesmo sentido,

Morato (2009) denomina de “paisagem formativa” esse processo em que a atuação profissional e a formação superior em música formam um fenômeno de simultaneidade em que “alunos universitários que já trabalham já vão delineando a sua formação profissional em música” (Morato, 2009, p. 19).

Segundo Ricardo, ele afirma que:

Cada caminho vai ser um caminho. Para algumas pessoas pode ser muito positivo trabalhar já desde cedo, para outras pode não ser tanto. Porque assim, eu dei a sorte de trabalhar com coisas relacionadas à música e com violino, mas se eu tivesse que trabalhar com outra coisa talvez aqui me desestimulasse, entendeu? Que eu ia ficar tão cansado ou tão desgastado que eu ia ter ânimo para estudar música e tal... Ia desistir. Então assim, pode ser positivo. Eu não vejo que tem uma receita de bolo. Vai depender muito da história de cada um; do que cada um vai passar. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Trabalhar e estudar ao mesmo tempo exige muita energia. Contudo, traz experiências, ampliam possibilidades e muitas vezes podem auxiliar ainda no amadurecimento pessoal. Ricardo deixa bem evidente o quanto manter essas duas práticas, no caso dele foi benéfico. Mas também entende que essa não é uma regra absoluta e que para muitas pessoas o percurso profissional pode ocorrer de forma diferenciada. Além do retorno financeiro, ele destaca o quanto foi significativo atuar na mesma área de estudo. Nesta direção, Ricardo vê na música uma profissão que potencializa o próprio aprendizado, de modo que ao contribuir com o outro, ele também se beneficia diretamente fazendo com que não haja negligência de si (Bowman, 2012).

Os depoimentos de Ricardo sobre trabalhar e estudar simultaneamente revelam ainda uma gratidão pela oportunidade de atuar no mesmo campo de estudo, além de reconhecer o papel de seus professores em suas ações. Torres (2022, p. 179), afirma que:

Indivíduos tipicamente gratos tendem a sentir gratidão numa maior intensidade e frequência do que a população geral. Além disso, tendem a estender esta gratidão a um grande número de eventos em relação aos quais se sentem gratos – família, saúde, emprego, à vida como um todo –, a isso denominam *spam*. A densidade refere-se a um grande número de pessoas em relação às quais o indivíduo se sente “grato a”. (TORRES, 2022, p. 179)

A relação de Ricardo com a sua atividade artística profissional vai ganhando uma maior dimensão ao longo do seu processo de formação. Não mais movido apenas pelo ímpeto de adolescente de se tornar um violinista, paulatinamente vai dando lugar a um profissional que assume também responsabilidades que vão além do âmbito música, principalmente no que se refere a sua família. Ter conquistado seu local de atuação profissional como músico e com isso conseguir contribuir com o orçamento financeiro familiar foi algo muito significativo na sua história, validando sua escolha profissional. A sua prática profissional, tocando e dando aulas de música, fortaleceram ainda mais a sua relação com a música e por consequência, conferiu mais sentido aos estudos e investimentos na sua formação acadêmica.

Outro fator importante a ser destacado é que Ricardo sempre atuou no campo da música, seu universo de formação. Essas atividades combinadas, de certa forma, se complementam e dão sentido uma a outra. Formam uma espécie de engrenagem em que cada uma tem uma função específica e se retroalimentam: dar aula, tocar em eventos, cachês como músico convidado, trabalho fixo na orquestra, estudar violino, participar de concursos, frequentar a universidade, cursos de formação, entre outros.

Especialmente no início da sua vida profissional em Curitiba, não teve receio de encarar os desafios que surgiram no decorrer da sua trajetória: enfrentou todos os tipos de trabalho que foi convidado para realizar; inclusive aqueles que ele não tinha familiaridade. Isso deu visibilidade, experiência e reconhecimento de outros profissionais, o que ampliou consideravelmente as suas possibilidades de trabalho.

O sentimento de realização e gratidão das suas conquistas e percurso é outro elemento que emerge na sua fala. Identificar e reconhecer os seus feitos com um nítido sentimento de gratidão, confere um valor atribuído por ele à sua escolha formativa e profissional.

Atuação Profissional

Seguindo o exemplo dos seus professores, Ricardo sempre enxergou o exercício da pedagogia musical como uma possibilidade em potencial de atuação profissional. Mesmo antes de morar em Curitiba, já atuava como professor em escolas particulares de música. Salvo de breves intervalos de tempo, Ricardo deu aulas praticamente durante todo período de formação. Ele conta que sempre sentiu como que se estivesse amadurecendo uma nova linguagem profissional além da performance.

[dar aula] sempre foi muito estimulante. E como os meus professores sempre gostaram muito de dar aula, estimulavam a gente também a ensinar. Eu não vi a coisa de ter que dar aula como: “ah, tô perdendo tempo aqui dando aula”. Eu via assim: “estou desenvolvendo mais uma habilidade relacionada à música”. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Além de gostar de dar aulas, o entendimento de que ter uma docente comprovada era necessário para que um dia, futuramente lhe servisse como tempo de experiência num eventual concurso, levou Ricardo a se preparar e fazer a prova do processo seletivo para dar aulas de violino no conservatório municipal de música da cidade de Ponta Grossa.

E daí a vontade de dar aula foi também para ter essa experiência de comprovar no papel. Que eu já tinha dado aula já há muitos anos desde os 14, 15 anos que eu dou aula de instrumento, mas não tem como provar. Aula particular ali, particular aqui. Dar aula no conservatório municipal, pronto aí você tem um papel passado que vale numa prova de títulos. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Como professor, Ricardo faz uso das referências pedagógicas que teve acesso ao longo do seu desenvolvimento como aluno. Ele afirma que aplica um pouco de cada uma delas, conforme a necessidade de cada aluno: “eu faço uma “misturêba” de tudo que me foi apresentado. Eu tento utilizar o meu repertório que eu construí principalmente com as referências de professores que eu tive”(RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023). Ele acrescenta de que utiliza dessas suas experiências para criar um diagnóstico e entender quais as especificidades do aluno e a partir disso propor conteúdos que podem desenvolver e amadurecer musicalmente.

Utilizar essas referências para fazer uma espécie de um diagnóstico de cada aluno e tentar entender quais os pontos em que eu posso ajudar mais aquela pessoa que está na minha frente; seja criança ou um adulto iniciando. E daí eu vou tentando, a partir dessa identificação de qual é a condição que essa pessoa também tem de entender música, de compreender a técnica, compreender o instrumento.(RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Junqueira (2018) aborda a respeito dessas experiências que compõe o músico professor. São habilidades diferentes e igualmente importantes, não podendo ser desassociadas em sua atuação. Segundo Junqueira (2018) “Para ensinar música, não basta apenas saber música, ou apenas saber ensinar, tanto os conhecimentos pedagógicos quanto musicais são igualmente necessários, não sendo possível priorizar apenas um deles” (Junqueira, 2018, p. 144). Nesse sentido, Ricardo apresenta uma preocupação em demonstrar esse equilíbrio na sua prática pedagógica.

Weber (2019) aborda essa temática de construção e mobilização de saberes para fazer de bacharéis em instrumento se tornarem docentes bacharéis através da vivência com professores e a experiência da prática pedagógica. Segundo a autora, saber tocar um instrumento musical não é conteúdo suficiente para se ensinar; uma atividade com esse nível de complexidade não pode ser resumida em uma única dimensão. São necessários conhecimentos de outras naturezas que tem a ver com os processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido, Ricardo mantém uma prática de investir em sua formação, bem como de construir experiência pedagógica como professor no Conservatório Municipal de Música de Ponta Grossa.

Identificar as necessidades do aluno e escolher quais abordagens e conteúdos apresentar para que essas necessidades sejam atendidas da melhor forma possível é o foco da aula de Ricardo. “Eu busco mais essa coisa de tentar fazer um bom diagnóstico da condição de aprendizado, de digitação e da coordenação motora e tentar adaptar a essas referências que eu tenho” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023).

A partir de sua experiência como professor de música do Conservatório Municipal de Ponta Grossa, Ricardo faz um apanhado geral de como é a estrutura de suas aulas:

Basicamente assim: um primeiro momento de “aquecimento” ou seja, aquele pessoa que está vindo do trabalho ou acabou de acordar ou que não fez nada de instrumento no dia começar a ter esse despertar muscular, irrigação dos músculos e sensibilização. Depois passar por uma espécie de recapitulação do que aconteceu na última aula, para daí fazer uma espécie de crítica e ir avançando. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Há situações em que ele identifica que não há necessidade desse momento de “aquecimento” ele opta por ir direto para a prática musical, dependendo do nível do aluno e de como está o amadurecimento do repertório: “Dependendo do estágio do aluno e de como ele está com o repertório, principalmente se ele me diz que já tocou naquele dia, aí eu já não gasto muito tempo com essa parte de aquecimento e vou direto para prática, pra ter mais tempo de tocar efetivamente” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023).

Embora Ricardo tenha organizado uma estrutura para suas aulas, ele acrescenta que não se prende a esses pontos; a estrutura pode ser flexível conforme a necessidade do aluno naquele momento. Se caso ele achar importante, pode abordar um aspecto técnico específico por mais tempo e da mesma forma, falando de interpretação musical, focar nisso por um período maior de tempo. Tudo isso, visando à necessidade do aluno.

Então eu não fico me prendendo muito assim: tem que começar assim para depois fazer isso, pra depois fazer aquilo. Então, se eu sinto que é importante para o aluno ter a compreensão de um aspecto técnico específico, eu não tenho problema nenhum em gastar uma aula inteira falando sobre um movimento, um exercício para que ele desenvolva aquela habilidade. Como também não tenho problema nenhum em passar a aula inteira só falando sobre o repertório sem ter tocado nada de técnica, de aquecimento, de uma técnica específica, um movimento específico. Falar sobre a interpretação, por exemplo, ou de falar sobre a maneira de como ele está tocando aquilo de uma maneira geral tecnicamente ou artisticamente. Gosto de começar com aquecimento, mas não me prendo muito a isso. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Ricardo revela que foca no desenvolvimento do aluno e sente prazer em ver os avanços dele. Ele destaca alguns casos em que considera que obteve sucesso ao atingir os objetivos do aluno e poder observar claramente o amadurecimento musical: “teve alguns [casos] assim que chegaram com dificuldades extremas e que eu ficava, fico muito feliz com cada pequeno avanço” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023). Ele traz dois exemplos, um de uma aluna com uma dificuldade técnica específica:

Tinha uma moça, ela já tocava violino há bastante tempo, ela estava na metade do curso, terminou comigo. Mas ela tinha uma dificuldade absurda de colocar o quarto dedo; o dedo dela ficava retinho assim com pouca força, ela só conseguia encostar a pele. Depois de dois anos, ela já conseguia fazer um “vibratinho”. Só a naturalidade com que ela usava o quarto dedo e o fato dela sentir uma segurança para fazer um vibrato com o quarto dedo já era uma coisa que me deixava muito feliz. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

O segundo exemplo que ele traz é de uma pessoa adulta que já tinha que dividir o tempo de estudo com o trabalho e que tinha como objetivo ensinar violino na igreja onde frequentava.

Tinha um outro, que era um dos alunos que eu tinha mais satisfação em dar aula; trabalha como porteiro do hotel que fica na esquina do conservatório. É um cara que trabalha das 9h às 18h e quando era 18h01 já estava dentro da minha sala fazendo aula. Ele ia praticamente todo dia depois do trabalho para o conservatório para estudar porque ele não tinha como estudar no apartamento dele porque fazia muito barulho e os vizinhos se incomodavam. Mas ele tinha essa determinação assim, mesmo cansado depois de um dia inteiro trabalhando, ralando, pegava o instrumentinho e colocava debaixo do braço e ia para o conservatório estudar. É um cara que deu um salto muito grande assim de estar tocando com muita dificuldade um concerto de primeira posição com muito esforço para tocar um concerto de Seitz de primeira a quinta posição assim com desenvoltura em questão de dois anos. De fazer o sistema de escalas do Flesch sobre uma corda com os arpejos e tal. Então, é um cara que eu fiquei bem feliz assim com o progresso que ele teve como violinista. Ainda mais porque o objetivo dele era o mais nobre de todos: dar aula na igreja dele para pessoas que não têm acesso. Ele quer montar uma escolinha de música, dar aula de violino lá e poder compartilhar isso. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Os dois exemplos trazidos por Ricardo são de alunos que, ao longo do desenvolvimento musical, foram disciplinados e dedicados, duas características muito presentes nele, dentre outras, que são valorosas para o estudo de um instrumento.

Na sua prática pedagógica, Ricardo sempre aponta para seus alunos os avanços musicais que percebe neles. Ele entende que isso é fundamental para manter o aluno disposto e animado para investir nos estudos.

Eu acho que é muito importante você ter esse momento em que você consiga mostrar para o aluno de que todo esse esforço está tendo um resultado. Mostrar o caminho que ele já caminhou, e mostrar que todo esse esforço foi o combustível, foi o motivo dele ter chegado até ali. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Para ele, esse tipo de atitude parece soar como uma espécie de “recompensa” para o aluno, saber que seu professor o observa e identifica também os pontos positivos, os que estão em desenvolvimento e também os que eventualmente já estejam superados: “ter esse tipo de recompensa é importante porque se não parece que você está sempre devendo alguma coisa, correndo atrás de um objetivo inalcançável e impossível, aí é muito ruim, frustrante para qualquer um” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023).

O entusiasmo e a dedicação de Ricardo como professor, indicam uma atuação docente que busca genuinamente o avanço formativo do aluno como músico e pessoal. Ele se preocupa em conferir sentidos aos esforços do aluno e considerar os objetivos que cada um deles possui para estudar violino. Estes aspectos revelam uma prática pedagógica, que enxerga o aluno para além das questões de conteúdos musicais e técnicas instrumentais.

Atuação profissional como músico

Como já mencionado anteriormente, Ricardo começou a atuar em orquestra ainda quando se preparava para a graduação em música. Seu percurso nesta ocupação foi avançando gradativamente e alcançou o cargo o de *spalla* da

Orquestra Sinfônica do Paraná; cargo que desejava conquistar desde quando ainda era estudante, fala disso com muito orgulho.

Eu sempre soube que queria tocar em orquestra. Então nesse ponto eu me sinto muito bem-sucedido. Porque eu tive uma série de oportunidades e sinto que aproveitei a maior parte delas. Eu estou hoje num cargo que eu gostaria muito de ter quando eu era estudante, quando vim pra cá. Agora eu estou nesse planejamento de ser professor universitário e acredito que estou num bom caminho também porque consegui terminar a pós-graduação e consegui ir bem no processo seletivo⁴⁸. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

No processo de alcançar seus sonhos profissionais, Ricardo destaca o ele considera importante e acredita que seja um fator determinante para o seu desenvolvimento profissional: ética profissional. “Eu tenho tentado manter um código de ética profissional. Desde a comunicação e até essa coisa de estar bem preparado, ou seja, você estar com a roupa certa, a partitura certa, equipamento certo, na hora certa, no lugar certo” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023). Ele ainda conta que já teve que optar por não realizar determinados trabalhos em respeito a agenda com outros compromissos com orçamento menores. Ele acredita que essa postura tem ajudado também no seu reconhecimento profissional. “Já recusei muito trabalho melhor pelo fato de ter me comprometido antes com uma outra pessoa. Eu valorizo isso muito e tenho tentado manter; acho que tenho tido sucesso nisso.” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023). Ele continua:

Pra mim, eu vejo o mercado, pelo menos aqui em Curitiba que é onde eu conheço melhor, de que você tem que construir uma certa reputação profissional de confiança, que é a base de toda relação humana é a confiança. Então você tem que ser confiável, não só na prática da sua atividade, não só tocando, mas também nessas outras relações profissionais de pagamento, compromisso, respeito, todas essas coisas assim que eu vejo que as pessoas, principalmente muitos jovens ignoram isso e acabam se sentindo

⁴⁸Até o momento da segunda rodada de entrevistas, Ricardo Molter aguardava o resultado do edital do processo seletivo que havia participado. O resultado saiu pouco tempo após com resultado favorável. EDITAL N. 056/2023- CPPS - Código 907 - Pg. 9 - <https://progesp.unespar.edu.br/menu-principal/concursos-publicos/concurso-publico/edital-n-035-2023-cpps/editais/edital-n-056-2023-cpps-resultado-final>

vítimas do universo. Porque que não me chamam pra isso? Chamam fulano que não toca tão bem... Porque não é só tocar! Não é só tocar mesmo! Tem que se preocupar em ser uma pessoa decente, não só tocar um instrumento. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Dentre as conquistas profissionais que Ricardo obteve, ele considera que a reputação profissional que construiu ao longo desses anos é um aspecto importante da sua carreira: “esses objetivos de tocar em orquestra ou ser professor, mas de maneira geral eu tenho muito essa preocupação de construir uma reputação profissional. Modéstia parte, eu acredito que tenha conseguido” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023).

Dentre os aspectos da construção profissional de um músico, Ricardo defende que está aberto para tocar diferentes repertórios. Para ele, especialmente no início da carreira, precisa estar disposto a aceitar as oportunidades que surgirem:

Apareceu uma gravação para fazer, vai e faz! Apareceu um evento para tocar, vai e toca! Apareceu uma orquestra, vai e toca! O repertório é diferente? Vai e aprende o repertório diferente! Tem que tocar funk? Vai tocar funk! Tem que tocar HipHop? Vai tocar Hip Hop! Vai tocar samba, vai tocar de tudo. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Como qualquer trabalho, Ricardo destaca que se limitar ao próprio repertório pouco irá contribuir profissionalmente.

Porque quanto mais preconceito você tiver, mais limitado você for nessas escolhas de repertório, mais difícil vai ser de você se colocar no mercado e de conseguir se realizar profissionalmente, economicamente; pra quem sabe um dia conseguir fazer só aquilo que você quer. Muito raro você começar e já fazer exatamente o que você quer e já estar num cantinho bonitinho. Em muitas ocasiões, como em qualquer trabalho. Porque, às vezes, a gente fica muito nessa assim de: “ah, só vou tocar meu repertório”. Em qualquer trabalho, você precisa começar por baixo. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Baseado em sua própria experiência, ele acredita que quanto mais expandir a gama de possibilidades profissionais, maior as chances de se estabelecer profissionalmente. “Mas tem que ter um leque maior; quanto mais experiências diversificadas você tiver e mais habilidades, maior a chance de

sucesso. Pelo menos é o que eu tenho visto e mais ou menos o que aconteceu comigo” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023).

Contudo, ele alerta que é sempre importante buscar opiniões de músicos mais experientes, inclusive para se certificar sobre a valorização do próprio trabalho:

Eu acho que é importante você ter consciência para saber quando você está sendo explorado e quando é realmente uma experiência interessante. Nem sempre é fácil de entender, por isso é sempre bom ter alguém ou algum colega mais experiente com quem se aconselhar; um professor que você confia para não cair em furada, não ser explorado, o que é uma situação horrível. (RICARDO)

Para além destas considerações sobre a atuação profissional, Ricardo parte do pressuposto que a necessidade primeira do músico é preparar-se como músico. Isso o leva a manter uma rotina intensa de estudos de instrumento. Segundo seu relato, um exercício contínuo de não optar pelo caminho mais fácil e manter a disciplina de fazer o que precisa ser feito. Ele mesmo admite que nem sempre conseguiu ser assim o tempo todo e isso requer empenho e estudos diários.

A relação de Ricardo com o seu instrumento é evidentemente muito profunda. Seu relato traz elementos que deixa isso claro. Estar em constante desenvolvimento o faz sentir não apenas bom músico ou bom profissional, mas acima de tudo: vivo! “É uma coisa que para mim é parte da minha identidade e parte de quem eu sou e me realiza pessoalmente muito sentir que eu consigo tocar que eu estou desenvolvendo” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023). Ele não se imagina numa situação em que não tenha que estudar, pelo menos não ainda. Em momentos eventuais em que teve que permanecer sem estudar, ele fala do seu desconforto em não evoluir, em não estar em movimento. “Então pra mim é importante ter tempo pra isso. Quando eu não tenho tempo pra estudar eu fico mal; me sentindo meio ansioso. Talvez nem sempre seja assim, mas agora ainda é bem forte” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

Em momentos pontuais em que Ricardo necessitou focar em outra atividade diferente do estudo do seu instrumento, já sentia segurança de conhecer o repertório da orquestra e saber como se planejar para render em menor tempo a demanda exigida. Essa “maturidade técnica” denominada por ele é resultado de anos de estudo e prática nessa função. Ele conta:

Eu consigo agora ficar mais tranquilo com os tempos distantes do instrumento porque eu sei que eu tenho maturidade técnica e artística para olhar para a pauta da [Orquestra] Sinfônica: “ah, ela tem um concerto dia tal para tocar tal repertório”. Então eu já consigo programar quanto tempo eu preciso para me preparar para tocar aquele repertório naquela época. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Atuação Profissional: gestão do tempo e dedicação

O dia a dia de Ricardo sempre foi muito agitado com seus compromissos profissionais: estudar, tocar e dar aula. Juntamente com essas atividades, administrava sozinho suas tarefas domésticas e vida pessoal. Fazer ajustes na agenda e na rotina para abarcar todas essas necessidades nunca se mostrou ser algo simples de se fazer. “Porque a vida não fica esperando a gente tocar violino ou ficar se preparando para fazer uma prova, a vida vai acontecendo” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

Ricardo acredita que a administração do tempo é uma espécie de equação onde se analisa o tamanho do esforço, tempo gasto e resultados, faz com que se consiga ter uma boa relação de consciência do que é possível ou não ser feito. Nisso, é possível se planejar e organizar os compromissos profissionais, bem como a rotina da vida pessoal para realização eficiente. Segundo ele:

Então, tem que ir adquirindo essa experiência, ter consciência das suas limitações e do tamanho do esforço que você vai ter que empreender para conseguir vencer cada obstáculo. Isso vem com o tempo; mas uma boa orientação consciente pode ajudar muito nisso. Estar começando a administrar o tempo de uma maneira mais eficiente. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Durante o período em que trabalhava na Camerata Antiqua de Curitiba e também como professor de violino no projeto social em Araucária, ele conta

que era possível fazer a manutenção e planejamento do estudo do repertório da orquestra, bem como preparar melhor as aulas que ministrava.

na camerata o trabalho não era tão intensivo e os repertórios não eram tão difíceis assim. Então eu conseguia me dedicar a minha parte de desenvolvimento pessoal e ter tempo para preparar o repertório e para preparar as aulas que eu dava. Isso foi muito importante [no meu] processo de formação. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Muitas pessoas se queixam de ter uma vida repleta de compromissos, ou ainda de ter que se adaptar à rotina de trabalhar durante o período de formação. Ricardo conta que no caso dele, foi uma situação que o preparou para a vida que tem hoje. De certa forma, dar aula de violino e preparar o repertório tinham alguns pontos em comum que faziam com que uma atividade complementava a outra: “facilitou o fato de conciliar a parte profissional com a parte de estudar e se mantendo se desenvolvendo” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

Ao exercer duas funções profissionais simultâneas: professor de violino do Conservatório Municipal de Ponta Grossa e é músico e *spalla* da Orquestra Sinfônica do Paraná, Ricardo se depara com o desafio de se organizar para atuações distintas. Além da rotina de preparo para estar em dia tecnicamente com o seu instrumento, também prepara as aulas dos alunos. Diante das demandas que possui, ele entende que o importante é conhecer o próprio limite e dar equilíbrio aos afazeres:

Eu acho que tem que ter um equilíbrio, e a pessoa tem que conhecer muito bem os seus limites para se colocar em coisas que ela dê conta de fazer. Porque se não, você vai fazer tudo mal feito ou pode até ficar se frustrando. Acho que não vai dar conta de tudo e vai ver que na realidade não consegue equilibrar muito bem. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ele gostaria de investir mais tempo nas atividades que já desenvolve, mas observa que manter um padrão de qualidade profissional exigida pelos seus contratantes, requer mais que isso. Fazer menos atividades, porém com maior atenção e dedicação ao desenvolvimento, resultam em melhor qualidade e conseqüentemente em bem-estar. “Às vezes consciente, às vezes inconsciente

isso influenciou muito também a minha maneira de agir e tomar decisões profissionais aqui em Curitiba também” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

No conjunto das ações, decisões e rotina que Ricardo foi somando ao longo da carreira profissional, está a prática da disciplina de fazer o que precisa ser feito. Ou seja, estudar mesmo cansado e focar no que precisa planejar ou organizar, mesmo com outras demandas simultâneas:

Em vários momentos foi um desafio grande conseguir disciplina assim, força de vontade para mim: “mesmo cansado eu tenho que estudar, porque se eu não estudar isso agora eu não dou conta de tocar aquilo ali”, ou “preciso me concentrar nos meus alunos na hora que eu tô dando aula não posso estar com a cabeça na orquestra ou com outro problema”. Foi um exercício de maturidade e inteligência emocional também para conseguir se manter sob controle, calmo e conseguir render todas essas situações. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Para Ricardo, conseguir administrar seus múltiplos compromissos profissionais além da sua prática de estudos individuais, se deve à prática simultânea de várias atividades desde a graduação: “hoje em dia tenho mais maturidade para equilibrar essa coisa assim de agenda, de tempos e compromisso” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023).

A característica principal que ele destaca na sua narrativa de se manter em constante desenvolvimento: tanto com seu instrumento e conseqüentemente com aulas e demais compromissos profissionais foi a de conseguir sua renda exclusivamente de suas atividades musicais. Toda a sua subsistência em Curitiba se deu unicamente através das atividades musicais que atuou e ainda atua. Ricardo considera um fator facilitador poder estudar e trabalhar na mesma área. Ele é incisivo ao afirmar que não se imagina vivendo de forma diferente.

Para ele um dos combustíveis para se manter disposto em múltiplas tarefas profissionais é estar em desenvolvimento constante, buscando se aprimorar em outras áreas que podem ou não estar vinculadas com a sua atividade principal. Esse tipo de estratégia faz com que a prática de estar

adquirindo novas habilidades não permite que se acomode num estado de inércia profissional:

Eu acho que é muito interessante a pessoa estudar outras coisas. Aprender a dar aula, ou aprender até outras matérias e outras atividades profissionais... é, sempre manter um lugar onde você está se desenvolvendo como pessoa; intelectualmente ou tecnicamente. Eu acho que isso para mim é muito importante. Aí pessoalmente sentir que cada dia eu estou caminhando um pouquinho mais, expandindo mais. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo deixa muito claro o quanto gosta do que faz e o quanto isso o beneficia de modo a proporcionar avanços artísticos e profissionais. Tudo isso está diretamente ligado com a uma dinâmica de vida na qual existe um equilíbrio consciente e intencional. Essa ação é abordada por Higgins (2011) e por Bowman (2012) apresentada no conceito de autocultivo.

O equilíbrio entre as atividades e o fato de manter-se sempre bem-disposto, fez com que Ricardo lidasse de maneira ativa diante de um desafio que colocou em risco sua saúde, devido ao diagnóstico de uma leucemia: “No fim 2021 eu descobri uma doença, e daí [ele faz gestos e sons de coisas desabando] puxa todos os freios de mão. A doença relativamente grave. Pensei: ‘pronto, me lasquei!’” (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023). Nesta época estava cursando o mestrado, e mesmo diante da incerteza e preocupação do momento, Ricardo se coloca em uma posição de tomar atitude se manter ativo na pós-graduação.

Já na ambulância: liguei pro Paulo Egídio (seu orientador de mestrado) e falei: acho que vou trancar o curso porque não sei o que vai ser de mim, talvez eu não saia dessa. Ou vá ficar muito tempo debilitado, vou trancar já. E acabou que não precisou trancar nada e eu entrei numa de: “beleza, então vou continuar até para não ficar me sentindo assim: ‘ah eu sou doentinho, coitado’... vou continuar fazendo tudo que eu tava fazendo”. Mas foi bem pesado. 2022 foi um ano que cobrou bastante de mim. Comecei a fazer terapia porque psicologicamente, fisicamente foi bem desgastante. Tanto que eu não consegui vencer todas as demandas da pós-graduação, vou ter que trancar o curso agora para ter tempo de escrever agora em 2023, por conta dessas dificuldades todas [...]. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

De certa forma, ele acredita que a sua enfermidade tenha sido abreviada devido à sua rotina de ter sempre que lidar com muitas atividades simultâneas. Além disso ele entende que a enfermidade o colocou em um lugar de reflexão importante, a de pensar sempre sobre as prioridades.

Aspectos da prática profissional

Profissionalmente Ricardo afirma que nunca teve nenhuma outra forma de renda além da música. “Não faço mais nada (risos). Apesar de tudo eu tenho quase dez anos de carteira assinada como músico”(RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023).A gestão financeira de Ricardo é feita por ele e mais recentemente, em parceria com sua esposa. Ele adotou uma planilha e isso permite fazer planejamentos:

Então a gente tem uma tabela, uma planilha de Excel, um hábito que a gente começou cerca de um ano. Nem todo mês a gente alimenta porque alguns meses que são mais tranquilos e uns que a gente sabe que vai dar “B.O.” Então eu coloco todas as entradas do casal, os nossos gastos todos e uma tabela para as nossas contas parceladas para gente saber quando que as contas vão acabar; pra gente ter uma ideia de quanto a gente pode gastar e planejar minimamente viagens, compras e coisas do tipo. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Ele acredita que essa preocupação com a receita e as despesas financeiras é uma espécie de herança por parte da sua mãe que sempre teve orçamento apertado. De certa forma, esse costume ele trouxe de casa. “Eu não gosto de dever, não gosto de estar no limite. Apesar de ter pouco, poucas vezes tive num sufoco. A Ray [esposa] pensa parecido e a gente consegue se dar bem nesse aspecto” (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023). Ele continua:

Essa rigidez econômica é uma coisa que está muito internalizada principalmente pela minha mãe que foi uma mulher que sempre lutou muito por essa coisa de “o pobre não tem nada além do nome”. Então a dignidade do pobre é ter o nome limpo! Pra minha mãe isso sempre foi uma coisa muito importante; é ainda! Tendo crescido nesse ambiente de austeridade assim, eu acabei herdando isso também. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

A divulgação do trabalho de Ricardo nos meios de comunicação e redes sociais é feita pelos seus empregadores.

O meu trabalho é divulgado pelos profissionais de divulgação nos lugares onde eu estou atuando. Por exemplo, na sinfônica do Paraná tem a equipe lá de jornalismo e de mídias sociais e relações públicas, que filmam os ensaios, divulgam os concertos. Tem uma página com um mini currículo meu e uma foto no site lá do teatro Guaíra da Orquestra Sinfônica do Paraná. Se você colocar o meu nome no Google, você vai achar a referência de quem sou eu, do que eu faço, onde eu estou trabalhando agora; mas não porque eu coloquei. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Analisando essa parte dos dados, uma parte considerável do equilíbrio profissional apresentado por Ricardo é proporcionado pela administração que faz das suas finanças. Mensurar gastos e investimentos e construir um planejamento financeiro também fazem parte do desenvolvimento e manutenção profissional.

A vida para além da música

A rotina de Ricardo inclui cuidados para prevenção e manutenção do seu bem-estar físico para o melhor desempenho artístico e profissional.

A minha rotina inclui o tema da saúde física desde o final de 2014 que foi quando eu tive um problema relativamente sério, cheguei até em pensar a parar de tocar violino, que foi um problema no meu ombro/braço direito. De lá para cá, eu tenho mantido uma certa rotina de exercícios físicos e de uma série de cuidados com o meu corpo, principalmente no momento em que eu vou tocar violino. Então: aquecimentos, alongamentos e exercícios físicos – corrida, fiz natação e agora estou fazendo musculação – mantenho isso desde então. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Dentre os principais problemas de saúde comuns entre os músicos de orquestra, Ricardo destaca um alista deles e faz um alerta a respeito da importância de uma consciência corporal para evitar ao máximo esse tipo de situação. Ele continua:

O que mais acontece são lesões na musculatura do pescoço, na região da cervical, ou nos ombros, nos punhos, nos cotovelos,

tendinites, bursites, síndromes do túnel do carpo, lesão por esforço repetitivo, distonia focal que é a misteriosa... Então é uma série de problemas que podem acontecer. Pra quem toca muito em orquestra: problemas na coluna e no quadril. A gente tem que ter muita consciência corporal. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

No caso de Ricardo, além dos cuidados com o corpo ele também sentiu necessidade de fazer um acompanhamento psicológico para auxiliar na manutenção de toda situação que estava atravessando. Ainda faz um alerta, especialmente para os homens, de não deixar a situação se tornar crítica para só então buscar ajuda.

Por outro lado, só fazer exercício para muita gente não é o suficiente para garantir a saúde mental; então eu comecei a fazer terapia depois do diagnóstico de leucemia. Mas não quer dizer que antes não precisasse... Mas normalmente a gente espera estar no fundo do poço para poder ir buscar ajuda; característica complicada principalmente da maioria dos homens. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

A consciência de Ricardo sobre manter-se saudável fisicamente e emocionalmente é um fator que, certamente, contribui para que siga com disposição as suas múltiplas ocupações.

A respeito de lesões e saúde mental de músicos, temos por referência: Vieira (2008) a respeito das práticas corporais e a técnica de Alexander; Moura, Fontes e Fukujima (2000) sobre as doenças ocupacionais em músicos; Fragelli e Gunther (2009) que trata sobre a relação de dor e antecedentes de adoecimento físico; Moraes e Antunes (2012) que discorre sobre distúrbios musculoesqueléticos em violinistas e violistas profissionais e Gonçalves (2007) que aborda sobre a consciência corporal na prevenção de lesões em instrumentistas.

Além dos cuidados consigo, Ricardo destaca a importância dos laços familiares para sua vida. A ligação com sua família de origem é um traço latente em Ricardo. No decorrer da entrevista, sempre que ele citou algo relacionado aos seus pais, em especial a sua mãe, a voz fica mais embargada e às vezes se inclina mais para frente falando com a voz num tom mais brando. Ele conta que

principalmente no início da sua vida em Curitiba, esse contato próximo com a família, mesmo que por telefone na maioria das vezes, foi fundamental para o seu equilíbrio emocional. Ele afirma que faz ligações diárias para os seus pais desde que saiu de casa e que mantém esse hábito há quatorze anos. Esse contato diário é a forma encontrada por Ricardo de se manter presente com a sua família.

Eu tenho uma ligação bem íntima com a minha família: com meus pais. A gente sempre foi muito unido. [...] E até hoje eu mantenho uma relação muito próxima com os dois. Eu faço um troço que eu descobri depois que não é comum, porque essas famílias são todas bem diferentes. Então eu cultivei um hábito que por um lado foi importante, por outro lado tem que saber trabalhar para não se tornar uma dependência emocional. Eu ligo para saber como eles estão. Todos os dias. Faz 14 anos! Não é para todo mundo que é saudável. Tem gente que sai de casa justamente para se desvincular de uma relação tóxica ou de abuso ou de coisas assim. Mas no meu caso foi muito importante até para manter minha saúde psicológica no tempo que eu fiquei aqui. Porque no começo aqui eu tinha bastante dificuldade financeira e não conhecia tanta gente assim, isso deixou a coisa ser mais fácil eu acho assim no começo. Tinha bons amigos, um ciclo pequeno e próximo assim de amizades do qual você faz parte. Mas em muitos momentos a gente fica assim estranho, “fora de mim”. Ter essa relação próxima com a família me ajudou bastante. (RICARDO MOLTER, entrevista em 22/01/2023)

Ricardo estende este vínculo para com sua irmã e sobrinhos, que sempre estiveram presencialmente nos principais momentos de sua vida. A família de Ricardo sempre foi muito religiosa. Ele conta que sua educação foi dentro da igreja católica e que na sua infância e adolescência esteve bastante envolvido com as atividades onde frequentava. Como católico, fez todo o processo de formação que a instituição apresenta como modelo para adolescentes a cumprir.

De uma maneira muito intensa! Muito presente! Eu fui criado na igreja católica. Minha primeira referência religiosa foi a minha avó; aquela que me levou para o violino. Ela era muito religiosa. Eu cresci participando muito da vida da igreja católica. Fiz catequese por cinco anos, primeira eucaristia, crisma, cantei no coral da igreja por dois anos. Então toda essa cultura religiosa da igreja católica esteve muito presente na minha vida pelo menos até os meus dezesseis anos. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

Depois que deixou a casa dos pais e foi morar em Curitiba, Ricardo se afastou das atividades religiosas e se considera uma pessoa descrente. Contudo, ele atribui valor para as práticas de fé e afirma se beneficiar das manifestações religiosas de seus pais. O fato de eles estarem orando por ele traz um pouco de conforto, consideravelmente mais depois do diagnóstico de leucemia. De certa forma, ele também considera isso muito positivo por se sentir amado e acolhido durante esse tipo de situação. Nas palavras dele:

Mas, nem de longe eu desconsidero a importância da religiosidade, da espiritualidade. Em alguns pontos inclusive, eu lamento em ter perdido a fé; porque eu entendo que em muitos momentos das nossas misérias humanas isso ajuda muito; ter fé como uma ferramenta de esperança e de consolo também. Meus pais, minha mãe principalmente, exponencialmente mais depois do meu diagnóstico de leucemia; então eles estão sempre orando muito por mim, pensando sempre nisso e eu sempre agradecendo muito. Essa manifestação da religiosidade deles é um jeito deles comunicarem o amor que eles têm por mim. Pra mim, isso é muito bom. É um porto seguro saber que eles estão preocupados comigo, dedicando esse tempo, esses pensamentos, essas orações. Pra mim é muito bom. Apesar de ser ateu, eu sinto os efeitos da religião na minha vida. (RICARDO MOLTER, entrevista em 23/11/2023)

A rotina da vida de Ricardo apresenta um sistema onde os elementos que compõem a dinâmica de manutenção e conservação profissional estão diretamente ligada com o equilíbrio desses elementos na sua vida pessoal. No campo profissional: tocar em orquestra, dar aulas de música, estudar. No pessoal: cuidados com o corpo, alimentação, hobbies, tempo de qualidade com a família, espiritualidade, gestão financeira. Todos esses elementos fazem parte de um sistema em que resultam numa vida profissional e pessoal mais equalizada. Esse modelo está relacionado com o conceito apresentado por Higgins (2011), o autocultivo em todas as áreas da vida, em busca de um equilíbrio sistemático resultando em uma melhor qualidade profissional e pessoal.

Finalizando a pesquisa

O presente trabalho buscou compreender a atuação profissional de dois violinistas, músicos-professores, que se mantêm ativos como performers e professores, e equalização com a vida pessoal. Neste sentido, buscou compreender como esse processo acontece na vida prática, através das narrativas de profissionais que estão inseridos neste campo de atuação. Interessou entender como eles equilibram as atividades da performance, docência e demais áreas da vida; como gestam suas demandas pessoais juntamente com a sua atuação profissional; bem como entender como ocorreu o percurso acadêmico e profissional. A pesquisa adotou a abordagem qualitativa e a construção de dados ocorreu através de entrevistas narrativas. O embasamento dessa pesquisa teve como referencial teórico os conceitos de Autocultivo e Ética Profissional abordados por Chris Higgins (2011) e Wayne Bowman (2012) e o conceito de Qualidade de Vida apresentado por Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero (2021).

Os relatos de Simone Savytzky e Ricardo Molter sobre suas trajetórias formativas e profissionais trazem fatores que moldaram e direcionaram o percurso profissional que seguiram. A maneira como gestaram e ainda gestam suas carreiras foi e é fundamental para promover o autocultivo em suas práticas profissionais. Nas entrevistas relataram aspectos que impactaram tanto no processo de formação e atuação musical, quanto na qualidade de vida; aspectos esses regidos por uma postura ética em suas práticas profissionais.

Os depoimentos de Simone revelam seu posicionamento e busca de uma formação e atuação alinhadas com objetivos musicais e profissionais definidos.

Ainda na década de 1980, ela ingressa em um curso superior, após inicia uma atuação profissional ocupando uma posição de liderança na Orquestra Sinfônica do Paraná (*spalla*) – um cargo comumente ocupado por homens – e mais tarde vai para EUA fazer o mestrado. Neste percurso ela investe ainda na docência e constrói uma reconhecida carreira como professora de violino. São situações significativas que impactam sua história de vida profissional e pessoal regidas pela sua postura ética – Higgins (2011) e Bowman (2012).

Ricardo, três décadas após, percorre um trajeto com pontos que, de alguma forma, se relacionam com o percurso de Simone. Ele se muda do interior para a capital para investir em sua formação e iniciar uma carreira profissional, ocupando mais tarde o mesmo cargo de *spalla* e também se dedicando ao ensino do violino. Essa mudança de localização foi fundamental para que o processo de desenvolvimento e nas palavras de Higgins (2011) necessário para o seu florescimento e autocultivo. Os aprendizados e novas experiências adquiridas após essa medida foram significativos para o seu desenvolvimento contínuo.

Na história de Simone há o fato de ela ser neta de imigrantes ucranianos, que cultivavam a música no ambiente familiar, local onde ela começou a estudar música de forma sistematizada ainda criança. Além disso, sua família estava estabelecida na capital do estado, o que certamente favoreceu o acesso ao bacharelado em violino.

Na história de Ricardo, destaca-se o interesse do avô de origem alemã pelo violino, que mais tarde vai determinar sua escolha de vida. Os valores e práticas culturais nordestinos perpassam sua infância por meio da origem materna e confere a ele um modo de vida calcado em buscas de melhores condições financeiras do investimento na educação. O apoio dos pais para seus estudos e suas afirmações do quanto seu faturamento mensal, a partir de atividades musicais remuneradas, favoreceu sua família.

Esses movimentos em busca da realização dos seus sonhos tiveram interferência direta na qualidade de vida - Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero (2021). Em ambos os casos, os movimentos proporcionados por essa procura

por desenvolvimento pessoal e profissional - autocultivo - influenciou diretamente o futuro das suas vidas.

O relato de ambos colaboradores confirma que o apoio da família foi fundamental para a realização dos seus objetivos: reconhecimento, apoio emocional, oferecer as condições disponíveis para que fosse possível estudar e estabelecerem-se profissionalmente. A relação familiar de ambos é bastante próxima. Este aspecto contribuiu para um alicerce sólido de segurança emocional e apoio afetivo necessário para os percursos formativos e a carreira profissional dos entrevistados.

A respeito do apoio familiar pela escolha da música como profissão, Simone relata que isso aconteceu de maneira “muito natural”. Talvez o fato de a música estar presente no cotidiano familiar tenha colaborado para que esse apoio tenha ocorrido. No caso de Ricardo, embora em um tempo e uma realidade diferente, o papel da avó foi decisivo para sua escolha instrumental e o desdobramento profissional. De modo diferente ele também recebeu o apoio familiar, seus pais não se opuseram à opção dele em escolher a música como campo de estudo e atuação.

Uma característica que aparece em ambos os relatos é a personificação do músico em membros da família. No caso de Simone, em seu relato ela é a terceira geração (pode ser que seus ancestrais também fossem músicos) em que a atividade musical se faz presente: seus avós tocavam e sua mãe é musicista e suas duas irmãs também; uma família onde a música está muito presente. Para Ricardo, a figura do seu avô paterno que era violinista amador é reconhecida dentro da sua família como um legado cultural. O violino foi guardado e a ele atribuído um valor significativo. Seus tios e pai não optaram pela música e a sua avó paterna insistiu para que ele fizesse aula de violino para herdar o instrumento que era do avô. Para ele, ser músico e especialmente violinista está também relacionado a valor familiar. A postura ética que adotaram profissionalmente é calcada nessas ligações familiares e os significados nelas empregados.

O cultivo de um sonho com música e a elaboração de objetivos neste viés se fazem presentes nas histórias de Simone e de Ricardo. Apesar de todos os desafios, o ímpeto da busca pela realização dos objetivos alimentados por seus sonhos é algo que parece sustentar e conduzir suas trajetórias. Nenhum deles apresenta algum tipo de sentimento de arrependimento ou dúvida em relação as suas escolhas. Além disso, ambos afirmam se sentirem realizados. O autocultivo - Higgins (2011) e Bowman (2012) - das suas práticas profissionais mostrou ser alimentado pelo ímpeto da busca de realização dos seus sonhos.

Tanto para Simone quanto para Ricardo, sair do seu local de origem para adquirir experiência e formação teve impactos significativos que reverberaram nos aspectos artísticos, profissionais e pessoais. Embora Simone tenha cursado sua graduação na mesma cidade em que nasceu, sua ida temporária aos EUA conferiu-lhe experiências marcantes que contribuíram no seu processo de identidade profissional: ser aluna estrangeira, aprender um novo idioma e uma nova cultura acrescentaram elementos importantes ao seu desenvolvimento não apenas profissional, mas também pessoal. De maneira semelhante, Ricardo saiu do interior do estado para morar na capital. Uma nova dinâmica de vida que trouxe vivências das quais não teria acesso no seu local de origem. Esse passo, para ambos colaboradores, foi o mais importante das suas carreiras.

Ambos os entrevistados mencionam o significativo papel dos seus professores em suas vidas, especialmente no momento em que mudam da cidade de origem e novas referências profissionais são estabelecidas. Eles contam que seus professores deixaram mais do que um legado técnico, estabeleceram laços entre a relação professor-aluno que ainda hoje reverberam em suas atuações no ensino de música. Os nomes desses professores aparecem repetidas vezes nas suas narrativas e fica evidente um sentimento de respeito, admiração e gratidão.

A formação musical dos entrevistados da pesquisa evolui de aulas particulares de instrumento para o curso de nível superior e posteriormente de pós-graduação. Nas diferentes etapas de formação, ambos mencionam que estiveram trabalhando paralelamente e se retroalimentaram. O crescimento

profissional e o constante investimento formativo seguiram como prática mesmo após os cursos formais. Mesmo não estando mais dentro do ambiente acadêmico, as leituras, o estudo do instrumento, a busca por diferentes abordagens metodológicas seguem presentes na vida de Simone e de Ricardo. Essa prática, juntamente com as suas atividades profissionais exige disciplina no que se refere à gestão de tempo e energia. No relato deles, esse esforço para que essa dinâmica aconteça é recompensada pelos resultados alcançados.

As práticas profissionais de Simone e Ricardo se configuram em especial nas atividades de performance e no ensino do instrumento. Cada uma delas tem características únicas, mas que se retroalimentam. O início das carreiras dos entrevistados estava mais centrado na prática instrumental - tocar em orquestras e fazer cachês, por exemplo. Contudo, conforme os anos passam suas atividades profissionais se ampliam para as atividades de ensino. Ambos afirmam sentirem prazer nestas atividades, de modo que nenhuma das ações se configura em uma “profissão de ajuda” Higgins (2011) - ao contrário, eles atribuem ganhos importantes, como sentirem-se desafiados a manterem-se estudando, ter prazer no que fazem e obterem retornos financeiros correspondentes aos esforços empreendidos.

A estabilidade profissional em música que ambos os entrevistados possuem, por serem músicos de uma orquestra, permite certa tranquilidade financeira, bem como demanda a dedicação nos estudos do instrumento. Para Simone e Ricardo, ter essa segurança principalmente financeira é um fator que favoreceu investimento em si mesmo (estudando e se atualizando). Além da orquestra, Simone consegue atuar como professora de violino e administrar uma empresa de eventos no campo da música. Para Ricardo, além da orquestra, também atua como professor e deseja seguir também uma carreira de professor universitário.

Em todo o percurso dos entrevistados, tanto formativo quanto profissional, a disciplina nos estudos e o comprometimento estiveram sempre presentes. Ter disciplina com o estudo do instrumento, manter uma disciplina nas atividades profissionais e na vida pessoal. A gestão de tempo também

aparecer como um aspecto importante para que consigam corresponder aos compromissos profissionais e pessoais.

A gestão financeira também está presente nas vidas de Simone e Ricardo. Eles afirmam terem um controle sistematizado de seus ganhos e investimentos. Eles fazem suas próprias contabilidades tendo total controle sobre entradas e saídas de valores, sempre com planejamento. Os investimentos, aplicações, gastos extras, são fiscalizados por uma planilha em que conseguem visualizar toda movimentação financeira.

Os cuidados com a saúde que Simone e Ricardo adotaram para a sua rotina são pertinentes aos seus estilos de vida. Simone gosta de fazer caminhadas, cozinhar e eventualmente realizar viagens a lazer. De alguma forma se sente reabastecida. Nesse mesmo sentido, Ricardo possui uma rotina de cuidados e atenção a sua saúde, com atividades de corrida e musculação regulares e disciplina na alimentação equilibrada, visando sempre o bem estar físico e emocional. Ambos separam tempo de qualidade com suas famílias; estar com as pessoas da família é uma ação cultivada por eles. São medidas que não negociam com outros compromissos. Esses fatores têm ligação com a qualidade de vida - Ruidiaz-Gómez e Cacante-Caballero (2021) - que optaram por fazer parte das suas rotinas de vida.

Simone relata que já investiu em outras atividades, pontualmente, além da música; todavia seu trabalho com música se manteve constante. Mesmo assim, ela considera que foram importantes para o seu desenvolvimento e autocultivo. Ricardo sempre focou na música e não desenvolveu outra atividade profissional diferente de música. No momento ainda não tem pretensões.

Os dados construídos na pesquisa mostram que os entrevistados cultivam suas escolhas profissionais, mantendo-se em formação constante e contribuindo com seus papéis profissionais e sociais. Eles se mantêm ativos como performers e como professores de instrumentos e, a partir destas frentes de trabalho progridem e se realizam nas diferentes esferas da vida. Os dados

indicam que essas duas atividades profissionais podem coexistir e se retroalimentar desde que essa ação seja intencional e sistematizada.

Durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa, eu não imaginava os desdobramentos e a abrangência que os dados construídos iriam abordar. Mesmo já estando próximo da data marcada para as entrevistas e com o roteiro norteador previamente preparado em mãos, percebi que há detalhes que apenas estando no lugar de pesquisador são possíveis de serem observados, sentidos e compreendidos.

Durante o processo da construção dos dados fui impactado pela generosidade com que meus entrevistados trouxeram parte de suas histórias. Em diversos momentos a fala estava carregada de emoção e a disposição deles em contribuir com a pesquisa levou-me a concluir o quanto eu estava sendo presenteado pela oportunidade de ter acesso a muitas informações que mais tarde tornaria um texto acadêmico. O conteúdo das falas, a luz dos autores que sustentaram a pesquisa, e o processo artesanal de feitura da dissertação, resultou em dados importantes sobre o cultivo e a manutenção profissional de dois músicos-professores. Os dados, analisados a partir dos conceitos teóricos adotados, fortaleceram e conferiram maior sentido à teoria, ao mesmo tempo em que adquiriam um sentido sustentado pelo suporte dos autores. Longe de esgotar o assunto, este relatório de pesquisa contribui para uma melhor compreensão de aspectos relativos ao ser e estar atuando como músicos-professores no campo da música.

Referências

ADENOT, Pauline. **A questão da vocação na representação social dos músicos.** 2010. Proa: Revista de Antropologia e Arte, Campinas, v. 2, n. 1, p.1-15, nov. Tradução de: Clotilde Lainscek. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/paulineadenotPT Acesso em: 29 dez. 2016.

AQUINO, Thaís Lobosque. **O músico anfíbio: um estudo sobre a atuação profissional multiface do músico com formação acadêmica.** Dissertação de mestrado. Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2007. Goiânia: UFG, 2007.

BARTZ, Guilherme. **Identidade profissional e música erudita: músicos de orquestra, trabalho flexível e os dilemas da profissão.** 2020. Artigo Revista OPUS. V. 26 n.1.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

BOWMAN, Wayne. **Practices, Virtue Ethics, and Music Education Educating.** 2012 An issue of Action, Criticism, and Theory for Music Education devoted to dialogue about Chris Higgins' The Good Life of Teaching: An Ethics of Professional Practice Wiley-Blackwell 2011 ISBN-10: 1444339303 ISBN-13: 978-1444339307

BRIETZKE, Marta Macedo; OLIVEIRA, Mário André Wanderley; PRESGRAVE, Fabio Soren. **Tocar é aprender e ensinar, e ensinar e aprender é tocar: reflexões sobre a ideia de Professor Propositor Performer.** Revista da Abem, v. 31, n. 1, e31112, 2023.

CINTRA, Sones. CORREIA, Léia. TENO, Neide. **Uma Metodologia Para Compreender Experiências Formativas.** Brazilian Journal of Development. 2020.

CHAGAS NETO, Antônio. **Tornar-se Professor Particular de Violino: uma pesquisa biográfica.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens.** Porto Alegre: Penso, 2014.

FRAGELLI, T. B. O; GUNTHER, I. A. **Relação entre dor e antecedentes de adoecimento físico.** Per Musi, Belo Horizonte, n.19, p. 18-23. Belo Horizonte, 2009.

GOMES, Celson. **Formação e atuação de músicos de rua: possibilidades de atuação e de caminhos formativos.** Revista ABEM v. 11, n. 8 – 2003.

GONÇALVES, Alexandre. **A Consciência Corporal na Prevenção de Lesões em Instrumentistas.** XVII Congresso da Anppom. São Paulo, 2007.

HIGGINS, Chris. **The Good Life of Teaching: An Ethics of Professional Practice**. Chichester, UK. Wiley-Blackwell. First Edition. The journal of philosophy of education book series.2011.

JUNQUEIRA, Mariana. **A escola como palco de formação: experiências que compõem o músico professor**.Dissertação de Mestrado. Universidade Regional de Blumenau – SC, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. Atualização da edição João Bosco Medeiros. - 9.ed. – São Paulo : Atlas, 2021.

MORAES, Geraldo Fabiano de Souza, ANTUNES Adriana Papini. **Desordens musculoesqueléticas em violinistas e violistas profissionais - revisão sistemática**. Acta OrtopBras, 20(1):43-7. 2012.

MORATO, Cíntia. **Estudar e trabalhar durante a graduação em música: construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2009.

MOURA, R.C.R; FONTES, S.V.; FUKUJIMA, M.M. **Doenças Ocupacionais em Músicos: uma Abordagem Fisioterapêutica**. Rev. Neurociências, v.8, n.3, p.103-107. São Paulo, 2000.

PENNA, Maura. **Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação**. Revista ABEM V. 18, n. 23 – 2010.

PIMENTEL, Maria Odília de Quadros. **Traços de percursos de inserção profissional: um estudo sobre egressos dos conservatórios estaduais de música de Minas Gerais**. Revista ABEM V. 23, n. 35 – 2015.

PIMENTEL, Maria Odília de Quadros. **Inserção Profissional de Egressos dos Cursos Técnicos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais: Inter-relações da formação e do trabalho/emprego**.Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

REIS, Leandro. **Músico na sala de aula ou professor no palco? Significações de licenciandos em música - Encontros possíveis**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

REIS, Nicole. **Narrativas de vidas reais: um estudo sobre as aspirações profissionais dos jovens do Guri**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá-PR, 2023.

RUIDIAZ-GÓMEZ, KeydizSulay. CACANTE-CABALLERO, Jasmin Viviana. **Desenvolvimento histórico do conceito de Qualidade de Vida: uma revisão da literatura**. ISSN-PRINT 1794-9831 / E-ISSN 2322-7028 Vol. 18 N° 3 / sep - dic, Cúcuta, Colombia. <https://doi.org/10.22463/17949831.2539> - Revista Ciência e Cuidado – ScientificJournalofNursing, 2021.

SILVA, Bruna Williena. **Parentalidade e Intergeracionalidade: Processos (in)visíveis de educação musical**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR. 2023.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre, RS: UFRGS, p. 33-44. 2009.

TORRES, Renata Ferraz. **Gratidão e individuação: revisão e reflexões**. *Junguiana* [online]. 2022, vol.40, n.1, pp. 177-186. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252022000100008

VIEIRA, Alexandre. **Trajetórias profissionais formativas em música: um estudo com estudantes do curso técnico em instrumento musical do instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Ceará - Campus Fortaleza**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

VIEIRA, Maria do Rocio R. I. Técnica de Alexander e o Violonista: **A Educação Somática, a Técnica de Alexander Como Influências no Movimento organizacional, às Práticas Corporais na Área da Música**. In: Anais do II Simpósio Acadêmico de Violão da Embap. Curitiba, 2008.

WEBER, Vanessa. **Saber tocar e saber ensinar: os saberes mobilizados na prática pedagógica do professor de instrumento**. Artigo Revista OPUS v. 25, n. 2 - 2019

Apêndices

Apêndice 1 - Roteiro de Entrevista - 1ª Rodada

1. Iniciação Musical e Histórico familiar

- Fale do seu histórico familiar
- Conte sobre o interesse em estudar música / processo de educação musical

2. Formação Acadêmica

- Processo de preparo para o vestibular em música?
- Quais os cursos feitos? Graduação, Especialização, Mestrado, Doutorado, cursos de aperfeiçoamento...
- Época da graduação e mestrado. Houve apoio financeiro da família?
- Em algum momento você pensou em mudar curso?
- Fale de suas experiências como aluno de instrumento.
- Como foi a relação professor-aluno ao longo da formação?
- Em que momento ou situação você se entendeu como profissional na sua área?

3. Atuação Profissional

- Quando e como iniciou sua atuação profissional?
- Quais as principais frentes de trabalho que você atua? Qual o vínculo empregatício com estas frentes?
- Há quanto tempo realiza esses trabalhos?
- Como você se identifica como profissional em música?
- Já teve que realizar alguma outra atividade profissional além da música?
- O que você tem feito para se manter musicalmente em forma com seu instrumento e ao mesmo tempo dando aulas?
- Além da formação técnica em instrumento, já realizou algum curso de formação pedagógica?
- Pode falar sobre a gestão financeira?
- Para você, o que é indispensável para ter uma vida financeira estável sendo músico?

- Quais os principais desafios do músico profissional dentro do ambiente de orquestra?
- No mundo globalizado e nesse período pós pandemia, o que você considera indispensável para o profissional de música no palco e em sala de aula?

4. Cuidados com a saúde

- Realiza regularmente alguma atividade física?
- Já teve alguma lesão ou algum outro problema de saúde causado pela sua atuação profissional?
- Faz acompanhamento terapêutico?
- Cuidados com sono, alimentação e lazer?
- Já necessitou fazer uso regular de algum tipo de remédio ou intervenção cirúrgica?
- Quais cuidados com o corpo você considera indispensáveis para se manter ativo como músico profissional?

5. Vida Pessoal

- Idade?
- Estado civil?
- Possui Filhos?
- Mora com a família?
- Quanto tempo de qualidade você consegue investir semanalmente com as pessoas da sua família?
- O que você tem feito para melhor administrar o tempo para conciliar vida profissional com sua vida pessoal?
- Quais seus planos para o futuro?

6. Empreendedorismo

- Você possui empresa?
- Sua renda mensal é o suficiente para você e seus dependentes?
- Como que você investe seu dinheiro?
- Além de tocar e dar aulas, você possui alguma outra atividade profissional?

Apêndice 2 - Roteiro de Entrevista – 2ª Rodada

1. Sobre nosso último encontro (entrevista), conversamos sobre sua trajetória, formação e atuação profissional. Você teria algo a mais que gostaria de acrescentar?

2. Você tem alguma informação que gostaria de preservar e manter apenas na nossa conversa, sem ir para o trabalho escrito?

3. Sobre os pilares da sustentabilidade - conservar, manter e preservar – Se aplicam basicamente no meio ambiente, sociedade e economia. O que ou quais características você considera mais importantes para sua carreira como músico?

4. Meio ambiente:
 - Aplica alguma medida de preservação do meio ambiente na sua prática profissional? (copos plásticos, papéis, garrafas de água, separa o lixo...)
 - Usa qual meio de transporte para ir até o local de trabalho?
 - Usa partituras de papel ou digitais?
 - Existem iniciativas com construção de instrumentos com materiais que causam menos impacto, já ouviu falar sobre?

5. Sociedade:
 - Sobre sua saúde física e emocional, (saúde do músico) sua rotina pessoal inclui cuidados que observam esses pontos?
 - Sobre família, religião e espiritualidade: como fazem parte da sua vida?
 - Esses elementos já tiveram algum tipo de impacto na escolha do seu repertório?

6. Economia:

- A sua renda hoje é exclusivamente de música?
- A respeito de gerenciamento financeiro: como funciona a gestão e planejamento financeiro. Possui um contador?
- Sobre marketing profissional. Existe alguma divulgação sistematizada do seu trabalho?
- Gerenciamento profissional: você segue um planejamento da sua carreira artística?
- Sobre precificação de serviços: quais os valores hoje que são cobrados dos alunos e valores cobrados para cachê em eventos. O que você considera importante para estabelecer estes valores?

7. Performance e Docência:

- Conte a respeito do seu processo de construção de um concerto e rotina de estudos.
- Qual apresentação sua você considera ser a melhor da sua carreira até hoje e por quê?
- Aplica alguma pedagogia específica ou método nas suas aulas?
- Como é basicamente a estrutura de uma aula sua?
- Algum case de sucesso?
- O que você considera mais importante para manter o aluno motivado?
- Música/Profissão de Músico/Professor de Música na pandemia e pós-pandemia. Houve mudanças? Quais?
- Gostaria de deixar uma mensagem para as pessoas que estão começando esse processo de profissionalização em música?